

ABRINDO SULCOS E TRACADOS: O BORDA DA ÉNCRUZILHADA

Realizar uma publicação periódica é um ato de coragem e comprometimento. *Jornal de Borda* chega ao seu quarto ano e sexto número com 48 páginas, quase 40 colaborações de pessoas que moram em diversos países: Brasil, México, Argentina, Chile, Portugal e Nicarágua. O formato mudou, de tabloide para germânico, para que assim pudéssemos abrigar os dois fac-símiles aqui contidos.

Um de nossos fac-símiles, *Nuestra Tribuna*, produzido por mulheres anarquistas, editado por Juana Rouco, durou três anos (1922-25) e teve 39 edições. Nasceu da prática militante de Juana em encontro com suas companheiras de luta, como nos conta Laura Fernández Cordero na sua participação no *Borda*. Juana viajou por toda a Argentina e teve passagem por outros países (como o Brasil, de 1914 a 1917). Iniciou em Necochea (cidade a 528 km de Buenos Aires) junto com Fidela Cuñado, Teresa Fernández, María Fernández. *Una hojita del sentir anárquico femenino, una pequeña y grande tribuna de ideas, arte crítica y literatura*, assim elas se remetiam ao jornal em cartazes para divulgá-lo. *Nuestra* tinha uma perspectiva transnacional, antimilitarista, anarquista e comprometida com os saberes das mulheres operárias. Seguramente quando veio ao Brasil, Juana conheceu parte das mulheres que depois formariam a União de Costureiras, e mantiveram contato, e há indícios de que as cariocas conheciam *Nuestra* e faziam referência a ela em *O Nosso Jornal* pois há dois nomes muito próximos aos de Juana Rouco e Fidela Cuñado (Fidola Cuñado e Joana Rocco) entre os das que assinam a edição única. Uma edição manifesto e simbólica, lançada no Primeiro de Maio de 1923 e anunciadora da criação do Grupo pela Emancipação Feminina.

Juana Rouco, antes de *Nuestra Tribuna**, pensou publicações em seu conteúdo e forma, como é o caso da criação de *Nueva Senda* no Uruguai: todo o aparato do jornal no seu início ficava com ela em sua casa. As experiências ocupavam espaços diminutos. Ao ler sobre a família Soares (Maria Antonia Soares, Maria Angelina Soares e Florentino de Carvalho eram alguns deles), moradora de São Paulo em parte da Primeira República, descobre-se que a Rua da Mooca 292 A Sobrado, que se localizava no bairro homônimo, foi sede de diversas organizações anarquistas, como: Escola Nova, Liga Operária da Mooca, União dos Sapateiros e o Centro Feminino de Jovens Idealistas, além de ser a casa onde os Soares viviam. Mesmo quando não era a casa um lugar de produção, as pequenas e mal iluminadas tipografias eram o ambiente. Edgard Leuenroth, pensador anarquista, jornalista e tipógrafo, produziu seus jornais ou auxiliou outros anarquistas em ambientes como fundos de cortiços ou em pequenas tipografias, como a que existiu na Rua Santa Cruz da Figueira no Brás; na calada da noite, traçando linhas, ajustando textos e comportando o conteúdo em um desenho de página peculiar e próprio, Leuenroth realizou como voz coletiva *A Plebe*, que seguramente tem em si um pensamento impresso anarquista impregnado na forma e não apenas no conteúdo. As publicações são destaque da participação aqui de Lucia Parra, que fala das bibliotecas e da distribuição dos periódicos. O Brasil das décadas de 1900, 1910 e 1920 era um país com pouquíssimos recursos técnicos e tecnológicos de produção gráfica, a imprensa como prática “livre” foi instaurada por decreto, e nossa primeira tipografia legalmente reconhecida foi a oficial (Impressão Régia em 1808). Antes disso, qualquer prática tipográfica ou de produção editorial era considerada ilegal, há notícia de uma tipografia estabelecida no Rio de Janeiro em 1747 por Antonio Isidoro da Fonseca e fechada pela Corte; e, mesmo quando houve legalidade, o jornal de maior circulação, o Correio Braziliense (1808-1820), não era impresso aqui, e sim em Londres e distribuído de forma clandestina em seus primeiros anos.

**Nuestra Tribuna* não foi a primeira publicação realizada por mulheres anarquistas e coletivamente que se tem notícia na Argentina. No final do século XIX existiu naquele país *La Voz de la Mujer*.

Não se conhecem outras publicações coletivas feitas completamente por mulheres anarquistas no Brasil da Primeira República**, além de *O Nosso*. Mas pode ser que existiram e se perderam, afinal questões importantes circundam as práticas das anarquistas: a repressão política e policial sofrida; o apagamento histórico das mulheres e a destruição de materiais por elas mesmas como forma de preservarem suas vidas e não comprometerem companheiras e companheiros de luta. Maria Lacerda de Moura no mesmo ano editou *Renascença*: uma revista de arte, cultura e pensamento; a publicação recebia colaborações textuais anarquistas e socialistas e de feministas e escritoras, não sendo uma edição realizada apenas com mulheres ou com anarquistas. Todavia, Maria Lacerda é um exemplo de publicadora autônoma e livre pensadora que tinha no ato de produzir o seu texto em página, como prática militante, mas sob um preceito individualista.

Pesquisadoras de mulheres anarquistas, entre elas Samanta Colhado Mendes que participa deste *Borda*, afirmam que as anarquistas não pretendiam criar uma cisão dentro do movimento e viam-se muito mais próximas ao que o anarquismo dizia e praticava sobre emancipação da mulher, como integrante da emancipação humana e social, que do feminismo naquela época. Nos anos 1920, o feminismo era uma prática política fortemente marcada pelas lutas ao sufrágio, ao direito à propriedade privada e era porta-voz de um perfil de mulher: a burguesa. Logo, as anarquistas que se afirmavam como operárias e

mulheres fortaleceram-se no interior do anarquismo complexificando-o. O ideário anarquista relaciona-se com as práticas afetivas e sexuais, como demonstra Margareth Rago (2007), em um de seus textos a respeito: “os anarquistas propuseram a constituição de novas formas de relação afetiva, sexual, familiar, defendendo o fim do casamento contratual e monogâmico, o amor livre, o direito ao prazer, a ausência de regras rígidas codificando os sentimentos e as emoções”.

Duas formidáveis correntes se entrecrocavam e se desafiavam rudemente: o passado não cede, facilmente, o lugar ao porvir. Forças igualmente grandes, igualmente poderosas se arregimentam e se armam na defesa de seus princípios e vêm bater-se na arena social. Estamos em frente de dois exercícios majestosos. Um tem, forçosamente, de ceder tudo ao outro, em uma transmutação de valores morais. São incompatíveis o dogma e o pensamento livre, o princípio de autoridade e o princípio de liberdade, o preconceito e o bem-estar pessoal. É a encruzilhada. É preciso decidir friamente e optar por um ou por outro dos dois exércitos combatentes.

PARTICIPAÇÕES COM ANARQUISMO As edições fac-símiles são cruzadas por participações de pessoas que se debruçam seriamente na pesquisa sobre o anarquismo e os anarquistas. Além das citadas Laura Fernández Cordero, Lucia Parra e Samanta Colhado Mendes, que escrevem e são consultoras das edições fac-símiles, contamos também com a participação de Angela Roberti, Elena Schembri, Flor Pastorella, Ingrid Ladeira, Ivanna Margarucci, Las Piteadas, Nayeli Morqueto Estrada e Thiago Lemos, que possuem estudo sobre o tema e foram convidadas para escreverem biografias ou trazerem seus trabalhos artísticos sobre mulheres que pesquisam. O escritor e artista Pepe Rojo apresenta algo da pesquisa coletiva sobre as ações magonistas, realizadas há mais de cem anos na fronteira californiana do México com os Estados Unidos. A artista anarcotransfeminista Bruna Kury está com sua pesquisa sobre a fronteira do corpo, e os artistas Abraham Ávila, Priscila Costa Oliveira com Cyntia Werner e Raquel Stolf dialogam em seus trabalhos com questões como fim das fronteiras, apoio mútuo e horizontalidade. Participo, além do pensamento editorial e conceitual que é imenso, com trabalhos que trazem a narradora do meu doutorado (*Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro*) e sua amiga nômade e escritora de cartas (Tita Mundo). Maria Lacerda de Moura também se presentifica com a tradução ao espanhol de sua biografia e o projeto de respostas a ela, *Vamos mais longe*, desenhado por Laura Daviña com vozes de Carolina Ressurreição, Flor Pastorella, Itzell Sánchez Martínez, Liana Alice, Roxo e Negro Publicações. Aliás, Maria Lacerda é um dos motes da edição e seu tema geral...

Trechos de Glória Anzaldúa (*Como domar uma língua selvagem*, 2009) e de Maria Lacerda de Moura (*A mulher é uma degenerada*, 2018) foram o pano de fundo das pautas de páginas da edição presente. Pessoas foram convocadas a olharem para o pensamento dessas duas mulheres sobre o tema “Fronteiras e Encruzilhadas”: conceito que se espalha editorial e graficamente; uma publicação é seu formato em comunhão com seu conteúdo e o *Borda* não seria o que é sem o trabalho conjunto com a designer Lila Botter. A página e sua dobra foram temas do *projeto índice* de Edith Deryk, e as linhas, que se espaçam e se contraem ao longo de dezesseis páginas e oito passagens, pulsam ao avizinhareem-se com outros trabalhos que falam das localidades geográficas e fronteiriças (com Fran Favero e Ingrid Hernandez), dos corpos e saberes artísticos e urgentes LGBTs (Nathanael Araújo e Lívia Auler), do plágio como elemento estético (Valeria Mata), da justaposição de paisagens (Rafaela Jemmene), da urgência indígena (Jaider Esbell, Denilson Baniwa, Paula Berbert, Daniel Dinato e Beatriz Lemos), do feminismo negro e interseccional (Beatriz Lemos e Cecília Floresta), da língua que são várias (Ana Gagliardo), da história de vida de mulheres (Adriana Caló e Bia Varanis), da rebeldia e da resistência feminista autônoma na Nicarágua (Paula Monterrey com Marlen Chow Cruz) e de Exú (Adrea Mendes e Andrea D’Amato). A comunicação e paciência de Exú e suas cores preto e vermelho relacionam-se com todo o jornal e também com seu miolo mais numeroso: aquele que possui como encruza os fac-símiles e o conteúdo comentado no início deste editorial... Vamos mais longe!

Fernanda Grigolin

** ERNESTINA LESINA FEZ EM 1904 O JORNAL ANIMA E VITA, MAS NÃO ERA EDITADO EM PORTUGUÊS **REFERÊNCIAS** JUANA ROUCO BUELA. HISTORIA DE UN IDEAL VIVIDO POR UNA MUJER. EDITORIAL TIERRA DEL SUR, 2011. | MARGARETH RAGO. ANARQUISMO E FEMINISMO NO BRASIL. ACHIAMÉ, 2007. | FABIO MORAIS. SABÃO. PARENTESIS, 2018 | GLORIA ANZALDÚA. COMO DOMAR UMA LÍNGUA SELVAGEM. CADERNOS DE LETRAS DA UFF – DOSSIÊ: DIFUSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA, N. 39, 2009. TRADUZIDO POR: JOANA PLAZA PINTO, KARLA CRISTINA DOS SANTOS. REVISÃO DA TRADUÇÃO: VIVIANE VERAS. | MARIA LACERDA DE MOURA. A MULHER É UMA DEGENERADA. TENDA DE LIVROS, 2018

INTERSECÇÕES POLÍTICO-ANCESTRAIS: BREVES CONSIDERAÇÕES

POR BEATRIZ LEMOS E CECÍLIA FLORESTA

Èṣù Ọ̀dàrà ló ní ìkóríta m̀éta¹

¹ *Exu faz uso da encruzilhada*. Cf. José Beniste. *Dicionário yorubá-português*. Bertrand Brasil, 2014.

NOTA INICIAL

Não pretendemos aqui escrever um texto formal e bibliográfico, mas partir das políticas ancestrais e de nossas experiências em redes politizadas e de afeto a fim de compartilhar uma noção que vem ideologicamente sendo tecida pelas feministas negras, em prática e teoria, que é a equação construída pela união ou analogia de dois caminhos: a interseccionalidade conforme proposta pelo feminismo negro e a encruzilhada propriamente dita como morada de Èṣù – caminhos esses que ora se mesclam tornando-se uma coisa só. Acrescidas a esse encontro, entrecruzamos também as lesbianidades enquanto identidades políticas de resistência e elaborações construídas desde seu campo de existência.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ENCRUZILHADAS

Èṣù, divindade iorubá que representa, entre suas variadas facetas, o princípio dinâmico de todo ato criativo, elemento responsável por todas as formas de comunicação, já evocado na epígrafe, permeia todos os pensamentos, ideias e ideais aqui expostos, tanto quanto se faz presente em nossas vivências como filhas de santo portadoras do axé, produtoras culturais, sapatões, afro-indígenas, compartilhadoras de conhecimentos e caminhos. Aquele que come primeiro e que se divide incessantemente em variadas partes nos guia, em nossas vidas e trabalhos, por essa perspectiva da encruzilhada como potência de mundo e lugar de emancipação descolonial das pretas, das fanchas, das indígenas e de todos os corpos que insurgem. Aqui nos colocamos enquanto insurgentes a fim de liberar os demônios de sua condição maquiavélica, estourar correntes, abrir caminhos, desconstruir mentalidades engessadas pelo sistema capitalístico de prisão dos pensamentos e corpos.

CAMINHOS DA INTERSECCIONALIDADE

O termo “interseccionalidade” foi cunhado pela primeira vez por Kimberlé Crenshaw no artigo “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Discrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics”, de 1989. Angela Davis previu essa noção em *Mulheres, raça e classe*, publicado originalmente em 1981. E Audre Lorde se colocou no artigo “Não há hierarquias de opressão”, de 1983, como “negra, lésbica, feminista, socialista, poeta, mãe”, reafirmando a luta das mulheres negras como uma luta interseccional. Essas, entre outras teóricas do feminismo negro, trazem noções interseccionais cujos caminhos podem embocar em outros e assim por diante, criando, por meio do entrecruzamento de posicionamentos políticos, sujeitas conscientes de seus lugares sociais cujas definições são de enorme importância para que nos coloquemos no mundo de tais e tais maneiras, buscando soluções específicas para as variadas lutas e subordinações que carregamos enquanto sapatões, negras, indígenas, mulheres, feministas, iaôs.

INTERSECCIONAR: TRAÇAR ENCRUZAS

Se a encruzilhada, como consideramos aqui, é morada de Èṣù, carregando em sua essência o impulso do ato criativo e a intersecção de caminhos variados, poderíamos pensar em “encruzilhada” como tradução abrangeirada para o termo “interseccionalidade”. Ora, a encruzilhada colocada como uma possível potência de mundo gera um espaço propício para as práticas interseccionais e espaços interdisciplinares de compartilhamento de saberes, constituindo espaço de livre circulação dos corpos e ideias, onde as insurgências e as subordinações se encontram e se diluem, conduzidas para um mesmo caminho. Assim, a encruzilhada posta dessa maneira, ao lado e entrecruzada com a noção interseccional, configura poderoso mecanismo político-ancestral que, se e quando ativado, tem a potencialidade de criar consciências diversas, novos mundos e novas maneiras de vivência, pensamento, ensinamentos e compartilhamentos, novas formas de ação.

O QUE ANDAMOS LENDO

Carla Akotirene. *O que é interseccionalidade?* Letramento; Justificando, 2018. (Coleção Feminismos Plurais).

Angela Davis. *Mulheres, raça e classe*. Boitempo, 2016.

Audre Lorde. Não há hierarquias de opressão. In: *Difusão Herética: edições lesbianistas independentes*. Textos escolhidos de Audre Lorde. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/171382/AUDRE%20LORDE%20COLETANEA-bklt.pdf>

Ariana Mara Silva. Lésbicas negras, identidades interseccionais. *Periódicus*, n. 7, vol. 1, pp. 117-113, maio-out. 2017.

Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Mórula, 2018.

EL TEXTO ES UN TEJIDO ABIERTO

POR (NO SOLAMENTE) VALERIA MATA

¡Y tanto que tengo derecho a plagiar
si yo mismo soy mero plagio
de antepasados y contemporáneos!
¿Cuántos me plagiaron a mí?,
¿cuántos serán, ellos mismos, meros plagios de mí?
La ignorancia de las leyes pro-plagio
no exime de su estricto cumplimiento
son leyes cósmicas de las que ni el sol: plagio de
tantísimos soles, plagiarlo él mismo, está exento.
¿Quién soy yo para negarme a plagiar al sol?

Jesús Pardo de Santayana

Resulta interesante que la etimología de la palabra “texto”, del latín “textus”, signifique tejido o enlace. Todo texto se construye como un encadenamiento de citas infinitas, su existencia es posible gracias a la absorción y transformación de otros textos. Podríamos decir que, al escribir, no hay algo como “ideas nuevas” sino formas – novedosas – de relacionar y mezclar los textos e ideas precedentes, la manera en la que los insertamos en un contexto diferente. Así, el texto en sí mismo no es el destino final, sino la puerta de entrada a otros textos relacionados entre sí.

Existe una relación de reciprocidad entre los textos que los trasciende como unidades cerradas, un proceso constante y quizá infinito de transferencia de materiales en el interior de un discurso, de tal manera que todo texto puede leerse como si fuera la confluencia de otros enunciados. Esto significa que la autoría no es nunca autónoma y solo se logra borrando los múltiples “autores” que la permiten: las personas con quienes hemos conversado, los libros leídos, etc.

Todo sujeto está habitado por voces diversas en interacción y contradicción, por tanto sería difícil pensar que un texto es único, original o cerrado en sí mismo, pues más bien está en constante relación con otros para existir y revelar su significado. El lenguaje existe y es posible gracias a las relaciones sociales, es decir, nuestras palabras son necesariamente “tomadas” de los otros. El lenguaje no es una propiedad individual, sino una diversidad de hablas, una “heteroglosia del mundo” (Bajtín).

Pensar el texto como un tejido de otros textos implica poner en evidencia la interdependencia, el diálogo y los intercambios múltiples en los trabajos artísticos y literarios. Esto nos remite a la idea de “colaboración”, un método de trabajo que suele ser común en las ciencias duras – donde la figura del científico solitario ha ido perdiendo peso y sentido, pues las investigaciones se llevan a cabo por equipos más que por personalidades – pero que es mucho menos frecuente en las letras y en las artes. Este rechazo, según Diamela Eltit, puede deberse a que los bordes difusos que caracterizan a la colaboración atentan e incomodan al sistema al poner en crisis los límites cómodos y verificables en que transcurre la producción individual. La fluidez y porosidad de la autoría conjunta generan un territorio fronterizo que provoca ambigüedades.

La inserción de discursos múltiples en un texto desestabiliza las expectativas del receptor, provocando extrañamiento al ver perturbada su lectura lineal. Así, un discurso extraído de su contexto y puesto en otro espacio, resalta, se relaciona dialécticamente con el otro discurso: ambos, o todos aquellos involucrados, son expuestos, y por lo tanto, descubiertos.

Un texto es también pluritemporal puesto que en él se enlazan textos de otras épocas y puede ser también extraterritorial al conectar ideas que trascienden las fronteras físicas y culturales. Analizado desde esta perspectiva, el texto es un espacio de diálogos múltiples donde los autores no figuran como “autoridades” incuestionables, sino como – en palabras de Foucault – “instauradores de discursividad”, productores de una posibilidad de existencia indefinida de textos, que seguramente serán desconocidos para ellos.

Podemos pensar que la página es *finita* (con límites físicos y una materialidad determinada); pero también podemos imaginarla *inagotable*, como resultado de ser potencialmente distinta con cada lectura/interpretación: un texto abierto. También, la infinidad de interpretaciones que los lectores pueden hacer de un texto ponen de manifiesto que el discurso escrito nunca está acabado. El escritor figuraría entonces no como un creador de obras particulares, aisladas, y clausuradas, sino como un explorador de relaciones con otros textos, un sujeto que al escribir abre espacios fecundos, redes probables, un productor de piezas inacabadas.

Hoy en día, la comunicación entre los textos está más extendida que nunca, lo que favorece el intercambio constante de material literario entre productores, distribuidores y lectores. Ha aumentado el interés de artistas y teóricos por investigar, experimentar y cuestionar la representación de la creación como un acto ingenioso y singular producto de un sujeto individual. Así pues, en los últimos años, muchos escritores se han pensado a sí mismos como “plagiarios”, reivindicado esta condición y haciendo manifiesta la intertextualidad de sus obras.



TEIAS AFETIVAS: A URGÊNCIA INDÍGENA

POR JAIDER ESBELL, DENILSON BANIWA, PAULA BERBERT,
DANIEL DINATO E BEATRIZ LEMOS

Vivemos
uma
virada no
tempo,
assistimos,
transtornados,

ao desmonte acelerado dos direitos conquistados desde a redemocratização com o fortalecimento da extrema direita nas últimas eleições e a ascensão de radicais da fé ao poder, agora com mais armas nas mãos. As tensões desses novos tempos extrapolam ainda os campos das ideias, acirrando os discursos e aumentando a escalada da violência contra as chamadas minorias políticas, seus corpos e territórios dissidentes.

Na Amazônia emergem urgências catastróficas. A maior floresta do mundo e a infinidade de povos humanos e não humanos que nela vivem estão sob ameaça. Desde as consequências trágicas do desmantelamento das legislações ambientais, ao fortalecimento das milícias que defendem os interesses dos *gangsters* da mineração e do agronegócio, as linhas de força contra essa miríade de gentes são muitas e se espriam Brasil afora, intentando contra as terras indígenas e seus autóctones de todos os lugares.

Logo nos primeiros dias do novo governo recrudescceu a guerra multissecular que o Estado e seus homens conduzem contra os povos dessa terra. As perseguições e ataques são declarados sem meias palavras, os inimigos assumem nos jornais as terminologias do confronto. Posto de saúde incendiado entre os Pankararu, novamente crianças morrendo por surtos de diarreia entre os Maxakali, as terras indígenas Arara e Uru-Eu-Wau-Wau invadidas por grileiros e madeireiros, base da Funai de proteção aos índios isolados atacada aos tiros, ameaças de desdemarcar a Raposa Serra do Sol...

Diante das urgências indígenas, lideranças, pensadores, articuladores e artistas estudam ações para se fazerem presentes. É assim que a formulação de Ailton Krenak sobre alianças afetivas nos parece sugestiva. Mas o que seriam tais alianças? Seriam relações baseadas nas mesmas proporções? O afeto, em seu efeito, seria um sentimento de potência para estabelecer uma relação comunal entre as pessoas, em que o conflito é parte constitutiva de uma sementeira de empatias, dissensos, resiliência e capacidade inventiva de compor ações em comum. Para tanto, é preciso partir da autoeducação, da percepção de si, de nossas trajetórias e das ferramentas que temos para abrir espaço para essas urgências, atuar como a gente, atuar como agente desse tempo de urgências. As alianças afetivas nos mostram caminhos para uma relação mais presente com o nosso meio. Para isso é necessário o afeto nas relações. Costurar teias afetivas, saber ser e fazer aliados, ir em frente!

SP TERRA INDÍGENA

Foi nesse contexto e movidxs por essas urgências que, no final de 2018, começamos a articular atividades de solidariedade e defesa das causas indígenas em São Paulo. A primeira delas aconteceu no dia 13 de novembro, na Casa do Povo, com a fala pública “Arte Indígena Contemporânea: redes e alianças para resistência”, de Denilson Baniwa e Jaider Esbell, organizada em colaboração com o Grupo de Estudos Lastro. Nessa noite foi colocada a questão que tem movimentado nossos pensamentos e ações: Como as produções dos artistas indígenas contemporâneos e suas circulações pelos sistemas das artes ocidentais podem gerar contextos de escuta ativa e produção de alianças afetivas? Sabemos que, historicamente, os sistemas das artes ocidentais extraem e apropriam-se dos modos de expressão e de pensamento ditos não ocidentais. Os indígenas, nesse sentido, costumam ser alvos de exposições e de obras que “se inspiram” em seus universos, tendo pouco ou nada de espaço para mostrarem suas próprias produções artísticas. Nos últimos anos, acompanhamos um aumento significativo das artes ameríndias nas mais diversas mídias. Além de Denilson Baniwa e Jaider Esbell, coautores deste texto, podemos destacar o Movimento dos Artistas Huni Kuin (MAHKU), Daiara Tukano, Edgar Corrêa Kanaykô, Takumã Kuikuro, Kamikia Kisedje, Patrícia Yxa Py, Daniel Munduruku, Vângri Kaingáng, Naine Terena, Cristino Wapichana, Arissana Pataxó e tantos outrxs.

Nós, além de estarmos preocupados em abrir espaços para as produções indígenas contemporâneas, focamos na construção de alianças afetivas e políticas mediadas pela arte. Nesse contexto, produzimos, junto com o Parquinho Gráfico e o coletivo Ocupe a Cidade, centenas de cartazes com sentenças como “SP Terra Indígena”, “Jaraguá é Guarani”, “Existe Guarani em SP”, “Demarcar as terras indígenas é proteger as florestas” e “Floresta de pé, fascismo no chão”, para visibilizar as lutas indígenas nessa cidade e no país. O desdobramento desse encontro rendeu, além de intervenções pela capital paulista, a formação de um grupo em defesa da Terra Indígena Raposa Serra do Sol.

Na primeira quinzena de dezembro, organizamos um encontro entre Denilson e David Popygua no Jaraguá. Nessa ocasião, pudemos escutar a fala firme da liderança guarani, que revisitou a história secular de resistência de seu povo, reafirmando a importância de sabermos ser e fazer aliadxs para enfrentarmos juntxs esse período de ataques que já começou. Essa visita ao Jaraguá consolidou em nós a percepção sobre a importância de costurarmos teias afetivas e territorializadas em solidariedade ativa às urgências indígenas.

Nesse sentido, agora nas primeiras semanas de 2019, nos unimos e fazemos ecoar aqui em São Paulo a recente campanha para mobilização nacional, lançada pela APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil): “Sangue Indígena – nenhuma gota a mais!”, que visa à organização em defesa dos direitos indígenas, com destaque para a necessidade premente de demarcação das suas terras. A resistência indígena é a luta mais antiga e ancestral desse lugar que chamamos de Brasil; ao mesmo tempo que endossamos essa luta, podemos também aprender sobre estratégias de defesa e contraposição aos ataques do Estado. Estejamos então juntxs, afetivamente!



TERRA INDÍGENA



FRONTTEIRAS. ENCRUZILHADAS.

POR ANDREA D'AMATO



se torna passado. Solução que ontem você não conseguia resolver. Exu protege o seu futuro. É o meu modo de ver o futuro e o presente. Quantas vezes a gente não acha a solução de um problema do passado hoje? Daí a gente joga uma pedra e mata o passado” (*Oyámambê*). ¶ “Eu acho que é bem isso mesmo. Quantas vezes só nos damos conta de que as coisas do passado foram determinantes para termos nosso presente?” (*Obawajô*). ¶ “Vcs falam tão bonito! Eu não sei falar bonito assim” (*Oyálabô*). ¶ “Oyálabô, seu conhecimento e experiência no axé são muito grandes. Aliás, de religião, você tem muito mais tempo que eu e todos do Ilê. É normal ter dificuldade em formular o pensamento e pôr em ordem as ideias, eu sou muito assim tb” (*Ogun Ipemí*). ¶ “Irmã, eu acredito que seja essa questão de resolver assuntos do passado com atitudes do futuro/presente” (*Grazi*). ¶ “Irmãs, irmãos, vcs poderiam me ajudar com um trabalho? Como cada um de vocês entende a frase atribuída a EXU: ‘Matou um pássaro ontem com a pedra que só atirou hoje’? Não tem certo ou errado, o importante é justamente ver as diferentes formas de perceber a frase, e acho que o legal é ir pensando junto e ver como um sentido vai acionando o outro” (*Nantoroyá*). ¶ “Nantô, se não estou enganado, na verdade é ‘a pedra que lançará amanhã’” (*Obawajô*). ¶ “Bem, temos que dar valor a nossa vida. Às vezes reclamamos demais... Outro ponto de vista é: às vezes temos um problema para resolver e ele é tão simples e o tornamos um bicho de sete cabeças. Aproveite o que tem na mão para não chorar quando perder” (*Emileine*). ¶ “Nan, pra mim... dá o sentido que pra Exu não tem início, meio ou fim, o que determina é o desejo dele. Que seu desejo é sua realização. A gente não realiza se não quiser” (*Obabiwá*). ¶ “Eu li um livro em que um menino pergunta a um sábio: ‘Eu tenho um pássaro na mão. Já que o senhor é sábio, me fala se ele está vivo ou morto’. O sábio responde: ‘Se eu falar que está vivo, você vai esmagá-lo; e se eu falar que está morto, você irá soltá-lo. Então a resposta está na sua mão’” (*Emileine*). ¶ “Para mim é que Exu e suas ações são infinitos, capazes de mudar até o que para nós é passado” (*Omintayó*). ¶ “Coisas que não entendemos hoje farão sentido amanhã. Exu age em nossas vidas mesmo que não façamos ideia do que nos espera. Dá pra fazer um paralelo com o ‘Deus escreve certo por linhas tortas’. Exu faz dar certo o presente com escolhas que serão feitas só no futuro. Pra Exu, o tempo não é linear, não é cronológico. As escolhas que tomaremos no futuro nos fazem entender os caminhos que seguimos no passado. Para Exu nem sempre as escolhas de hoje vão determinar as consequências do futuro, mas sim do futuro que ele tem reservado para nós. Nos influencia a tomar decisões hoje para que o futuro aconteça como ele quer que seja” (*Obawajô*). ¶ “No meu modo de ver, não sei se entendi. É a resposta do nosso problema quando

Lutemos sempre para que possamos legar aos nossos filhos um futuro melhor, de mais liberdade. transforman.

GENTINHA

— Oh! Nena! Que alegria!
— Não podia passar mais tempo sem te ver! Mas como estás chic com esse penteador azul!
— Achas?
— De certo. Que lindeza esta tua salinha! De quem foi o gosto de tudo isto?
— Do Gastão. Eusó escolhi a mobília do quarto. Vae ver como é bonita.

— Pelo que vejo, estás magnificamente installada.
— A casa é de facto, muito boa-sinha. Pequena, confortavel, mas...
— Pena é que seja casa de "villa".

— Pois é isso mesmo que me desgosta, porém, com a dificuldade actual para se encontrar casa, não foi possível arranjar outra, e como o Gastão não queria adiar por mais tempo o casamento, resolvemos ficar com esta mesmo, provisoriamente.

— Assim está bem. Se fosse definitiva a tua moradia aqui, era caso para te desgostares... Tu, tão fina, tão elegante, mores no meio desta gentinha de "villa", seria realmente pena.

— Deus me livre de ficar aqui!... Demais, eu não ligo a este pessoal... Não quero saber de relações aqui e nem cumprimento a ninguém.

— Tens toda a razão. "Cada qual com seu equal...". Fica no teu lugar e não te envolvas com esse povinho meudo.

— E' isso que eu faço... Mas... Queres saber? se eu pudesse convencer o Gastão a irnos morar em uma pensão, era o "succo", pois já me vou aborrecendo com esta situação de dona de casa... E' tão maçante!

— Mas a Dinah me disse que a tua velha ama tinha te acompanhado.

— E' verdade que a Juvencia está commigo; que não me deixa fazer coisa alguma; que eu, em minha casa, goso a mesma vida que gosava com mamãe, na pensão... mas tu sabes que a gente quando se casa sempre adquire mais obrigações com que se preocupar.

— E o Gastão é bem bomoso?
— Por enquanto, não me dá trabalho. Mas eu sei que a verdade irá aparecer.

— E tu gostas de tua vida nova?
— Não, não gosto. Mas a vida nova é ter que morar aqui, nesta "villa", no meio de gente tão... tão...

— Diferente de ti, não é?
— Não sei se é isso... E' um meio estranho e eu sinto uma falta horrível do nosso antigo meio tão fino, tão acolhedor... Quando vou à casa da mamãe parece-me até estar em outra terra.

— Mas tens razão! A Tijuca é um bairro elegante e como estavas acostumada a viver lá, por força terás que estranhar esta Villa Isabel, bonito bairro, é certo, mas com um população muito menos chic...
— Aqui ha de tudo nestas taes "villas"!... Imagina tu que aqui ao lado, ha uma creatura, mulher moça ainda, que vive a cantar, horas a fio, quanta coisa lhe vem á cabeça!

— Ouço-a cantar de manhã, quando anda a arrumar a casa, porque nem sequer tem uma criada; canta quando toca a machina, naturalmente coçando para as creanças, porque tem dois filhos pequenos, e tanta cantiga chega a ponto de me irritar os nervos. Eu que não tenho nada que fazer, nem filhos para cuidar, não ando assim a cantar o dia inteiro!

— Mas é por que tens outras maneiras de ocupar o teu tempo. Tens lido muito?

— Ora! E' a minha unica occupação, além do cuidar da minha pessoa, dos meus canários e do meu maridinho.

— Invejo-te.
— Não faças isso, menina, que eu tenho uma figa de "Guiné"! Olha... vem ver o resto da minha casa... Não repares... Bem sabes que é casa de pobres.

— Já sei... Já sei...
— E as duas amigas começaram a recorrer os pequeninos aposentos da casa que Gastão mobiliára com verdadeiro gosto, sem medir sacrificios ás suas limitadas posses de terceiro official de uma repartição publica.

Rapaz economico, ajuizado e ponderado, desde que decidiu casar-se, por muito amor que sentia pela loura Lásinha. Esteves, começou a poupar seus ordenados, com o fito unico de arranjar o mais lindamente

do assim a sociedade actual em outra mais livre, que permitta a todos chegar á perfeição, principalmente a mulher para que mais perfeita seja a sua obra.

Esperança Manjon

possivel o lar que ia estabelecer. Elle bem sabia que Lásinha, educada por uma mãe imprevidente e ociosa, era uma dessas lindas bonecas animadas que enfeitam com a graça refinada de suas silhuetas elegantes, os alegres jardins publicos dos bairros chics, as calçadas da Avenida e as illuminadas salas de espera dos cinemas preferidos.

Elle bem sabia que ella, como todas as da sua egual, era uma creaturinha futil, com a cabeça cheia de idéas absurdas e falsas, unicamente preocupada com a variação das modas, penteados, cinemas, "flirts" e "torcidas"; que á custa de mil difficuldades procurava manter uma exterioridade de luxo e bem estar, usando vestidos finos e tafularias modernas, sabe Deus á custa de que humilhações pelas contas mal pagas, mas também conheçera que o coração della não era vasio de bons sentimentos e confiando na força do seu amor, acreditou que saberia fazê-la compreender a vida como deve ser compreendida e não trepidou em escolhê-la para partilhar da sua existência. Imbuída de idéas de luxo e de grandezas, Lásinha, que era filha de uma viuva bem pouco abastada, a principio não deu importância á corte que o rapaz lhe fazia porque julgava-o mediocre partido e pouco elegante no trajar, porém, a pouco e pouco foi se sentindo presa pela bondade do caracter daquelle e acabou aceitando-lhe o pedido de casamento. Relutou muito quando, proximo do dia das nupcias, elle lhe communicou ter achado uma casita para se estabelecerem, numa "villa", decente e limpa de Villa Isabel. Por coisa nenhuma ella queria tal residência, como também não queria deixar o elegante bairro da Tijuca, onde ha annos já a mãe morava em uma pensão. Foi necessario uma verdadeira luta para convencer-a de aceitar a casa que o noivo alugára. Por fim cedeu com a condição de ser provisoria tal moradia. Gastão fez da modesta casa um verdadeiro encanto, mobiliando-a com acurado gosto, embora com moveis simples e suarnições baratas que dispostas com certa arte fazem effeito e dão ao ambiente um delicioso aspecto.

Lásinha, afinal, encantou-se com o interior de sua casa, quando logo depois do casamento para lá entrou. Não era totalmente desconhecida do "deveres de uma dona de casa", mas, arranhou-lhe para criada uma velha negra que fora ama de Lásinha, de sorte que a moça era como que uma hospede em sua propria casa. A criada fazia e desfazia a seu gosto tudo quanto entendesse e Lásinha pouco se importava com o que ella determinasse.

Tinha sorte de Juvencia ser uma boa criada e assim saber governar a casa em que era mais dona do que a propria dona.

Gastão achava que Lásinha era indolente, mas como não quizesse magoal-a, ia fechando os olhos aos seus defeitos.

Juvencia governava bem a dispensa e as compras e elle se contentava em ver a esposa, sempre apurada no vestir, occupar-se contente, de suas tafularias e frisdos. Uma vez ao jantar, conversavam os dois animadamente, quando a voz da vizinha se elevou, entoando uma alegre cantiga popular. Lásinha, subitamente irritada falou:

— Que antipathica creatura! ... Não se calla um momento! Que Diabo de tanta cantoria! ...

— E' que ella se sente feliz... Qual nada! Como pôde uma creatura ser feliz, trabalhando como uma moura o dia inteiro?

— Ora! O trabalho distrae e dá saude.

— Historias! Essa mulher, bem se vê, não tem principios. Uma moça fina, educada, não leva a esguelar-se o dia todo, atormentando os ouvidos dos vizinhos!

— Mas tu exaggeras, filha. Ella canta porque está alegre e o seu canto não nos pôde incommodar porque é suave e manso... Repara como é bonita aquella canção... Tem um certo encanto.

— Se tu soubesses como me desgostas com essas tuas tendencias rasteiras... Pôdes apreciar como quizeses os "concertos" dessa gentinha, eu é que não quero nada com ella... O que eu quero é quanto antes sahir deste "zungu", a que não estou acostumada!

— Mas, Lásinha, tu assim me ofendes cruelmente. Isto aqui, esta "villa", em que moramos, não é o que dizes. Se o fosse não te teria trazido para aqui... Nessas casas, eguaes á nossa, moram familias decentes e honestas, em nada inferiores a nós... Aqui mesmo moram dois collegas meus do Ministerio, portanto...

— Pois sim, mas até a Nena já me censurou por morarmos aqui... Ora a Nena! Uma melindrosa impertinente! Uma tolinha que nem imagina como é ridicula com as

suas "posses" de manequim ambulante.

— Ella é minha amiga!
— Mas não deixa de ser o que te digo agora... Deixa lá a Nena com as suas tolices e tratemos de viver em paz, conforme Deus permite... O que eu não quero é ver-te aborrecida... Vamos... um beijo e acabou-se... Valeu?

Constantemente havia entre o novel casal escaramuças motivadas pelo facto de morarem na "villa". Lásinha embirrava cada vez mais com a "gentinha" da vizinhança. Encerrava-se em sua casa, isolando-se completamente do convívio natural com os vizinhos e assim cada vez mais se lhe tornava aborrecida a vida, entre as quatro paredes de sua habitação silenciosa.

Pela criada foi sabendo que a vizinha, que sempre se mostrava tão alegre, era esposa de um modesto empregado no commercio; que tinha dois filhos e que vivia satisfeita com a sua situação. Ao fim do sexto mez de casada, Lásinha já achava intoleravel aquelle viver, quando um facto anormal lhe veio crear novos aborrecimentos: Juvencia adoeceu gravemente e foi necessario removê-la para um hospital. Sôzinha para arcar com os affazeres domesticos, a moça viu-se em tremendas difficuldades. Não sabia fazer nada.

Nada! Gastão tratou de arranjar uma pensão que lhe mandasse a comida e Lásinha teve que cuidar dos demais arranjos da casa. Sem geito para nada, sem pratica de taes misteres, para ella tudo eram difficuldades e deante dos seus deveres revoltou-se, irritou-se com tudo, ficando nervosa, intratavel e impaciente. Era difficil encontrar logo uma nova criada e ella não podia se conformar com a necessidade de trabalhar. Sempre de mau humor, começou a resingar por tudo e Gastão era a victimada dos seus accessos de ira.

— Não sei para que me cases! Se não podias dar-me o conforto que aprecio, melhor seria ter me deixado solteira. Em casa de mamãe, nunca trabalhei!

— Mas, minha filha! Tu bem sabes que eu era pobre e que todas as donas de casa têm suas obrigações a cumprir... seus deveres... Não fui acostumada a esta vida aqui... mas tens as minhas pobres mãos! Cheias de callos! As unhas quebradas!

— Exaggeras, como sempre. Tem um pouco de paciencia, que depressa arranharemos outra criada.

— Não quero saber de casa, nem de criada, nem de nada! Irra! ...

— Acalma-te, meu amor... E' tão bonito uma mulher gostar de sua casa... ser caprichosa, ordeira, dentro dos sagrados dominios do seular... Estamos tão bem no nosso ninho... Por que te revoltas por ter que cuidar delle, ao menos provisoriamente? Olha... eu vou ajudarte a pôr a mesa que o almoço não tarda e eu preciso estar cedo no ministerio.

Repetiam-se amiudadas vezes scenas mais ou menos identicas, até que um dia, Lásinha, mais mal humorada, foi aquecer um pouco dagua em um fogareiro de alcool para lavar uns pratos. Sem pratica de semelhante operação, tão infeliz foi que em dado momento o fogareiro virou e a agua em ebulição derramou-se, indo alcançar a nas mãos e queimando-as horrivelmente. Desorientada, poz-se a gritar, correndo para a porta da rua. Accudiram as vizinhas e elavaram-na já desmaiada para a cama. Esteve a moça doente por vrios dias e como a mãe estivesse ausente do Rio e Gastão fosse obrigado a sahir todos os dias para o seu trabalho, foi com a sua vizinha, a alegre creatura, que tanto a irritava, que Lásinha se achou. D. Lucia mostrou-se de uma dedicação extrema, cuidando da enferma, com verdadeiro desvelo e olhando pela casa. As outras senhoras vizinhas cercavam a doente de mil attentões e carinhos.

Com a convivencia, Lásinha ficou querendo bem aquella gente, que dantes tanto desprezo lhe merecia. Ficando boa, foi insensivelmente espianando os habitos de d. Lucia e, em pouco tempo, com os exemplos della e os ensinamentos que recebia sem sentir, foi creando amor á sua casa, foi se sentindo feliz com seus affazeres e se tornando uma verdadeira dona de casa, diligente, activa e operosa. Fez-se amiga intima de d. Lucia e até o caracter alegre e franco da nova amiga, modificou sensivelmente o genio caprichoso de Lásinha. Gastão sorria, radiante, vendo a mulher sempre cuidadosa com sua pessoa, sempre "coquette", transformar-se numa criaturinha alegre e util.

Um dia, Nena voltou a visitar Lásinha e encontrou-a, um tanto mudada.

— Que é isso, menina?! Como estás gorda e forte!

— Graças a Deus goso saude e sinto-me deveras feliz...
— Bem, porém, crês que pelo unico facto de ser mulher, posso eu saber o que faz e pensa tua noiva?

— Mas, Clarinha, não te adianto eu alguns dados, não te disse eu que não falta um domingo á missa, que vae com as filhas de Maria em perigrinações para rezar por mim e até me disse que fez uma promessa á virgem para que me case com ella?..

— Que posso eu dizer-te? Bem sabes que as idéias que professo são bem oppostas...
— Sim, não o ignoro, mas eu queria que me disseses de que forma hei de convencer-a a abandonar essas idéias... eu, a unica solução que encontro é deixal-a porque ella já está tão fanatizada...
— Deixal-a? e não te supões capaz de convencer-a?

— Oh! que covarde serias!
— E' que tu não a conheces, Clarinha. Cada vez que falamos nisto acabamos brigando.

— E' que não é assim que deves convencer-a. Tu deves demonstrar-lhe o falso da sua religião com provas convincentes e irrefutaveis. Tens capacidade para fazel-o e depois, pouco a pouco, vae ensinando-lhe tuas doutrinas libertarias e pinta-as assim, bellas como são: A patria, uma terra immensa, sem limites, nem fronteiras; por lei, uma só, a liberdade e um unico tyranno a quem obedeceremos e faremos nosso poderoso monarca: o amor.

— Sabes que tens razão Clarinha?
— Agora sim, dar-te-ei um conselho. Faz tudo isto sem discussões nem enfado porque senão te aborrecerás com a sua indifferença. Teu trabalho ha de ser como a agua do mar, que em seu continuo vae bem, arredonda os mais duros penhascos. Se tens e verás que, assim como as penhas, ella também se irá modificando.

— Para ti não ha nada impossivel, Clarinha.
— Não, e escuta-me bem. Prohibo-te que me tornes a falar della, sem ser para dizer-me que ella muito te quer e que a queres muito e todas essas tolices que se comprazem em repetir docemente os namorados. Que já possui alguma cousa disso que chamamos liberdade de coração e pensamento e sobretudo, que já é dona absoluta do seu "eu" sem convencionalismos nem falsos deuses que offusquem sua intelligencia, encerrando-a e um mysticismo hypocrita.

Porque estes preconceitos repudiam toda a belleza da vida que eleva o homem, marcando em nossa época uma era de retrocesso.

A Conquista

E a tudo isto, que queres que te diga? queres que te dê um conselho?

— Um conselho precisamente não, mas, como és mulher, julguei que poderia fazer-te uma pergunta. Além disso, como entre nós ha confiança...

— Bem, porém, crês que pelo unico facto de ser mulher, posso eu saber o que faz e pensa tua noiva?

— Mas, Clarinha, não te adianto eu alguns dados, não te disse eu que não falta um domingo á missa, que vae com as filhas de Maria em perigrinações para rezar por mim e até me disse que fez uma promessa á virgem para que me case com ella?..

— Que posso eu dizer-te? Bem sabes que as idéias que professo são bem oppostas...

— Sim, não o ignoro, mas eu queria que me disseses de que forma hei de convencer-a a abandonar essas idéias... eu, a unica solução que encontro é deixal-a porque ella já está tão fanatizada...
— Deixal-a? e não te supões capaz de convencer-a?

— Oh! que covarde serias!
— E' que tu não a conheces, Clarinha. Cada vez que falamos nisto acabamos brigando.

— E' que não é assim que deves convencer-a. Tu deves demonstrar-lhe o falso da sua religião com provas convincentes e irrefutaveis. Tens capacidade para fazel-o e depois, pouco a pouco, vae ensinando-lhe tuas doutrinas libertarias e pinta-as assim, bellas como são: A patria, uma terra immensa, sem limites, nem fronteiras; por lei, uma só, a liberdade e um unico tyranno a quem obedeceremos e faremos nosso poderoso monarca: o amor.

— Sabes que tens razão Clarinha?
— Agora sim, dar-te-ei um conselho. Faz tudo isto sem discussões nem enfado porque senão te aborrecerás com a sua indifferença. Teu trabalho ha de ser como a agua do mar, que em seu continuo vae bem, arredonda os mais duros penhascos. Se tens e verás que, assim como as penhas, ella também se irá modificando.

— Para ti não ha nada impossivel, Clarinha.
— Não, e escuta-me bem. Prohibo-te que me tornes a falar della, sem ser para dizer-me que ella muito te quer e que a queres muito e todas essas tolices que se comprazem em repetir docemente os namorados. Que já possui alguma cousa disso que chamamos liberdade de coração e pensamento e sobretudo, que já é dona absoluta do seu "eu" sem convencionalismos nem falsos deuses que offusquem sua intelligencia, encerrando-a e um mysticismo hypocrita.

Porque estes preconceitos repudiam toda a belleza da vida que eleva o homem, marcando em nossa época uma era de retrocesso.

PILLAR SERRA

— E ainda te não cansaste de viver no meio desta "gentinha"?
— Não, Nena. Agora sou eu que não quero sahir mais daqui...
— Por que?

— Porque foi com esta "gentinha", como dizes, que eu aprendi a ser uma mulher em vez de um afeimado. Foi com essa "gentinha", que aprendi a viver contente com o que tenho, e foi essa "gentinha" quem me ensinou os meus verdadeiros deveres de esposa. Foi inda com essa "gentinha" que eu me encontrei quando fiquei doente e foi della que recebi carinhos e cuidados. A Lásinha "melindrosa", arreliada, ridicula e nulla, que conheste, transmutou-se! Hoje, ella não passa horas e horas a cuidar das unhas ou a ler banalidades literarias. Hoje, ella tem, para encher lhe as horas, os mil cuidados de uma dona de casa, consciente e caprichosa. Não sabe mais quem são os melhores "players", nem as mais attrahentes artistas de cinema; sabe apenas dirigir uma casa, determinar ou fazer um bom jantar e cuidar da rouparia e da costura. Ella não se embruteceu, acredita, mas adquiriu conhecimentos e experiencias, uteis á vida. E' uma Lásinha nova, que te fala Nena... uma Lásinha que se confessa envergonhada de ter perdido tanto tempo e de ter manifestado, inconscientemente opiniões tão ridiculas e tão tolas...
— Como estás mudada!!
— Para melhor, diz o Gastão, e eu assim o creio. Estou mudada, é certo, mas devo a essa "gentinha", a mudança que se operou sob a influencia della, e que me trouxe alegria e saude!

IVETA RIBEIRO

Rio. — 2 — 923.

FORMAI CONSCIENCIAS, COMPANHEIRAS!

Companheiras operarias, irmãs na dôr vidas tristes e miseraveis, já por estar condemnadas ao salario, á fabrica, já como filhas ou companheiras do lar proletario!

E' indigno do tempo em que vivemos continuar levando sobre nossos cansados corpos, a cruz eterna da nossa escravidão, involuntariamente, ou melhor, inconscientemente.

Nosso sentimento, nossa ancia começam a despertar e doloridos se agitam em torno da nossa familia commum, a humanidade, como buscando apoio para robustecer-se no esforço colectivo.

Até hoje, os angustiados clamores da operaria não encontraram echo generoso. Pensemos que as nossas supplicas de exploradas só nos custarão a burla do poder e da avareza, flagelando como um latejo em carne viva, nas suas esperanças. Pensemos companheiras, que nossa escravidão, imposta pela ignorancia, sancionada pelos costumes, só terminará na valla commum, quando nosso corpo curvado, carcomido, mutilado, for arrojado como inutil da fabrica, consumida nossa existencia, murcha a flor da juventude pela exploração iniqua de que nossa passividade e resignação nos tornam victimas.

Somos todas, flores murchas pelo hálito nauseabundo do antro devorador que chamamos fabrica! Quantas irmãs, sem forças já para continuar a vida triste de assalariadas, acossadas pela visão horrorosa do cubiculo em que uma pobre velha e umas crianças rachiticás esperam com a sua chegada umas migalhas de pão, vendem seu corpo, se arrojão ao rio onde os zangões socieas, esperam famintos de luxuria, os desperdícios da fabrica!

Caem enganadas, atrahidas primeiro por uma louca esperança de bem estar para logo depois comprehendem que é impossivel voltar atrás.

E a sociedade, isto é, o conjunto dos bons meninos, das matronas e senhoras imbecis, carcomidas por seus mesmos vicios, repudiam-nas embora sejam também cumplices do que acontece. Em seu cynismo, como para mais fazer ressaltar a sua objecção, criam asylos, ultima bofetada que justifica a nossa ignorancia.

Pallido reflexo são estas linhas do que realmente succede. Seguiremos sempre assim, sem mais protestos que umas poucas lagrimas derramadas em nossas horas de solidão, com um desalento cada vez mais censuravel, dando luxo, commodidades, recreações, que são fructo do nosso trabalho mal retribuido, a todos os parasitas que se alimentam do esforço colectivo?

Zombaram da nossa dôr, irmãs operarias, e nessas caridades que nos offerecem, vemos o sarcasmo brutal dos que crém que os pobres estão condemnados sempre a receber esmolas e lambar a a mão dos nossos amos.

Negam-nos a comprehendem como é que a maioria não entende ou se recusa a comprehendem, a dura necessidade da existencia em que vivem.

Não nos callamos pois, ante o ultraje! Não admittamos esmolas nem asylos, nem albergues, nem nada do que os poderosos nos atiram como resto das suas orgias, para nos enganarem com uma bondade que são incapazes de sentir.

Libertemo-nos das azas da avareza, fortaleçamos nossa intelligencia pelo estudo, cultivemos a solidariedade de classe, pratiquemos a accção directa e assim adquiriremos por justiça o que nos corresponde por direito e que nos foi arrebatado á força.

MARIA LOPEZ

"O Alfaiate"

Com este nome brevemente sahirá á luz um mensario que vai ser editado pela "União dos Alfaiates" e cuja leitura recommendamos especialmente aos operarios dessa numerosa classe.

A "União" trabalha perseverantemente pretendendo com essa publicação remediar a falta de um orgão genuinamente proletario no Rio de Janeiro.

A "Voz do Povo", primeira investida, que mal ou bem vinha fazendo alguma cousa... fracassou, é verdade, mas não foi por ser desnecessaria.

O proletariado sente-se dessa falta e não ha negar que as apertadas columnas das "secções trabalhistas", agora em moda na imprensa, mal chegam para o exhibicionismo dos cretinos que, de escorregadela em escorregadela se vão tornando lambe-botas dos burgueses.

POR QUE LER O NOSSO JORNAL?

POR SAMANTA COLHADO MENDES

O século XX é narrado por inúmeros historiadores, pela literatura e mesmo pelo cinema em todas as partes do globo como período de grandes, rápidas e profundas transformações. Inúmeras invenções e acontecimentos como duas Guerras Mundiais em um período tão curto de tempo certamente estimularam tais narrativas e o grande interesse sobre o período tão intenso para as vidas daqueles que observaram essas transformações e para nós, que hoje, com relativa distância, nos interessamos por compreender nosso tempo à luz de anos de tanta efervescência, revoluções e mudanças. Foram processos mundiais, mas que, em nosso país, modificaram completamente o tecido social e a vida de cada um dos nossos antepassados e de nós mesmos.

É inegável nossa origem agrária tão ligada à monocultura e à exploração do trabalho desde os primeiros tempos de ocupação do território brasileiro pelos portugueses. A escravidão nos marcou profundamente. O mesmo capital agrário desses tempos, todavia, já no século XIX, com a produção cafeeira, propiciou investimentos no setor urbano e em iniciativas culturais e espaços de consumo e convivência nunca antes observados por aqui. Além disso, a necessidade de substituir braços para o trabalho no campo e nas novas cidades que se formavam com as pressões externas e consequente “abolição” do trabalho escravo, segundo uma lógica de exploração do trabalho e manutenção de lucros para a nossa elite, levou à entrada de tantos novos indivíduos, famílias e grupos sociais em nosso país. Vindos da Europa, desembarcaram por aqui grandes “levas” de imigrantes. Boa parte deles ia trabalhar nos campos, nas fazendas, outros tantos fugiam das péssimas condições de trabalho ali rumo às cidades que se incrementavam, outros, ainda, vinham para cá diretamente para o emprego nas indústrias que nasciam nas cidades para beneficiar o transporte e escoamento dos produtos do campo.

As capitais dos estados do Nordeste, Sudeste e Sul receberam essa nova população, que crescia enormemente desde fins do século XIX até o início do século XX e se somava a tantos outros trabalhadores nascidos por aqui, inclusive trabalhadores negros antes escravizados e recém-libertos. Cidades que estavam claramente marcadas por critérios de classe e raça em sua organização espacial. No geral, o operariado urbano se fixava em bairros próximos às indústrias e ali desenvolvia suas próprias formas de vida, união, locais de lazer, de trocas de ideias e de lutas coletivamente.

Nesse contexto, o Rio de Janeiro concentrava grande população urbana trabalhadora, empregada em indústrias, ateliês de costura, oficinas, trabalhos urbanos informais, entre outros. As mulheres trabalhadoras ocupavam definitivamente os espaços urbanos e de trabalho, resignificando-os, seja no que diz respeito ao próprio trabalho, seja nos espaços de convivência e de circulação de ideias.

Nessa “nova” cidade circulava, com grande força, o anarquismo. Sua interpretação internacionalista, solidária, autogerida, sem líderes, partidos ou Estado teve muita força entre as comunidades de trabalhadores por aqui formadas e ganhava novos contornos em nosso país. As mulheres tinham presença ativa no movimento libertário e no pensar e repensar suas teorias. Afirmavam a importância de se pensar a questão feminina dentro de uma perspectiva libertária, de pensar as singularidades de ser mulher, para que, junto com seus companheiros operários, construíssem uma sociedade real e profundamente livre. Essa interpretação não é sectária ou divisionista, mas sim profunda, complexa, consciente das questões presentes dentro de uma mesma classe e de um mesmo movimento. Antecipava o que hoje chamamos de interseccional.

As libertárias atuaram em diversas lutas de ação direta durante todo o início do século XX, como sabotagens, criação e participação de espaços de estudo, cultura, lazer e propaganda. Escreveram em jornais libertários e organizaram inúmeras greves, que tinham como intuito mais do que alcançar o que chamavam de “melhorias imediatas”, mas culminar em uma transformação completa da sociedade.

A União das Costureiras da cidade do Rio de Janeiro, que contava com a atuação de inúmeras anarquistas e simpatizantes, dentre as quais podemos citar Elvira Boni, após uma grande greve em 1919 conquistou a jornada de oito horas de trabalho para a categoria, pauta que os libertários defendiam desde os primórdios do movimento. Entretanto, a organização se diluiu, o que não significava o fim da luta dessas mulheres. Elas continuam a atuar no movimento libertário e a dialogar com o feminismo sufragista que se expandia na época. Reconheciam sua importância, mas apontavam suas lacunas, suas falhas, seu caráter burguês e a ausência das discussões de classe em seu seio. É nesse contexto que o Grupo Pela Emancipação Feminina publica *O Nosso Jornal*, em 1º de maio de 1923.

Tal grupo não visava a ter vida longa, a ser uma organização permanente das mulheres operárias libertárias, mas a propagar ideias para que fossem incorporadas nas lutas femininas e organizações femininas. Para tanto, escreveriam um único número de jornal, uma espécie de manifesto, que englobava diversos temas pertinentes ao que depois chamamos de “questão feminina”. Afirmavam que o jornal tinha como intuito despertar a solidariedade entre as mulheres, discutiam a soberania masculina mesmo dentro do movimento e a exploração e os abusos que as mulheres sofriam também no ambiente de trabalho e defendiam a educação libertária para as mulheres como importante passo de sua emancipação intelectual e moral.

Ler o que escreveram Carolina Boni, Esperança Manjon, Iveta Ribeiro, Pillar Serra, Maria Lopez, Maria Alvarez, Olga Castro, Fidola Cuñado, Joana Rocco e Clementina, que assinaram os artigos de *O Nosso Jornal*, para além de dar o peso histórico para mulheres esquecidas até mesmo por alguns feminismos, nos permite a compreensão de nós mesmas, de questões sobre as quais nos debatemos ainda e pelas quais ainda lutamos.

YO,

Nací el 04 de mayo de 1878 en Barcelona, España.

Cuando tenía dos años mi familia y yo nos fuimos a vivir a Brasil. Fue el primero de muchos viajes en mi vida... La última vez que estuve en prisión me dijeron que yo era una mujer conspiradora y marimacha.

Mi madre ha trabajado toda la vida como costurera y mi padre como zapatero. Los dos anarquistas. Nosotros, los hijos, aprendimos con ellos en la práctica.

La biblioteca era el lugar común de la casa y siempre leíamos libros en español, portugués e italiano.

Empecé a trabajar con once años y con veinte participé en mi primer boicot, me acuerdo bien.

Era 1908, São Paulo, armamos un plan entre nosotras, las que trabajábamos cosiendo sacos de yute desabrochábamos los puntos de manera imperceptible, los Mestres no lo percibirían, y llevarían los sacos a los almacenes para rellenarlos de café. Era un riesgo, pasar por el control riguroso que ellos hacían, pero con un buen plan sería posible...

Pasamos algunos meses haciendo pruebas y el día del plan todo salió perfecto: el café fue puesto en los sacos, miles de sacos. La mayoría de ellos se descosieron en los trenes rumbo a Santos, rumbo a la exportación...

La bolsa del café bajó puntos y percibimos que unidas somos fuertes.

Pero una de las compañeras nos delató, Lucía y yo fuimos enviadas a la cárcel como conspiradoras... Pasaron cinco años hasta poder salir. Mis padres ya habían sido deportados a España y sobre mi hermano no conseguí ninguna información. Yo por haber cometido apenas un “crimen” contra la seguridad nacional, me metieron en la prisión. Cuando salí, mi casa ya no existía, estaba completamente sola. Lucía había muerto, torturada. Yo la extrañaba.

Con nombre falso conseguí trabajo en una Tejeduría, Contornificio Crespi.

También conocí a muchas mujeres que me enseñaron cosas ahí. Mi alma es libre,

y hasta que no se logre la libertad como un hecho social, voy a ser huelguista.

Aguanté poco tiempo sin planificar acciones porque la fábrica era un lugar insoportable...

Ahí conocí a Sophie, ella era parte con las hermanas Soares y otras del Centro Feminino de Jovens Idealistas. Empezamos a vivir juntas y me uní a esas mujeres que hasta hoy extraño mucho.

Vino la Huelga de 1917: enorme, inmensa. Mi corazón decía que los cambios eran posibles y que íbamos a construir un futuro dichoso. Me encarcelaron una vez más...

y descubrieron que era Tita Mundo, *la peligrosa Tita*, como me nombraron.

Por ser mi segunda vez en prisión me expulsaron a España.

Llegué a Barcelona casi 38 años después de mi partida. No sabía mucho de aquel país,

sabía que era la tierra de mis padres y que allá empezaron a decirse anarquistas,

leíamos muchos libros hechos por españoles. Ferrer Guardia había sido fusilado allí...

Pero mi cotidianidad era en Brasil, yo solo conocía a los anarquistas que vivían allá.

Busqué a hermanos y amigos de mi madre y me comentaron que

mi padre y madre habían muerto al mando del pistolero.

De regreso a España, ellos se organizaron en sindicatos,

armaron una huelga y fueron asesinados por los matones del patrón...

De mi hermano nada sabían, pero después de un tiempo descubrí que

él pasó años siendo trasladado a varias cárceles y que murió en Clevelandia, la prisión hecha para nosotros, los anarquistas, bien aislada en el

norte de Brasil y que sólo Domingos Passos y algunos lograron escapar. En Barcelona, empecé a trabajar como panadera para tener plata, poder

sobrevivir e irme de ahí. Veía la sangre de mis padres por todos lados...

En 1920 me subí a un navío de nuevo, ahora hacia México.

Llegué al Puerto de Veracruz, la Libertad cubrió todo mi cuerpo otra vez.

Encontré muchas mujeres preciosas en La Huaca, muchas como yo: solteras, sin hijos y que creían en el placer sexual. Me fui a vivir a esa parte de la ciudad.

En el patio de la vecindad conversábamos,

leíamos los artículos de las mujeres sobre nuestros derechos.

Muchas de nosotras eran prostitutas. Hablábamos todos los días sobre la liberación sexual.

Los alquileres subían cada día. Las muchachas resolvieron unirse y empezaron la huelga.

La unión entre las mujeres se contagiaba de patio a patio.

Tamales, café negro, Tierra y Libertad eran lo que queríamos. En nuestras puertas colgábamos: *Estoy en huelga y no pago la renta.*

TESTAMONIO

Miraba los ojos de cada compañera y veía mucha verdad.
Nuestras reivindicaciones eran: *Liberación Sexual, Fin de la Propiedad Privada y Fin del Estado*.
Allá conocí a Petra y nos enamoramos.
Pasábamos días y días juntas, hablando de nuestras historias....
Llegó el 5 de Julio de 1922, llovía como nunca, el agua llegaba hasta los huesos.
Fuimos todas al sindicato, había muchas personas, mujeres y hombres.
La huelga estuvo por todas partes....
Intentamos salir en marcha pero los federales no nos dejaron. Hubo confrontación.
Muchas muertes y encarcelados.

Me metieron a la cárcel una vez más, fue la peor prisión de mi vida, fui violada, ofendida...
me obligaron a tener sexo con dos hombres, hasta hoy tengo pesadillas con esto, policías violándome. Antes,
mis sueños siempre habían sido tiernos y con mujeres...

En el año de 1923, un año después,
creamos entre muchas la Federación de Mujeres Libertarias en Veracruz.
Leíamos y estudiábamos la historia de las mujeres anarquistas mexicanas.
Supe de la vida de Margarita Ortega Valdés,
una valiente combatiente magonista que enfrentó el desierto y la represión,
murió fusilada en 1913. Aquello me impresionó, aún después de todo lo que yo ya había vivido.
La historia de ella estaba llena de detalles y me parecía escuchar su voz por la noche diciéndome:
fuerza hermana!

Ella fue una combatiente de guerra,
entendía el desierto y sus zonas de inmenso calor como nadie. Empecé a leer más sobre los magonistas y sus
intentos de resistencia en la frontera.
La larga frontera de México tiene mucha relación con Estados Unidos.
En los tiempos de la Revolución Mexicana,
el periódico *Regeneración* tenía partes en inglés con textos de Emma Goldman, por ejemplo.
Supe que en esta época hubo un comité Pro Revolución Mexicana en mi amado Brasil,
Emma Goldman ayudó a que Neno Vascos y Edgard Leuenroth supieran más de los hermanos Magón. En
Brasil conocí a Leuenroth, era amigo de mis padres, nos contaba de política y economía brasileña, y creía
mucho en el internacionalismo.

En 1925, Petra y yo fuimos juntas a Buenos Aires.
Teníamos una misión, reforzar nuestros lazos de solidaridad,
enviar información que no podía ir en una carta y poder pensar juntas la lucha latinoamericana. Decían que
Argentina era un lindo país...
Allá también tuvieron huelgas; allá también las mujeres hacían periódicos. *La Voz de La Mujer. Ni Dios, ni
patrón, ni marido*. ¡Era una emoción saber que éramos varias!
En un encuentro en México, cuando hablaron sobre las huelgas en Argentina, nombraron a una mujer:
Virginia Bolten.
Supe muchas cosas sobre Argentina,
hubo un grupo de mujeres llamado Las Proletarias y hay un periódico *Nuestra Tribuna*.

Al llegar a Buenos Aires tuve una grata sorpresa:encontré a Luigi Magrassi, hijo de Matilde Magrassi,
él estaba viviendo en la ciudad.
Matilde y yo nos habíamos conocido en una actividad en Brás y después nos hicimos amigas.
Que mujer tan optimista, creía mucho en la sociedad de resistencia.
En Argentina Matilde había sido parte del grupo Las Libertarias. Luigi estaba viviendo allá involucrado en la
Liga de la Educación Racionalista y colaboraba con el periódico *La Protesta Humana*.

Buenos Aires fue un lugar con muchas actividades anarquistas:
huelga de panaderos y discusiones alrededor de las ideas de Malatesta.
Pero ahora los sindicatos y federaciones anarquistas estaban vacíos,
habían otras organizaciones que aceptaban negocios con el gobierno.
FORA está con una campaña de jornada laboral de 6 horas, en un intento de terminar con la desocupación.

De Buenos Aires tuvimos que irnos muy pronto, la situación era insegura... Petra decidió ir a Europa. Yo
decidí pasar los últimos años de mi vida en Brasil. Extrañaba a las compañeras y la lucha en aquel país...
Alquilé una casa pequeña en Santos, cerca del mar. Santos, al principio del siglo, fue considerada una de las
ciudades más anarquistas del mundo junto a Veracruz. Son los flujos de los puertos los que traen siempre la
novedad. Y ahí me fui a vivir. Ojalá yo pueda reencontrar mi querida amiga brasileña...



FERNANDA GRIGOLIN
SOY AQUELLA MUJER DEL EXTREMO IZQUIERDO DEL CUADRO

Pido a ti, lectora,
que al leerme escuches
a una mujer tejiendo en una máquina.

Sí, soy yo la tejedora.

Puedo ser también
una mujer tipógrafa que busca,
letra por letra,
poner un periódico en rotativa.

Puedo ser también
una mujer que maneja el telégrafo
y avisa en punto y trazo a otras mujeres:
oigan, vamos a empezar nuestra huelga.

Estas son las imágenes,
te lo pido,
escúchalas, son mujeres.

Lo mejor sería hablar de mí en gerundio,
construyéndome,
armándome línea a línea
desde una temporalidad feminista.

Pero escribir en gerundio todo el tiempo
puede convertir lo que escriba
en algo muy aburrido,
casi un error lingüístico.

Haz, lectora,
el gerundio en ti,
lee estas palabras
con tu movimiento interno presente.

Solo la inquietud
construye saberes desviantes.

Sí, soy yo la narradora.

NUESTRA TRIBUNA

La inferioridad mental de la mujer es una mentira teológica, repetida y propagada por todas las congregaciones religiosas y jurídicas.

QUICENARIO FEMENINO DE IDEAS, ARTE, CRITICA Y LITERATURA

SUSCRIPCIÓN	
Semestre	\$ 1.20
Número suelto	„ 0.10

EDITORIAL

Abriendo Surcos

He aquí que el objeto de nuestro constante anhelo ha tenido formas: se ha convertido en realidad.

Diríase que nuestro vástago es una paloma que nació con alas emplumadas y al nacer echose a volar alegremente, hendiendo el espacio como visión fugáz, cuyo recuerdo perdura largamente.

Nuestro vástago espiritual decimos echose a volar audazmente llegando allá, a los mas olvidados tugurios proletarios o a la misera vivienda del labriego, alli donde la vida es un infierno, donde el dolor es el eterno e inseparable compañero de los seres humanos.

Ha llegado a esos tugurios como el eco de una voz dulce y suave, como llevando el bálsamo consolador y fraterno, tan necesario en los tristes como el pan de cada día.

Y fué recibido allí con salvas y vivas de alegría y bien venida.
Esto nos satisface en suma y compensa al mismo tiempo.

Nuestros hermanos de dolor, de miserias y de luchas se solidarizan con nosotras, y nosotras estamos con ellos en el fragor de la pelea, en las cruentas luchas por nuestro ideal de redención social.

Sin embargo, no ha faltado quién al recibir nuestro vástago o sea nuestra hojita, digera ¡Bah! sólo mujeres escriben! y a nosotras no nos hiere la ironía de ningún advenedizo, ni nos importa de los dimes y diretes del vulgo descontento de nuestra obra.

Vamos abriendo surcos y sembrando semillas con la certeza de que los frutos han de ser exuberantes.

Vamos sembrando y tarde o temprano —tenemos esa convicción— de que nuestra siembra, dará sus frutos.

Y nuestra hojita, pese al descontento de los «camaradas» que nos miran con desden, vé la luz del día, hoy su tercer número, llevando en sus páginas el sello de nuestro anarquico sentir, nuestras voces rebeldías que en conjunto con la de nuestros hermanos de idea, resonarán como el eco feróz de un espantoso ruido de justicia: son voces de combate, apóstrofes contra el vil mandón que nos explota, que nos roba la vida lentamente.

Surgimos a flote de la superficie para cantar salmos a la luz, y guay de los sicarios malditos que quieran obstaculizar nuestra marcha revolucionaria.

¿Que nos importa del que dirán, del vulgo imbécil atrofiado de cerebro por el ambiente rutinario de esta sociedad de esclavos?

Tenemos la certeza que nuestra obra va más allá de las fronteras del egoísmo.

Ya lo digimos en nuestro primer número: no somos «femenistas», ni tampoco nos imponemos la fatigosa tarea del periodismo por el prurito de conquistar palmas ni laureles, sino que

mos la antigua tarea por nosotros por primera vez conquistada: palmas a la victoria, sino que como todo buen sostenedor y propagador de sus doctrinas, nosotras queremos que nuestro ideal de redención se infiltre como una savia de luz vivificante en el cerebro y corazón de nuestras congeneres, que llenas están de prejuicios y vegetan en el mas abyecto obscurantismo.

faz del mundo que no somos
no! un ser frívolo de cabeza
hueca, incapaz de una idea o
acción propia, si no por el con-
trario, que sabemos pensar alto
y sentir hondo.

Fidela Cuñado
Necochea.

Emancipacion

Para «NUESTRA TRIBUNA»

En estos últimos tiempos y a raíz de la cruenta guerra pasada, se ha puesto de moda el hablar de «emancipación femenina». Si: se ha convertido en una especie de muletilla ¡la mujer va hacia su emancipación! ¿Y como? Con la emancipación, ocurre igual que con la libertad: ¡Viva la libertad!, pero no lo digamos

Sofismas y no otra cosa, palabras y mas palabras, siempre palabras: se halaga la capacidad productiva de la mujer, pero no para elevarla al mismo plano masculino, sino para que le compita; y así la mujer, en muchas ramas de la industria y el comercio, va desalojando al hombre, pero no como a dignificación y valorización propia, nó: para único y exclusivo provecho del que paga, el amo.

Y aún por ello, aguantar el doloroso «via crucis» de «jefes» que se sienten magnánimos... si se accede a todas sus exigencias por denigrantes que ellas sean.

Y ¿cuántas y cuántas no se creen elevadas en un plano superior por el simple hecho de tener un «empleo»? ¿Cuántas—no creen que por aportar a sus hogares su jornal—o sueldo—no

Y así pasan, pobres «emancipadas» que dependen de un gesto del «jefe» esclavas del «que dirán», aferradas a los formulismos y encadenadas a un determinado tipo de vestidura, «emancipación»!

¿Tener ideas, analizar, pensar, sentirse «algo» al menos dueñas de sí mismas...? ¿Para qué? ¿Ellas son emancipadas! Bien alto y fuerte lo dicen los que con ellas trafican.

Emanciparse, sí; pero de todo, hasta de la misma frase para serlo en verdad. «Emancipadas» a seguirnos!

Pilar Serra

Capital, Estado y Religión

He aquí, pues, los tres males que atentan diariamente la armonía de las colectividades humanas.

Estos son tres males que hay que extirparlos de raíces, combatirlos con nuestras plumas desde Nuestra Tribuna, y azotarlos con nuestra verba de denuncia anarquista.

El capital. ¿Qué rol desempeña el capital en la sociedad presente?

El capital en la actualidad desempeña un rol que trae muchos perjuicios para la humanidad, puesto que su circulación sirve solamente como intercambio y no es su misión, como muchos creen, de valor cuantitativo para las diferentes ramas de la industria y el comercio.

Y el intercambio, pregunto yo, ¿no puede efectuarse de productos y productos directamente que elaboran y manufacturan los mismos trabajadores a cambio de valor metálico, *capital*?

Y el capital, no solamente acarrea muchos daños a la humanidad, sino es el que atenta directamente contra nuestra libertad y quien disfruta del sudor de nuestro trabajo (capitalistas).

Y a nosotras de nuestro trabajo no nos queda otra cosa que alimentarnos malamente, sin tener lo necesario para vivir como manda natura, y luego si somos jóvenes, los capitalistas nos quieren tener para juguete de sus instintos bestiales y satisfacer sus caprichos de amos holgazanes, no contentos con explotar-nos.

Y para esto nos halagan con alhajas, los muy felinos, porque saben al dedillo que las mujeres (la mayoría) son coquetas, las halaga el lujo y son vanidosas.

Por este mal tan grande que nos legó la alta aristocracia burguesa, que es la vanidad y el lujo, hoy caen en las garras para satisfacción bestial de los capitalista, muchas hermanitas del dolor y de trabajo.

He aquí la misión del capitalismo.

Explotarnos miserablemente y
prostituirnos saciando sus voraci-

eas instintos de bestias humanas
¿Y el estado: que decir de ese monstruo de cien cabezas, de esa boca que traga y no produce, de ese «gobierno» que no gobierna?

Si digo que las escuelas que patrocina y tutela el Estado son incubadoras de odio y de crimen se me dirá que digo una exageración.

Pero he aquí que yo documento mis afirmaciones.

¿Que se les enseña a los niños en las escuelas del Estado? El amor a la patria, el respeto, ese maldito respeto a las leyes que son cadenas para el pueblo; cantar salvas y vivas a la bandera «azul y blanca»; castrar esas infantiles mentalidades para luego mas tarde, ser masacradores de sus mismos hermanos de trabajo que exigen de los amos mas pan y justicia, como sucedió con los hechos recientemente acaecidos en Santa Cruz.

¿Que horror causa describir la misión del Estado!

Y pensar que fueron trabajadores los que mataron a mansalva a sus hermanos de Santa Cruz.

Si hermanitas: ellos pedian pan y el Estado con su glorioso ejército enarbolando el pendon azul y blanco, le dió plomo y lo mas horroroso fué la fria valentia de los cretinos galoneados que les hicieron cavar las fosas a los mismos trabajadores para luego acribillarlos con el plomo homicida de los sicarios, puestos en rectilinea para caer en las fosas. ¿y como no levantar nuestra voz contra el Estado, monstruo de cien cabezas, ante esas horrendas carnicerías?

¡Ah! ¿y la religión? ¿que decir de esta víbora que simboliza el dogma é inculca el mas abyecto obscurantismo a la humanidad? Es pues a esta, a la plaga religiosa a quien debemos combatir con mas tezon y perseverancia, por ser esta llaga la mas dañina para la humanidad.

Pobres de las mujeres catequizadas por los buhos de sotana.

Pobres de las que se postran ante el confesionario para que las absuelva de sus posibles pecados y faltas, el «santo padre de sotana». En el confesionario es donde caen atrapadas por el felino de pollera (el confesor) las incautas mujeres que creen en los (indultos) de los (pecados) y otras farsas por el estilo. ¿Que decir de los misterios conventuales?

¡Ah! si hablarían las victimas habidas en esos antros inmundos! No hace mucho lei en el semanario «El Peludo» el crimen mas abominable que concebiere pueda, perpetrado en Barcelona, en un convento llamado «Santa Isabel» siendo la victima una niña de 6 años, la que fué estropeada y violada por los «santos varones de la madre iglesia», de los «castos», de los que reniegan de la carne, de los placeres materiales mundanos.

Ya veis madres proletarias como se seban esas fieras que representan a «Dios» en la tierra.

Desterrad, mujeres todas, las abyectos y falsas creencias y educad a vuestros hijos en el amor al trabajo, en el mutuo respeto que se deben a todos los seres y de esa manera prepararemos una generación apta para el porvenir.

No mandéis á vuestros hijos en la iglesia ni en los colegios de los frailes...

Necochea

Terencia Fernandez

Del natural

No demonio en la casa de Dios

EL CURA. Bien. Ahora ten dréis que abonar dos pesos que son los derechos de bautismo que cobra la santa iglesia, si no no vale el bautismo para la criatura.

EL PADRE DE LA CRIATURA ¿No vale? ¡ja ja!...

Tanto mejor. Sepa Vd señor cura que yo no tengo interés de que valga o no valga el bautismo. Si he venido a bautizar al niño ha sido por no imponer mi voluntad a mi compañera, que por desgracia de las desgracias es religiosa, sino no hubiera venido, pues yo estoy plenamente convencido de que todo esto es una burda farsa, y quiero prácticamente que mi compañera se convenza por si misma de la verdad de mis palabras. (Dirigiéndose a su compañera) ¿No es verdad que si, que con esto ya quedas convencida?

Pues tu ya lo has oído: ¡si no hay plata no, hay bautismo! —Compañera, si, si; es verdad, tienes razón.

EL CURA ¡Basta, basta Ateos, no insulteis la casa de Dios, no vengáis a profanar con vuestras presencias estos sagrados recintos donde Dios lo escucha todo y os castigará, pues el es bueno y todo poderoso y a todos por igual nos ilumina con su magna sapiencia y a todos por igual nos cobija bajo su hermoso manto azul, pero si provocamos su enojo, su ira, tambien sabe castigar con sus fulminantes rayos.

EL PADRE—¡Calla, hipócrita! No prosigas con tus embustes, porque tu mismo te vendes.

Estoy de acuerdo que ha todos por igual nos ilumina y ha todos nos cobija bajo su manto azul, pero Dios no se ha dirigido nunca a nadie a cobrar sus beneficios (suponiendo que haya existido; que esta es otra patraña) mientras tu, que debes cumplir sus mandatos en la tierra, realizas bellos negocios con sus preceptos.

Y ahora se me antoja una pregunta:

¿Como es eso que dices te tiene en su propia casa sabiendo que eres un holgazán que robas a todo el mundo, para mejor engañar, invocando su santo nombre? ¿Como es que no te saca a zurriagazos o fulminarte con sus «potentes rayos»?

EL CURA—¡Basta! ¡No quiero, no debo escucharte mas; tu eres el demonio en persona, pueda que «Dios» te envíe para poner a prueba mi paciencia! ¡Fuera Demonio!... Nada conseguirás; ésta es la santa casa de Dios!

EL PADRE.—El demonio eres tú en este planeta tierra y por lo tanto ésta no es la casa de «Dios»; en mi concepto ésta es la casa del dogma, la casa de los farsantes y haraganes, en fin, en una palabra: ésta casa es antro de todas las bajezas humanas!...

EL CURA.—¡Dios mío, Dios mío!, protégeme de este «demonio»... ¡Agua bendita, agua bendita!...

Y el cura corre como un loco con el isopo en la mano, echando agua bendita (sucía) ¡por todas direcciones.

¡Vete demonio, vete!

EL PADRE.—Bien, ya me voy,

pero antes de irme te daré un consejo, y hélo aquí:

¡Quítate las polleras, ponte los pantalones y cumple tu misión de hombre: ¡vete a trabajar!— El «matrimonio» se retira. El cura seguía echando agua sucia, furioso, sus ojos parecían despedir chisoas, mientras sus labios murmuraban: ¡Tramposos!...

Felisa Scardino

Buenos Aires.

Los peligros acarreados por el capital

A mis hermanitas de causa

Hermanitas: al hablaros de los peligros que encierra el capital, lo hago con el noble fin de haceros comprender que no debeis dejaros dominar por la ambición hacia el vil metal, que es la causa de todos nuestros males y sufrimientos y de cuanto crímenes se cometen en la organización de esta sociedad adúltera y corrompida.

¿Qué es el capital? El capital compañeritas mías: es el enemigo mas encarnizado del productor que fecundiza la tierra sin percibir los beneficios del consumo, toda la riqueza social.

El capital es el robo, el usurpador del fecundo trabajo.

He aquí los efectos del capital, la ambición, el egoísmo, el crimen, la prostitución, la miseria y el hambre, que por medio de la explotación se producen en la humanidad.

¿Quien es el único responsable de la horrible desigualdad económica en la actual sociedad? El capital. ¿Porque esa desigualdad?

¿Porque los capitalistas que forman una pequeña minoria, son los que se niegan a producir, no sometiendo al trabajo, que es la mas grande misión que nos ha legado la naturaleza? Siendo el trabajo el principal factor de la vida humana y del cual se mantienen y viven a su expensa todos los parásitos que acaparan y concentran el capital.

Si, el capital es la única fuente de inagotable males que hoy vienen sufriendo los desheredados, los sin pan y sin refugio: los que, en una palabra, todo lo producen y de todo carecen.

Comprendiendo tan graves causas, hermanitas queridas, estrechemos mas y mas nuestras fuerzas a la par que nuestros compañeros de infortunio, organizandonos é instruyendonos en los centros culturales y en los sindicatos obreros, para que así cual una sola luchar abiertamente contra el capital y todos los males.

Pero, ya me parece estar oyendo a muchas de mis compañeritas exclamar: ¿y como combatir al capital? Pues queridas mías, muy sencillamente: luchando por nuestra causa, por el ideal mas grande, bello y rublino, que pronunciar se pueda: Por la ¡Anarquía!

Vaya mi saludo fervoroso y de aliento al mismo tiempo a aquellos que a igual que yo, sufren el peso de la sociedad presente y alistemonos estrechando nuestras filas libertarias y luchando todas por la misma causa que es el advenimiento del amor y la justicia para la humanidad entera: El comunismo Anarquico.

Carmen García

Tres Arroyos.

¿Cuántas Somos?

Parece que al llegar «Nuestra Tribuna» al Territorio de Rio Negro muchas compañeritas hemos percibido un poco mas de luz, en medio de tanta oscuridad; nos pareció que la nueva aurora hubiera venido a golpear la puerta de nuestra humilde casucha, y gritandonos: ¡Despertad proletarias, esclavas y sumisas, dejad de ser timidas y servidoras de esta sociedad corrompida; no seréis mas las eternas bestias de carga, que saciáis los bestiales apetitos de nuestros opresores y tiranos. No más humillación ante el que se une con nosotras, para luego convertirnos en esclavas y servidoras de sus caprichos, por que son muchos los que buscan compañeras, para despues no darle un dedo de luz como hay muchos padres que por ser ellos ignorantes y no conocer los modos de la sociedad, hacen que sus hijas permanezcan en la ignorancia, que es causa, muchas veces, de precipitarse a la prostitución. Pero, hoy que conocemos los males de esta sociedad, tambien somos las llamadas a hacerlo desaparecer pues nosotras, juntas con nuestros compañeros de lucha de todos los continentes, debemos combatirlos y aquellas que ven y comprenden todo el mal que existe en la sociedad y no se atreven á combatir no hacen mas que perpetuar el reinado de la injusticia y de la desigualdad social.

¡Oh, cuán bello será el día en que no exista, esta putrefacta sociedad! ¡Que felices serán los seres humanos!

Yo, ruda y «pobre» campesina, os hago esta pregunta: ¿No os habeis enterado de la aparición de ese periodiquito anarquista, que viene hacia nosotras á traernos la luz, a fortificar nuestro cerebro? «Nuestra Tribuna» combatirá todos los males que nos acechan, y pondrá a descubierto las artimañas que con nosotras comete la burguesia.

Pero para emanciparnos y librarnos de esos males, es necesario que todas las desheredadas del orbe, recapaciten sobre su situación y se agrupen y se comprendan, imitando nosotras, las de estas campiñas a nuestras hermanitas de las ciudades.

Asi que desde ya podemos ir contribuyendo con nuestros pequeños granitos de arena, para así con nuestro esfuerzo moral y material no dejar morir a «Nuestra Tribuna» ni a ninguna de nuestras hojitas libertarias, que nuestros compañeros de causa sostienen a costa de grandes sacrificios y de esfuerzos sobrehumanos.

Pues bien compañeritas, ya sabemos cual es nuestro puesto de combate y nuestro deber, es hacer obra y es por eso que os pregunto ¿Cuántas somos?

¿Somos pocas? ¡que importa!

Respondamos las pocas que somos a medida de nuestros esfuerzos. ¡Caramba! No parece sino que en este territorio de Rio Negro, no hubiera mujeres esclavas y prostitutas por esta maldita sociedad

Compañeras, hermanitas, despertad de ese letargo en que os habeis sumido; pensad en la explotación que nos conduce al hambre: en nuestros hijos y en el negar porvenir que los espera.

Y mirando hacia oriente donde se eleva el sol... nos llama nuestra madre y libre Anarquía.

Maria M. Hernandez

Allem.

¡Arriba los corazones!

Hechos, mas hechos

Hechos son hombres ha dicho alguien, y ha dieho bien: pero cuando estos parten de las mujeres, entonces si que podemos gritar bien alto con Arquimedes «Eureka», «ya la encontré» y de aquí en adelante trabajaremos tesoneramente porque la humanidad sea mejor.

¿Un tribuna mas? Muy bien ¿Es ella femenina? Mejor ¿Defiende las ideas anarquistas? ¡Ah!

Ahi les dolerá a muchos, eso es lo que importa, pues... Todo esto es lo que se nos ocurre pensar despues de haber ojeado un número, el 1º. de «Nuestra Tribuna», que cayó en nustras manos.

Obras, mas obras, muchos hechos; he ahí lo que nos empujará hacia un futuro de felicidad inmediata.

El anarquismo brega por la felicidad de todos los sexos, es pues muy logico que halle en todos los bravos defensores que se interesan por su rápido advenimiento, es muy logico y muy natural ¿No tienen acaso todos los partidos políticos y todas las religiones sus líderes femeninos?

Si pues, entonces, ¿porque no ha de tener el anarquismo tambien el suyo?

Posiblemente, ha de ser la mujer. la que andando el tiempo, se interesará doblemente y con ahinco por el perfeccionamiento (tanto moral como material) de la raza; pues es ella, indiscutiblemente, la que siente mas en sus entrañas á la humanidad, nadie mejor que la mujer, por lo tanto, para marcar orientaciones a la presente y futuras generaciones.

La palabra de la mujer ¡cuantos resortes no mueve!; pero en la actualidad, resortes, la mayoría de las veces, contra prudentes. Mueva la mujer desde hoy resortes de civilización bien entendida, sea ella a la luz del día el verdadero génesis de un nuevo mundo.

Muchos serán los poseidos... que no hallaran encuadrada la obra de que hablamos en el marco anarquista; pero a esos tales se les puede decir: amigos nuestros, compremos el marco y, continuamos muy decididas por el camino de la acción que es vida.

Antonia M de Currás

Bs. Aires, Agosto de 1922.

Nuestra Rifa

De acuerdo a las publicaciones hechas por este Grupo Editor, el primer premio ha sido anulado por no ser devuelto el talonario antes del día de la jugada.

El grupo editor

ABRIENDO SURCOS: HISTORIA DE UNA TRIBUNA COMPARTIDA

POR LAURA FERNÁNDEZ CORDERO

Si la nacionalidad se definiera por los kilómetros recorridos, Juana Rouco sería del mundo. Apátrida del globo. Internacionalista de la palabra. Migrante por persecución policial y por convicción ideológica. ¿Qué importa nacer en Madrid, si la opresión no respeta fronteras? A descubrirlo en Buenos Aires fue la jovencísima Juana, cuando todavía se apellidaba Buela. Aprendió, al mismo tiempo, las letras y el anarquismo. En 1904 escapó de las balas del orden y llevó a pulso, junto a otras compañeras, el cuerpo tibio de un obrero asesinado. Tenía entonces 15 años y, en ese gesto, asumió para siempre que el camino era con ellas: las mujeres anarquistas.

Toda su vida la contó en una autobiografía que tituló *Historia de un ideal vivido por una mujer* (1964). El relato comienza con su desembarco en Argentina y, a partir de su contacto con el mundo libertario, la lista de ciudades visitadas es apabullante. A causa de la deportación recorrió Barcelona, Madrid, Marsella, Génova y Montevideo. En Uruguay dirigió el periódico *La Nueva Senda* junto a María Collazo, Virginia Bolten y otros compañeros, pero la policía no le daba tregua y, tras una espectacular huida, regresó a Buenos Aires y se refugió en La Plata. Luego intentó una vida parisina que fue coartada por un atentó capitán que la descubrió polizonte y la desembarcó amablemente en Río de Janeiro. Desatada la gran guerra en Europa, la ciudad carioca le ofreció amparo, amistades y trabajo; algo fundamental dado que siempre fue una obrera de la confección, el lavado y el planchado de camisas. Encontró también un animado ambiente libertario al que se entregó con el compromiso habitual, agitando reuniones y tomando la palabra en muchos actos públicos. Sus notas llegaron a varios periódicos: *A Voz do Trabalhador*, *A Voz do Padeiro*, *A Epoca* y *Jornal do Brasil*. Y no escapó al calabozo, donde pasó varios días detenida por alterar el orden. Una buena nueva le habilitó el regreso a Argentina: su madre había logrado anular legalmente su deportación porque se había cumplido cuando Juana era menor.

Pronto, una gira nacional como delegada de la Federación Obrera Regional Argentina (FORA) la llevó a más de treinta ciudades del país, entre las cuales una llamó su atención y despertó el entusiasmo: Necochea. A comienzos de los años veinte era todavía un pueblo grande que atraía público como balneario, pero que tenía un alto nivel de activismo obrero por la cercanía con la localidad de Quequén, un puerto pujante y políglota. Allí encontró Rouco un grupo extraordinario de compañeras con quienes cumplir su viejo proyecto de un periódico escrito y dirigido por mujeres. Venía soñándolo desde tiempo atrás y sumando compromisos de apoyo en cada ciudad que visitó. Así, cuando el Centro de Estudios Sociales Femenino y el primer número de *Nuestra Tribuna. Quincenario femenino de ideas, arte, crítica y literatura* vieron la luz, ya contaban con una red nacional e internacional que les permitió sostener 39 números entre 1922 y 1925. Sin reclamar para sí ese antecedente, *Nuestra Tribuna* era la continuación de otro proyecto similar, *La Voz de la Mujer*, periódico de entresiglos que fue, también, obra exclusiva de las anarquistas.

La producción de periódicos era parte del quehacer libertario. Un periódico permitía difundir “la idea”, producir una crítica contundente de la vida social y política, convocar adhesiones y potenciar las voces. Sin embargo, los periódicos escritos por mujeres generaban resistencias entre algunos compañeros, desconfiados de una división de la causa para la que no encontraban motivos. Ellas, en cambio, creían que necesitaban expresar su voz singular y sostener una *tribuna* desde la cual sumarse a la revolución social sin intermediarios. Por eso, con la ayuda de algunos hombres que hacían tareas de imprenta o de reparto, pero sin dejar que escribieran en el periódico, el colectivo editor — que se completaba con Fidela Cuñado, Teresa Fernández y María Fernández — puso en diálogo a centenares de mujeres de pequeñas ciudades argentinas y del resto del mundo. Sostuvieron, además, acuerdos y disputas con otros periódicos, más cerca de *La Antorcha* y de *Ideas*, que de *La Protesta*, con cuyos representantes libraron interesantes polémicas. No sólo porque la teoría de la emancipación de la mujer parecía más sencilla de aceptar que la práctica, sino porque los compañeros tendían a pedir que las mujeres los secundaran, a modo de acompañantes. Sin embargo, convocadas por el mismo ideario, ellas se sentían más que segundonas, protagonistas.

A pesar de sus ansias de liberación, nunca se consideraron feministas en sentido estricto. Veían a aquellas mujeres demasiado burguesas y enroladas en una lucha equivocada; las anarquistas no buscaban conseguir derechos para incluirse en el sistema social y político como iguales, querían destruirlo. Y en esa destrucción de la opresión y la injusticia, construir otras formas de vida, otras modalidades de la economía y otras maneras de amar. Vistas desde hoy, después de todo un siglo de feminismos, sabemos que en sus discusiones sobre el amor libre, sus debates por la moral sexual y sus diatribas contra los privilegios masculinos fueron pioneras y se mantienen más vivas que nunca. Con nombres propios o desde biografías ya perdidas, sus plumas antiguas hablan del presente. Redactoras expertas en hacer dinamita con un simple papel y reinventar el mundo con sus ardientes tipografías.





Lucía Sánchez Saornil

ESPANHA, 1895-1970

FOTO PRESENTE NA CARTEIRA DE IDENTIFICAÇÃO DO SINDICATO PROV. DE ATIVIDADES DIVERSAS/ GRÊMIO DE ABANQUEROS, ONDE FIGURAVA NO GRUPO INDEPENDENTE E NA CATEGORIA PINTORA. O DOCUMENTO FOI TIRADO EM 02 DE MARÇO DE 1954. HOJE SE ENCONTRA NO ACERVO PESSOAL DE HELENA CALVILLO SAMADA, SOBRINHA-NETA DE AMÉRICA BARROSO COM QUEM LUCÍA, SUA IRMÃ (CONCHA) E SEU PAI (EUGENIO) CONVIVERAM NA ÉPOCA DO EXÍLIO INTERNO NA ESPANHA DURANTE O FRANQUISMO

Pouco antes da queda de Madrid em abril de 1939, último baluarte da resistência antifascista, Lucía Sánchez Saornil escreveu o texto “Indomables” para o *Semanário de SIA*, órgão periódico do Comitê de Solidaridad Internacional Antifascista, publicado na França, para onde a anarquista foi em busca de exílio após a vitória de Franco. Neste breve porém intenso ensaio, afirma que “O antifascismo espanhol sente a dignidade de sua missão; sabe que [...] escreveu na história [...] uma página cuja profunda e luminosa marca os imundos cuspes da chusma fascista não podem apagar.”

Muito mais do que um balanço técnico sobre as causas que geraram a derrota para o fascismo internacional durante a guerra civil, “Indomables” é um panegírico apaixonado da luta revolucionária dos trabalhadores e trabalhadoras espanhóis pela sua autoemancipação. Não por acaso, Lucía diz nele que a derrota material da guerra estaria em um nível ético infinitamente inferior à vitória simbólica que obtiveram com a revolução. Isso constituiria o seu maior legado, cuja marca luminosa os fascistas nunca poderiam apagar da história.

Embora nestes tempos sombrios que sobrevieram após 1939, e que perduraram até 1975, tivessem sido feitos inúmeros esforços para apagar o nome de homens e, principalmente, de mulheres que participaram ativamente da Guerra Civil e da Revolução Social na Espanha, a luz de suas biografias nunca deixou de brilhar. É bem verdade que seu brilho não teve

desde então a mesma força e esplendor daquele ano de 1936. Mas, mesmo que de modo bruxuleante e fraco, ela se manteve irradiante no tempo até chegar à atualidade.

Lucía Sánchez Saornil nasceu em 12 de junho de 1895 no interior de uma família proletária de Madrid, tendo-se formado de modo autodidata. Desde muito jovem, destacou-se enquanto poeta, ligada primeiro ao modernismo (Avante, Cadiz de San Fernando e Los Quijotes), e depois ao ultraísmo (Grecia, Cervantes, Ultra e Plural), sobressaindo-se como uma das poucas presenças femininas em ambos os movimentos literários.

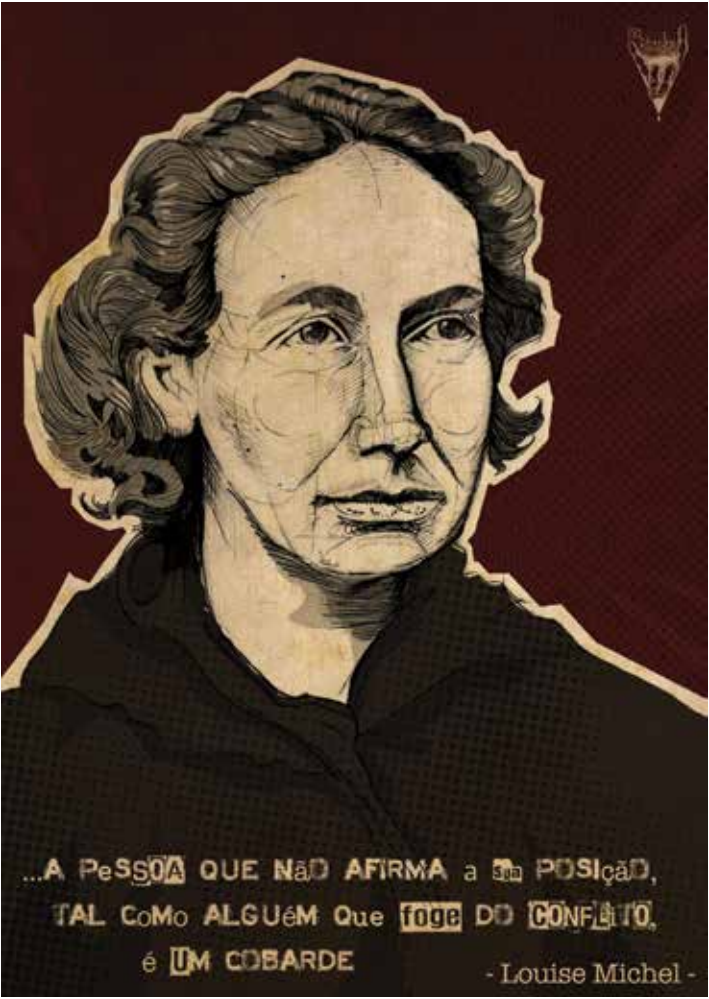
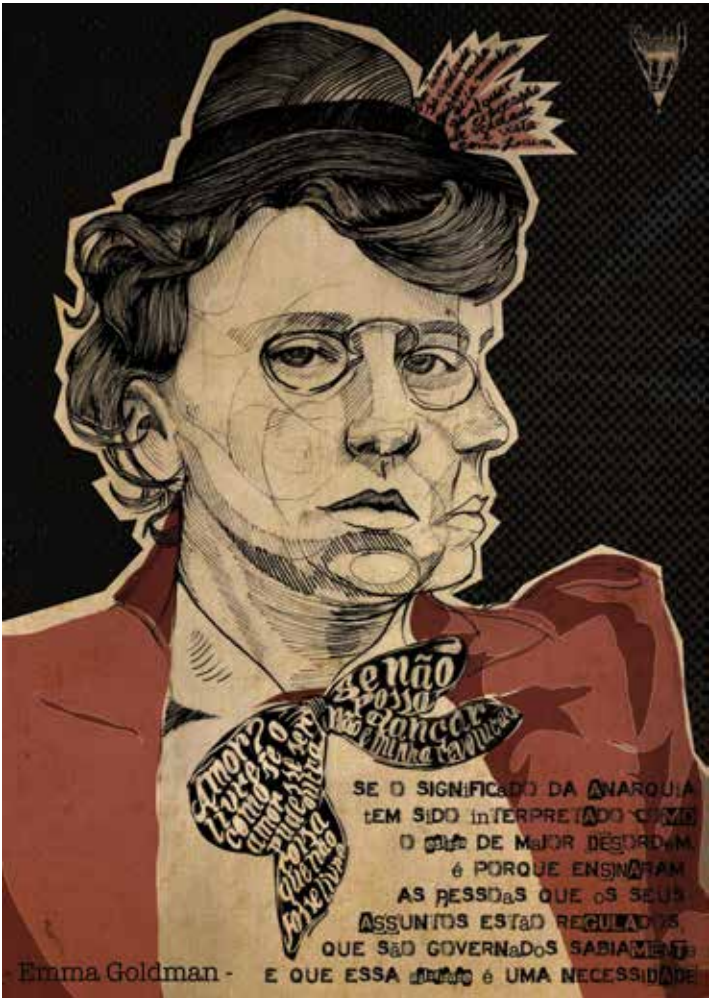
Órfã de mãe, seguiu cedo o exemplo do pai no ofício de telefonista na Companhia Telefonica de Madrid em 1916, onde protagonizou dois importantes episódios grevistas (1927 e 1931). No interior da Telefonica, entrou em contato com o anarquismo, tornando-se uma figura destacada nos sindicatos (CNT), grupos específicos (FAI) e imprensa anarquista (*El Libertário*, *CNT*, *Tiempos Nuevos*, *Fragua Social* e *Umbral*). Das suas publicações, sublinhamos sua crítica contundente ao machismo estrutural dentro da CNT, tal como evidencia seu debate com Mariano Vazquez nas páginas do periódico barcelonês *Solidaridad Obrera*, em fins de 1935.

Ciente de que a “questão feminina” não poderia ser reduzida à “questão social”, ela foi, ao lado de Mercedes Comaposada e Amparo Poch y Gascón, uma das iniciadoras de *Mujeres Libres*, vindo a ser a principal responsável tanto pela

linha editorial da revista, cujo primeiro número saiu em maio de 1936, quanto pela orientação política da organização, cuja formalização se deu com a instituição da Federação Nacional, em agosto de 1937.

Como uma organização de, por e para mulheres, *Mujeres Libres* buscou estabelecer uma série de ações para modificar a curto e longo prazo a situação das trabalhadoras durante quase três anos de guerra e revolução na Espanha (1936-1939). Ao lado da criação da revista homônima (da qual existem doze números), dos programas de alfabetização, cursos técnico-profissionais, creches anexas a fábricas, restaurantes populares, campos de treinamento militar, a referida organização foi pioneira no estabelecimento de projetos no campo sexual, tal como a divulgação de métodos contraceptivos, a prática do aborto, cursos de maternidade consciente e, não menos importante, os liberatórios da prostituição, que visavam a acabar com a exploração sexual feminina e, ao mesmo tempo, a permitir que essas mulheres tivessem outra profissão.

Com a derrota para os fascistas, Lucía se exila na França, de onde retorna cerca de três anos depois. Durante o franquismo, mantém-se desligada das atividades políticas, morrendo em 2 de junho de 1970, em Valência, vitimada por um câncer de pulmão. Na lápide de seu túmulo pode-se ler a seguinte frase: “¿*Pero es verdad, que la esperanza ha muerto?*”, pergunta que persiste e persegue diferentes gerações de lutadoras que continuam com a luta por um mundo mais livre e igualitário.



ANARQUISTAS NA DÉCADA DE 1920: EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

POR LUCIA PARRA

Os anarquistas da década de 1920 organizavam-se em torno de reivindicações operárias, reconhecendo a importância da educação como forma de emancipação de homens e mulheres. A educação poderia realizar-se por meio de escolas ou outros espaços de aprendizagem como associações de trabalhadores, grupos anticlericais, bibliotecas populares, ateneus e centros de cultura. A propaganda anarquista era realizada por meio de palestras e outras atividades culturais promovidas em espaços como Salão das Classes Laboriosas (São Paulo), Federação Espanhola (São Paulo), Centro Galego (Rio de Janeiro), Clube Ginástico Português (Rio de Janeiro), Federação Operária do Rio de Janeiro e Federação Operária de São Paulo.

Uma atividade de destaque para os anarquistas foi o teatro amador, como um meio de socialização e propaganda libertária. Apresentações públicas de peças teatrais como *O Primeiro de Maio* de Pietro Gori eram oportunidades para despertar os ideais anarquistas nos novos trabalhadores, bem como reforçar os laços entre aqueles que já conheciam o anarquismo. Pedro Catallo, anarquista, sapateiro e autor das peças *Como rola uma vida* e *Uma mulher diferente*, participou ativamente desses grupos. Em depoimento na revista *Verve* (2007) conta que atuou, em 1928, no Grupo Teatral da União dos Artífices em Calçados. No mesmo ano, Catallo fundou junto a outros militantes anarquistas o Grupo Teatral Aurora, que encenava peças de temática social em língua espanhola.

Ateneus, bibliotecas populares e centros de cultura eram locais de contato com livros e jornais. Nesses espaços havia cursos de alfabetização, leituras comentadas, atividades teatrais e debates. De acordo com Edgar Rodrigues (s.d), em 1927 foi fundado o Ateneu de Cultura Popular na Avenida Rangel Pestana, em São Paulo. Durante a década de 1920, esteve em atividade também em São Paulo a Biblioteca Social A Inovadora, na Ladeira do Carmo, aberta das 8 às 21 horas. De acordo com Miriam Moreira Leite (1984), essa biblioteca era organizada por anarquistas e funcionava como gabinete de leitura, realizando empréstimos e venda de livros e jornais.

O mais importante jornal anarquista da década de 1920 foi *A Plebe*, fundado em 1917, em meio à Greve Geral do mesmo ano e inicialmente editado por Edgard Leuenroth. Foi fechado em 1924, quando foi declarado estado de sítio, e retomado em 1927. Diversos anarquistas publicaram em suas páginas, eram divulgadas atividades do movimento operário, das Escolas Modernas e a publicação de livros. Exemplares de *A Plebe* poderiam ser adquiridos em bancas de jornais em grandes cidades como São Paulo e Santos, e no interior do Estado de São Paulo, por assinatura ou por intermédio de militantes anarquistas. Os jornais eram os principais veículos de divulgação de ideias dos grupos anarquistas, e provavelmente por essa razão o Grupo pela Emancipação Feminina, criado em 1923, a partir da dissolução da União das Costureiras, escolheu publicar, com a pouca verba que conseguiu arrecadar, *O Nosso Jornal* (1923). O objetivo do Grupo era divulgar suas ideias e promover a emancipação da mulher.

O Grupo pela Emancipação Feminina trabalhou arduamente para criar relações de solidariedade entre as mulheres, chamando-lhes a atenção para questões econômicas como a desigualdade de salários entre homens e mulheres na mesma função. Mostravam também em seus textos que a religião católica oprimia as mulheres de formas diferenciadas conforme sua classe social, pois as mulheres da elite frequentavam a igreja por status. As fronteiras de classe e de gênero podem ser muitas vezes zonas de conflitos.

Um exemplo é o texto “A mocidade das escolas”, de Carolina Boni, que observou como jovens estudantes esforçavam-se para não serem confundidas com operárias, tentando a todo custo diferenciarem-se nas aparências. Carolina, mulher e operária, não se esquivou da militância anarquista. A autora era filha de imigrantes italianos, nascida em Espírito Santo do Pinhal, Estado de São Paulo, e ainda jovem veio a morar na cidade do Rio de Janeiro. Suas ideias libertárias desenvolveram-se em família. Elvira Boni, irmã de Carolina, conta em depoimento no livro *Velhos militantes* (1988) que Ângelo Boni, pai das militantes, frequentava o Círculo Socialista Dante Alighieri, em Espírito Santo do Pinhal. O pai e os irmãos de Carolina e Elvira Boni participavam da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, fundada em 1909 em meio aos protestos pela prisão e morte do educador Francisco Ferrer.

Em 1919, após o Comício de 1º de maio na Praça Mauá, Elvira Boni, Elisa Gonçalves de Oliveira, Aída Morais, Isabel Peleteiro e Noêmia Lopes fundaram a União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas. Nesse mesmo ano organizaram uma greve, por meio da qual conquistaram o direito a oito horas de trabalho.

Em 1922 a União das Costureiras terminou, por falta de adesão das mulheres. Elvira Boni, em depoimento no livro *Velhos militantes* (1988), diz que as costureiras “achavam que não eram operárias, e sim artistas, porque faziam coisas bonitas, vestidos...”. Aqui mais uma vez as fronteiras de classe aparecem, afinal eram mulheres trabalhadoras, mas não necessariamente se identificavam com operários de fábricas – estes sim, na visão de algumas costureiras, deveriam envolver-se em sindicatos, uniões de trabalhadores e greves.

Apesar de as fronteiras de classe e gênero que observamos no decorrer das histórias de operárias e militantes como Elvira Boni e Noêmia Lopes constituírem elementos de divisão, notamos que homens e mulheres anarquistas viam na educação, no desenvolvimento de atividades culturais como o teatro e na difusão da leitura caminhos para a emancipação.

REFERÊNCIAS

ANGELA DE CASTRO GOMES, DORA ROCHA FLAKSMAN, EDUARDO STOTZ (COORDS.). *VELHOS MILITANTES: DEPOIMENTOS DE ELVIRA BONI, JOÃO LOPES, EDUARDO XAVIER, HILCAR LEITE*. JORGE ZAHAR EDITOR, 1988; EDGAR RODRIGUES. *NOVOS RUMOS: HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO E DAS LUTAS SOCIAIS NO BRASIL (1922-1946)*. MUNDO LIVRE, S/D; MIRIAM MOREIRA LEITE. *OUTRA FACE DO FEMINISMO: MARIA LACERDA DE MOURA*. ÁTICA, 1984; O NOSSO JORNAL, RIO DE JANEIRO, NÚMERO ÚNICO, 1º DE MAIO DE 1923; PEDRO CATALLO. SUBSÍDIOS SOBRE A HISTÓRIA DO MOVIMENTO SOCIAL NO BRASIL. VERVE, SÃO PAULO, N. 11, PP. 11-48, 2007.



ÁGUA VERMELHA
FERNANDA GRIGOLIN

COM IMAGENS DE FOTÓGRAFO
DESCONHECIDO E DE ARMANDO PAMPLONA
CRÉDITOS: FRAMES DOS FILMES FUNERAIS DO
COMENDADOR NAMI JAFET (1924) E IPIRANGA,
DE ARMANDO PAMPLONA (1922) E DO ÁLBUM
DE FAMÍLIA DE VANESSA FREDERICO (O
BISAVÔ DE VANESSA, SEU ANTENOR DA SILVA,
REALIZAVA EMPREITADAS PARA ABRIR AS
RUAS DO BAIRRO EM 1919)



Luce Fabbri

ROMA 1908-MONTEVIDÉU 2000

*L'esilio
E poi tornai nella città del sogno,
quella ch'amo fra tutte le città.
All'ombra di quei portici ho plamato
questa raccolta giovinezza mia;
all'ombra di quei portici ho trovato
ciò che nessuno mi può portar via:
un affetto potente più del fato,
il dolce incanto della fantasia,
l'amore santo della libertà.*

Luce Fabbri, I canti dell'attesa, 1932

*O exílio
E depois voltei à cidade do sonho,
aquela que amo entre todas as cidades.
Na sombra daqueles pórticos plasmei
esta colhida juventude minha;
na sombra daqueles pórticos encontrei
o que ninguém pode tirar de mim:
um afeto poderoso mais do que o
destino,
o doce encanto da fantasia,
o amor sagrado da liberdade.*

Luce Fabbri nasceu em Roma, cresceu em Bolonha, onde se formou na Faculdade de Letras e Filosofia com uma tese sobre Élisée Reclus, e em 1929 chegou ao Uruguai. Filha de Luigi Fabbri, anarquista e grande amigo de Errico Malatesta, e de Bianca Sbriccoli, conheceu de perto as violências fascistas. Quando o pai, ativo como jornalista e nos movimentos sindicais e cooperativos, recusou jurar fidelidade ao regime de Mussolini, como foi imposto a todos os professores do ensino público, os componentes da família Fabbri tiveram que fugir da Itália, em momentos diferentes, passando pela Suíça, pela França e Bélgica, com contínuas expulsões que impuseram a partida para Montevidéu, único país que deixava entrar os migrantes sem passaporte.

Essas experiências marcaram profundamente o pensamento de Luce, e seu antifascismo se desenvolveu no campo teórico através de análises do fenômeno, em artigos e livros ou através de revistas como *Studi Sociali*, da qual foi diretora, *Rivoluzione Libertaria* e *Socialismo y libertad*, que contribuiu a fundar. Com o livro *Camisas negras*. Estudio crítico histórico del origen y evolución del fascismo, sus hechos y sus ideas (1935), que reúne seis conferências proferidas em Rosario de Santa Fé (Argentina) no Colegio Libre de Estudios Superiores em 1933, Luce opera uma cuidadosa análise do fascismo e de suas origens, de seus caracteres políticos, econômicos e sociais. Seu ponto de vista é precioso porque ela conheceu diretamente,

em Bolonha, os acontecimentos ligados ao surgimento e à difusão do fascismo, em uma região na qual os trabalhadores sempre foram muito organizados e, por essa razão, sofreram forte repressão. O exílio e o contato com muitos expoentes do antifascismo internacional em Paris, no Uruguai, nos Estados Unidos e na Espanha durante a Revolução de 36 e a Guerra Civil lhe permitiram definir com clareza as principais características do fascismo, inclusive como fenômeno internacional. Classismo, autoritarismo, nacionalismo e tradicionalismo marcavam esse poder totalitário do ponto de vista político, enquanto, do ponto de vista econômico, resulta decisiva a análise sobre o corporativismo. Para sintetizar o pensamento luciano, cito e traduzo um trecho do livro *Camisas negras*, publicado em 1935: “os dois únicos fios de ação que são claramente vistos no desenvolvimento da política fascista são: a constante ajuda ao capitalismo contra os interesses das classes trabalhadoras e uma progressiva restrição da liberdade, que vai das grandes leis repressivas que cobrem toda a vida nacional até o paciente trabalho sobre os detalhes que atingem ou tentam alcançar o espírito de independência e iniciativa livre, mesmo nos cantos mais isolados da atividade e do pensamento italiano. A essas duas necessidades, uma econômica e outra política, mas basicamente idênticas, obedece a evolução do fascismo como Estado e como partido”.

Camisas negras não foi a única publicação de Luce sobre o tema.

Há uma brochura dela, intitulado *El fascismo: definición e historia*, que será republicado tanto em português quanto em espanhol (Tenda de Livros e Microutopias), do qual trago um trecho quando ela fala do aspecto concreto do fascismo: “Este tipo de ação violenta, muitas vezes sádica, orientada contra as realizações da classe operária e contra os intelectuais considerados de esquerda, constituía o único aspecto concreto e materialmente visível do movimento fascista, através de sua contínua mudança de ideologia. E ainda está lá, naqueles fatos sinistros, iluminados por toda a experiência subsequente, que devemos olhar hoje para a substância e a definição do fascismo”. Conforme Luce e o pai Luigi, autor do livro *La controrivoluzione preventiva* (1922), o fascismo surgiu em um momento histórico caracterizado por grandes agitações, manifestações, ocupações e greves dos trabalhadores na cidade e no campo. Apesar de a retórica revolucionária estar presente entre as massas, não houve uma verdadeira revolução, e, quando a burguesia assustada de perder seus privilégios entendeu a fraqueza do proletariado, aproveitou-se disso para operar uma contrarrevolução, que se tornou em seguida um fenômeno mundial. Luce lutou contra o autoritarismo e contra todos aqueles regimes que sufocam a iniciativa popular e a livre experimentação de novas formas de organização social, por isso suas ideias merecem ser resgatadas, particularmente no momento histórico atual.

REFERÊNCIAS

LUCE FABBRI, CAMISAS NEGRAS. ESTUDIO CRÍTICO HISTÓRICO DEL ORIGEN Y EVOLUCIÓN DEL FASCISMO, SUS HECHOS Y SUS IDEAS. NERVIO, 1935; LUCE FABBRI, EL FASCISMO. DEFINICIÓN E Y HISTORIA. UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA, DEPTO. DE PUBLICACIONES, 1963; LUIGI FABBRI, LA CONTRORIVOLUZIONE PREVENTIVA. RIFLESSIONI SUL FASCISMO, 1922; MARGARETH RAGO, ENTRE A HISTÓRIA E A LIBERDADE. LUCE FABBRI E O ANARQUISMO CONTEMPORÂNEO. EDITORA UNESP, 2001.

¡Vamos más lejos!

e do industrialismo. Vamos mais longe!

MARIA LACERDA DE MOURA –

“É muito medíocre o
anseio de ser civilizad~~x~~,
numa sociedade de
doentes por *likes* que
destrói a diversidade e
o pensamento crítico, a
serviço da manutenção
da desigualdade social.
Vamos mais longe!”

LIANA ALICE

“É muito perigoso
reclamar-se como
escravos em uma
sociedade ainda racista,
na qual os direitos
estão distribuídos de
forma seletiva.

O fim da mediocracia
parte da autocrítica.
Vamos mais longe!”

CAROLINA O.
RESSURREIÇÃO

“É muito medíocre
esperar a misericórdia
de nossos algozes
ou deixar que nos
le~~vem~~ sem oferecer
resistência... Deixe que
venham nos buscar;
deixe que tremam
diante da digna raiva
da classe trabalhadora.
E sabe por quê: se nós
dermos as mãos,
vamos mais longe.”

ROXO E NEGRO
PUBLICAÇÕES

“Es muy mediocre
opinar a favor del
aborto sin mencionar
la emancipación de los
cuerpos y deseos de las
mujeres; necesitamos la
posibilidad de vivir
una sexualidad
no reproductiva,
vamos más lejos!”
FLORENCIA INÉS
PASTORELLA

“Mediocre el arte y
la poética patriarcal,
malditos sus títulos
e instituciones;
¡apestan! Sus categorías
reducen el mundo y los
imaginarios. Su arte
es muerte, la nuestra
es vida, cotidianidad,
creación y lucha.
Nosotras (siempre):
Vamos más lejos!”

ITZELL SÁNCHEZ
MARTÍNEZ

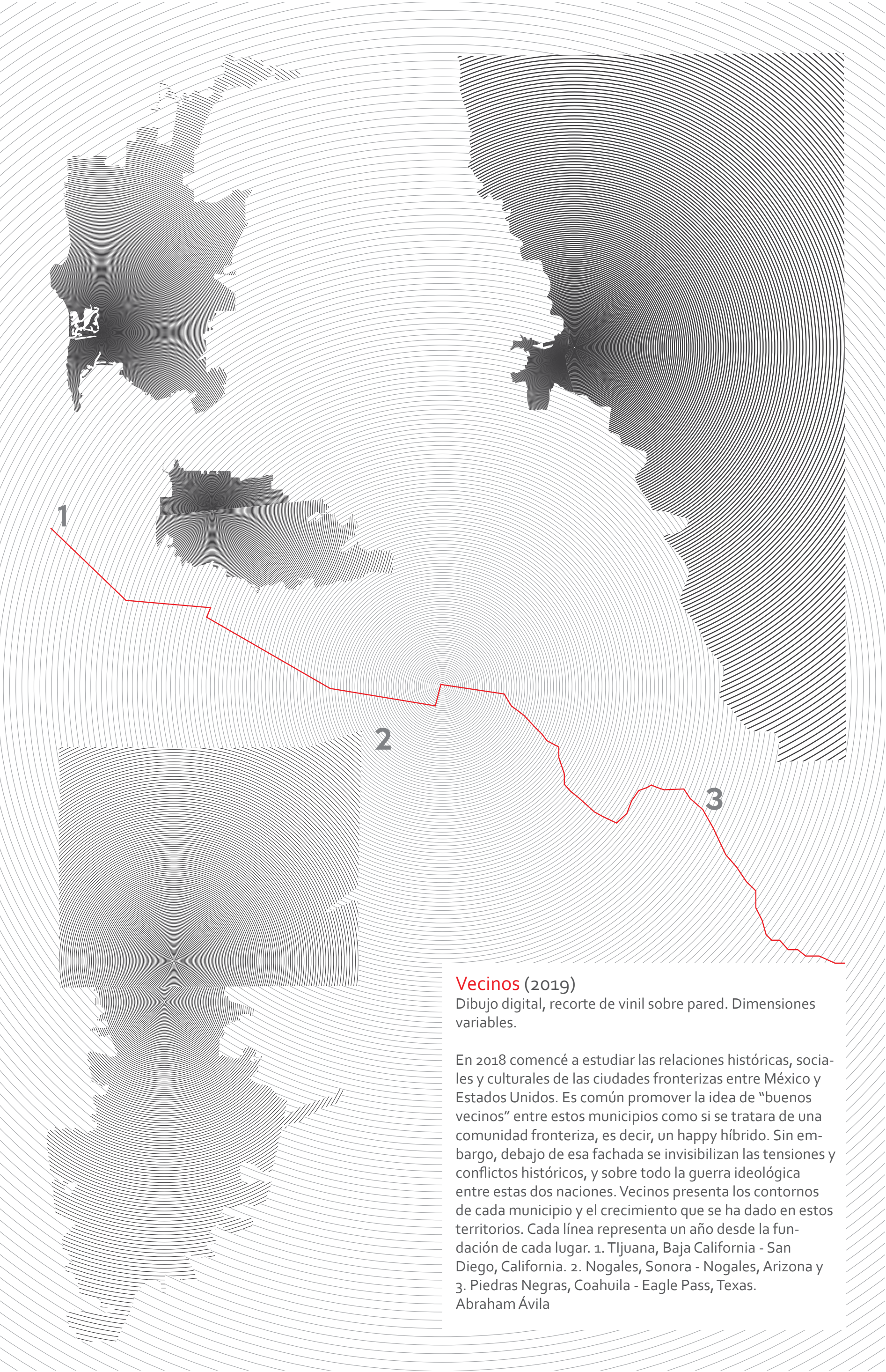
É muito medíocre o anseio
de ser igual ao homem...

*Es muy mediocre el anhelo
de ser igual al hombre...*

*De reivindicar sus derechos,
dentro de esta organización
social de esclavos y máquinas
al servicio de la mediocracia*

y del industrialismo.

De reivindicar seus direitos,
dentro desta organização
social de escravos e máquinas
a serviço da mediocracia



Vecinos (2019)
Dibujo digital, recorte de vinil sobre pared. Dimensiones variables.

En 2018 comencé a estudiar las relaciones históricas, sociales y culturales de las ciudades fronterizas entre México y Estados Unidos. Es común promover la idea de “buenos vecinos” entre estos municipios como si se tratara de una comunidad fronteriza, es decir, un happy híbrido. Sin embargo, debajo de esa fachada se invisibilizan las tensiones y conflictos históricos, y sobre todo la guerra ideológica entre estas dos naciones. Vecinos presenta los contornos de cada municipio y el crecimiento que se ha dado en estos territorios. Cada línea representa un año desde la fundación de cada lugar. 1. Tijuana, Baja California - San Diego, California. 2. Nogales, Sonora - Nogales, Arizona y 3. Piedras Negras, Coahuila - Eagle Pass, Texas.

Abraham Ávila



Domitila Pareja

1900-1926

Aprendamos las mujeres el bello ejemplo de nuestra compañera desaparecida, cuya vida fue de constante lucha contra los perjuicios políticos y religiosos. Domitila Pareja era anarquista. Por eso luchaba contra esa trinidad maldita: oro, cruz y espada.

Rosa Rodríguez, En los funerales de la camarada Pareja, *Bandera Roja*, 25/10/1926

Domitila era muy joven para morir. Fue de tuberculosis. Tenía pocos años, 26. Los suficientes, sin embargo, para ser despedida en su funeral por sus compañeros y compañeras de lucha, de la forma más sentida, seguramente con lágrimas en los ojos y el puño en alto. Para ser recordada en los discursos y escritos con que le rindieron homenaje como “una mujer del pueblo en cuyo pecho latían las más bellas pasiones del ideal de la liberación proletaria” (*Bandera Roja*, 11/10/1926).

Con esas palabras, Desiderio Osuna, sastre anarquista, describe a la costurera para celebrar su intensa aunque corta vida. Prosigue su prosa: “Militante de las agrupaciones obreras de vanguardia como el Centro Obrero Libertario, de la histórica agrupación La Antorcha, en cuyas filas fue víctima de la feroz represión saavedrista, considerada como subversiva y agitadora, y últimamente en el Centro Cultural Obrero Despertar, de donde tuvo que alejarse para dar reposo a su organismo delicado por el rudo trabajo cotidiano”.

Domitila fue una pionera. Ayudó a fundar y animó esos grupos de discusión, difusión y propaganda, donde los artesanos

y trabajadores de La Paz, a comienzos de los 20’, osaron decir por vez primera: socialismo, anarquismo, revolución social. Lo fue, igualmente, porque sabía que “la emancipación moral y económica de su clase” no sería posible mientras no cesara “la explotación del hombre por el hombre, y de la mujer que es doblemente esclavizada”. Así la trae de vuelta a la vida la culinaria Rosa Rodríguez, en el discurso que pronunció a los pies de un féretro envuelto en un pabellón rojo. De ahí su deseo de crear un Centro Cultural Femenino denominado “Luisa Michel” donde “quería enseñar a sus compañeras de sufrimiento que la mujer no sólo estaba sometida a ser madre de familia”.

Domitila padeció el yugo del trabajo y sufrió el encierro por sus ideas. La denuncia de la cárcel como destino llegó hasta el quincenario femenino *Nuestra Tribuna* de Buenos Aires (01/08/1924), en una carta dirigida directamente a Juana Rouco. En el lecho de su muerte se negó a ser víctima, también, de la cruz. Cuenta Rosa Rodríguez que cuando se le presentó un fraile para intentar confesarla, “mediante una sonora bofetada [lo] expulsó de su lado”. Dijo adiós como una anarquista.



Petronila Infantes

1911-1991

En los momentos de angustia dejemos de elevar nuestros ojos al cielo: ahí están aquellos que más han contribuido a hacernos esclavas. El remedio está aquí en la tierra y es la REBELIÓN.

Petronila Infantes, A mis compañeras proletarias, sin fecha

Petronila llega a la ciudad de La Paz. Culinaria, mujer viuda y con dos hijos, se pone una pollera, se hace chola. Son tiempos de cambio, de crisis. La guerra con Paraguay había terminado en derrota para Bolivia. Muchos hombres murieron, como el marido de Peta; otros regresaron, sin ser los mismos. Las mujeres abandonaban temporalmente sus hogares para poder mantenerlos. Se multiplicaban las cholas vendiendo en las calles y en los mercados. También en las casas fastuosas de los ricos, haciendo las tareas que ellos nunca quieren hacer: cocinando, limpiando, cuidando a los niños.

La oligarquía debía sentirse amenazada por el enemigo externo, acorralada e invadida por el interno. Quizás eso explique la disposición municipal que prohibía a las mujeres de pollera subir a los tranvías “con cualquier bulto voluminoso que pueda entrar en contacto con los demás pasajeros”, sus canastas para hacer las compras, “así como a las personas con muestras visibles de desaseo o que puedan contaminar a los demás pasajeros o despidan mal olor” (*El Diario*, 31/08/1935). Chola era para la clase dominante blanca y racista sinónimo de pollera. Y esta, a su vez, de falta de higiene, de olor. De india o de mestiza.

Peta inicia su propia guerra, la de las mujeres plebeyas. Fundaría con otras el Sindicato de Culinarias. Se opondrían a la medida que las dejaba afuera de los trenes y ganarían. Promoverían la formación de otros sindicatos de mujeres recoveras (vendedoras callejeras), floristas y cuentapropistas. Plantearían otras demandas relacionadas con su trabajo, su condición de mujer, su identidad chola y volverían a ganar. Torcerían el brazo de patrones, políticos y policías. Ayudarían a fundar, en 1940, la Federación Obrera Femenina, que amplificó todas esas luchas, las femeninas y también las masculinas. Escribirían panfletos sobre la “más pesada, más negra e infamante” cadena que pesa sobre su género. Organizarían veladas culturales, con teatro, poesía y música anarquista. Reirían a carcajadas. Llorarían a borbotones. Cocinarían ricos platos que perfuman aún las narices de sus nietos. Responderían entrevistas, cuando ancianas, hablando pestes de los curas, recordando -casi reviviéndolo en su carne- el amor libre.

¿Quién, quiénes? ¿Petronila Infantes o todas las compañeras? No importa si es singular o plural. Peta fue y es todas. Su trayectoria, su biografía es la historia del movimiento de las cholas libertarias de Bolivia.



UM IDEAL VIVIDO POR UMA MULHER

JUANA ROUCO BUELA

Em 1905, realizou-se um congresso da Federación Obrera Regional Argentina (FORA), e o companheiro Francisco Llaqué, [...] recebeu uma credencial da Refinaria Argentina de Rosário, onde quase todas as trabalhadoras eram mulheres, e acreditou que eu poderia representá-las [...] sendo assim, para mim, o primeiro passo que, dentro do movimento operário anarquista e social, dei na minha vida. [...] Nos primeiros meses do ano de 1907, ajudada pela companheira María Collazo, organizamos o primeiro Centro Feminino Anarquista que existiu na República Argentina. Fizemos parte dele muitas e ativas companheiras: Virginia Bolten, que foi uma escritora e conferencista, Teresa Caporaletti, Elisa Leotar, Maria Reyes, Violeta García, María Collazo e Marta Newelstein. [...] No total éramos dezenove que trabalhávamos com entusiasmo pelo ideal anárquico e pela FORA. [...] No final de 1907, a FORA organizou e patrocinou uma greve de inquilinos, que se alastrou por toda a cidade de Buenos Aires: reclamava-se a diminuição dos aluguéis. Houve conferências, reuniões, assembleias e manifestações [...] Toda a cidade de Buenos Aires foi tomada, e os anarquistas éramos os que controlávamos esse movimento grandioso, no qual sucedeu derramamento de sangue por parte das autoridades, que não podiam com todo o povo que estava em greve, exigindo uma coisa justa: a diminuição do valor do aluguel. Esses fatos são históricos; ocorreu de tudo: prisões, despejos, deportação, mas se chegou ao triunfo; conseguiu-se a diminuição dos aluguéis, que era o que se pedia. Um dos tantos despejos que a polícia tentou realizar aconteceu no cortiço cha-

mado “14 Províncias”, que abrigava mais de duzentas famílias, situado em Chacabuco e San Juan. As mulheres se defenderam do ataque dos policiais e dos bombeiros que, com a presença do próprio chefe da polícia, Ramon Falcón, queriam desalojar as pessoas. A polícia, por ordem de Falcón, atirou contra moradores, mulheres, homens e crianças, que, aterrorizados com o tiroteio, se defenderam a si mesmos valentemente, obrigando os bombeiros e policiais a se retirarem. [...] Houve uma vítima das balas policiais, um menino de dezessete anos [...] Na sepultura de Miguel Pepe foi colocada uma placa: “Vítima da greve dos inquilinos, assassinado pela polícia”. [...] Muitos foram os companheiros deportados, entre eles me recordo de Pérez, Antoneda, Pañeda, García de la Mata, Forcat, Tonietti e Virginia Bolten. [...] No dia 25 de janeiro de 1908, saí com dois companheiros que também iam ser deportados, Abril e García, ambos galegos, e fomos juntos até Barcelona [...] Lembro-me de que mais de quinhentos companheiros e o Centro Feminino em peso, com bandeiras e cartazes, vieram despedir-se de nós três, sendo para mim e para os companheiros um momento emocionante. Também minha mãe e meu irmão estavam ali. [...] Minha chegada a Montevideu foi recebida com carinho e alegria; ali se encontravam muitos dos companheiros e amigos da Argentina, que, assim como eu, haviam sido deportados. Entre eles estava Virginia Bolten, que também foi deportada em 1907, mas, como era uruguaia, se radicou em Montevideu com seu bom companheiro Manrique. [...] Nos primeiros dias de agosto desse ano (1909), reuníamos-nos vários companheiros [...] e discutíamos a necessidade de contar com um novo jornal anarquista. Todos concordávamos que o momento era oportuno para seu lançamento e o êxito seria inevitável, como foi. Entramos em acordo de que o nome devia ser *La Nueva Senda*. A redação e a admi-

nistração estavam na minha casa, e eu era a diretora. [...] Os fatos que aconteciam na Espanha, o processo de Francisco Ferrer Guardia, a prisão de uma quantidade de militantes espanhóis mantinham latentes a atenção e a escrita dos companheiros, e as páginas do nosso jornal que saía quinzenalmente. [...] Recebeu-se a notícia de que no dia 13 de outubro seria o fuzilamento do homem que havia mobilizado o mundo [...] De comum acordo, o Partido Liberal, o Partido Socialista, a Federação Operária Regional Uruguaia e o Centro Internacional organizaram uma manifestação para o dia 13, no mesmo dia e horário do fuzilamento. Foi uma manifestação monstruosa, toda a Montevideu estava ali presente, sem diferença de ideologia ou condição social. O anúncio do fuzilamento do grande professor havia comovido todos os corações. [...] Em todo o movimento se destacava a atividade exemplar de María Collazo e Virginia Bolten, e junto a elas eu me encontrava em todo lugar onde se realizava um ato. [...] Eu não havia sido designada para falar neste ato; outras missões de organização do ato me foram demandadas, mas vozes surgidas da multidão pediram que eu falasse. [...] Na manhã seguinte, dois policiais vieram à minha casa. [...] Na mesma manhã vários companheiros se dirigiram à minha casa, dizendo que eu não me apresentasse, que o doutor Schiaffino, advogado, cuidaria do meu processo. [...] A situação era comprometedor porque em meu poder se encontravam livros, carimbos e tudo o que pertencia ao periódico, que naquela época tinha uma tiragem bastante significativa. [...] A companheira Tamayne, que morava na esquina da minha casa, passou o batom que eu usava todo dia; eu me vesti com uma roupa masculina e um chapéu muito usado na época. [...] Tamayne saiu correndo em direção a sua casa, eu saí acompanhada por dois companheiros fumando um cigarro na direção contrária. A polícia, como tínhamos pensado, foi atrás da Tamayne. [...] Poucos dias depois dos acontecimentos da manifestação e da minha fuga, saiu um número extraordinário de *Nueva Senda*. [...] Em 1914, depois de uma doença que me deixou vários meses internada, resolvi ir para a França. [...] Preparei minha viagem, e um belo dia subi a bordo de um lindo navio que realizava a viagem sonhada, de Montevideu à França, com escala em vários portos. [...] Em todas as viagens em alto-mar, no segundo ou terceiro dia passavam para revistar os passageiros da terceira classe [...] e eu não pude evitar que me descobrissem, uma pena comprometer os companheiros que foram tão solidários comigo. [...] Ao ficar diante do capitão [...] me disse muito amável que em trinta anos que navegava nunca havia entrado uma mulher clandestinamente em um navio, e que, se não fosse pelos outros, me levaria para a França, mas que não havia outra solução a não ser desembarcar-me no porto de Santos. Pedi que me levasse até o Rio de Janeiro, pois ali tinha alguns amigos. [...] Todas as minhas conferências foram dadas em castelhano, e eu percebia, pelas expressões da plateia,

que eram bem compreendidas e interpretadas. [...] Os meus vinte e cinco anos manifestavam em mim um desejo de trabalhar e adquirir conhecimentos profundos da filosofia e teoria do ideal anárquico, que com tanto carinho conheci e a cujas difusão e propaganda me entreguei desde pequena porque entendia, e entendo, que é o único ideal capaz de libertar os povos de sua escravidão e elevá-los à condição de seres livres. [...] Minha chegada a Buenos Aires foi triunfal, minha mãe e familiares me esperavam no porto, e meu coração saltava de êxtase e alegria... [...] A semana de janeiro de 1919 é recordada por causa de um dos acontecimentos mais revolucionários da FORA, compartilhado por toda a cidade: durante uma semana, ocorreram os fatos mais violentos da história da FORA. Nos primeiros dias desse mês foi declarada a greve dos operários metalúrgicos da casa Vasena, que se negou a atender um pedido dos trabalhadores por melhores condições de serviço. [...] Formaram-se comissões que se dividiram em turnos e cuidavam do estabelecimento para proibir a entrada de fura-greve. [...] Porém, quem estava lá recebeu uma descarga de metralhadora que causou diversas vítimas. [...] Sujeitos munidos de armas grandes e ameaçadoras estavam autorizados para matar todos aqueles que transitassem por ali. [...] FORA declarou greve geral [...] A paralisação era absoluta, e todo o comércio tinha suas cortinas metálicas abaixadas e suas portas fechadas. [...] A repressão ao movimento foi grande, calcula-se que 55 mil operários foram presos e fichados pela polícia. O número de mortos e desaparecidos nunca se pôde saber exatamente. [...] O ano de 1921 foi decisivo em minha vida. Percorri a República Argentina de norte a sul e de leste a oeste [...], ainda hoje tenho imenso afeto e carinho por aqueles que conheci há quase quarenta anos. [...] Esse ano de 1921 é histórico pelos fatos que aconteceram na FORA, como ter sido um lugar de defesa contra a condenação infame e arbitrária de Sacco e Vanzetti. [...] No dia 24 de novembro formei meu lar, com um companheiro consciente e muito inteligente. Já não estava só. Tinha uma colaboração valiosíssima ao meu lado. [...] Ao formarmos nosso lar, o primeiro pensamento foi onde íamos residir. Como já me comprometera com as companheiras de Necochea a voltar o mais breve possível, e por cartas havíamos nos colocado de acordo para os primeiros trabalhos do periódico, resolvemos ir a Necochea. Em poucos dias, já instalada na minha casa, nós nos reunimos em um grupo numeroso de companheiras para trocar ideias e nomear o grupo editor do jornal. Ficaram: Fidela Cuñado, Teresa Fernández, María Fernández y Juana Rouco, na direção. [...] O surgimento de um jornal é propósito que dá muito trabalho. Mas, como fazia muitos anos eu vinha pensando em sua existência, durante as viagens pelo interior do país falei com companheiras e companheiros dos lugares por onde eu passava e manifestava a eles a intenção e a necessidade de existir um jornal anarquista feminino.

Juana escreveu e publicou sua autobiografia no final de vida longa e comprometida, no ano de 1964. Nela relata suas andanças pela América do Sul e Europa como militante anarquista perseguida, enquanto definia seus ideais de uma perspectiva emocional e íntima, não sexista. Em seu livro podemos ver o caminho da mulher trabalhadora do século XX, a luta pela promoção social através da organização sindical, a consciência de gênero e o esforço autodidata. Cristina Guzzo (2014)

Juana Rouco Buela foi uma das principais militantes anarquistas da chamada era de ouro do anarquismo argentino nos princípios do século XX. Seu discurso girava em torno de questões femininas e políticas, produziu diversos textos em que defendia a liberdade da mulher, a liberdade do homem e a emancipação de toda humanidade. Angela Roberti e Ingrid Ladeira (2018)



¿ES ESTO AUTOBIOGRAFÍA? YO VIVO EN EL SILENCIO DE LA VIDA INTERIOR

MARIA LACERDA DE MOURA

Nací el 16 de mayo de 1887, en Manhuaçu, Minas Gerais. A los cinco años de edad fui a Barbacena (Minas Gerais), donde estudié las primeras letras en un colegio de Hermanas de la Caridad. Durante los cuatro años que estuve en contacto con la religión católica, quise ser hermana de la caridad y soñaba con todo aquel misticismo dogmático; sin embargo, era más un miedo al infierno que una tendencia religiosa estrecha. Recuerdo que en mis concentraciones infantiles en torno a las torturas del infierno, me imaginaba que, si estuviera ahí, inmediatamente me pasaría del lado de los demonios. Prefería, por lo tanto, martirizar a ser martirizada ...

¡Bello despertar espiritual! ...

Mi padre –anticlerical, espírita convicto– cuando sintió que esa educación tendría influencia sobre nuestro espíritu (mío y de mi hermana, más joven que yo), nos sacó del colegio, donde también, a pesar de mi corta edad –de los 6 a los 10 años– me di cuenta del espíritu de clase, de casta, y de la injusticia con la que los católicos establecen diferencias económicas y relaciones de dominio [...] Sentí que nadie me comprendía. Mi timidez era ridiculizada por todos, en todo momento. Esto dio como resultado casi la misantropía. Pasaba días enteros,

desde muy pequeña, sin decir una sola palabra. [...] Después estuve en la Escuela Normal de Barbacena, donde fui profesora de Pedagogía e Higiene. Un medio cerradísimo. Profesores en su mayoría católicos. Disciplina de rebaño.

Me casé por amor a los 17 años de edad. [...] En 1913 empecé la lucha de ideas con un familiar. Necesitaba “más moderación”, “¿qué expresiones son éstas?”, “algunas verdades no se dicen”. “Más cuidado”. “No está bien”. “Usted va mal”. Qué lucha interior mantuve con el “¿qué dirán?”

En 1921 vine a São Paulo. Un grupo de señoras de Santos y de São Paulo me buscó para fundar la “Federación Internacional Femenina”. Dos años de experiencias diarias me hicieron retirarme “para siempre” de las asociaciones femeninas. Hoy de cualquier asociación...

Ya había publicado *En torno a la educación* [sic] (¡qué horror!, un libro patriótico, exaltado, burguesísimo, lleno de prejuicios y dogmatismos, ya no lo reconozco).

Fue muy bien recibido por la crítica, muy aplaudido (¡sí, si era la defensa incondicional de la sociedad vigente!). José Oiticica vio en él algo que le interesaba desde el punto de vista de una futura rebelde. Lo conocí a través de una larga correspondencia. Llegó con las manos llenas de literatura revolucionaria. Absorbí todo eso y mucho más y di un salto en mi evolución. La familia se alarmó. Nuevas luchas. Perdí el dogmatismo religioso espírita. Ya era anticlerical.

Pero el materialismo anárquico revolucionario no me bastaba. Caos interior. [...] De lo que fue el periodo intenso de mi vida –desde 1919, cuando publiqué *Renovación*, hasta 1926– nunca nadie sabrá: sólo mi vida

interior podría decirlo y hoy, sin la claridad y la intensidad del mundo proyectado.

Cuando me sentía exhausta de fuerzas, sin fe religiosa, sin creencia de ninguna especie, sin confianza en el sueño revolucionario, fuera ya de las sociedades a las que había pertenecido, habiéndome ausentado de la Sociedad Teosófica, de la “Co-masonería”, de todo lo que necesita de ritual y espíritu religioso, de las asociaciones femeninas y masculinas; después de haber publicado la revista *Renascença* durante algún tiempo (¡qué lucha!) después del exceso de trabajo y de emotividad, vino el periodo amargo de desaliento y debilidad física, de duda y amortiguación. [...] Ya había publicado *La mujer es una degenerada*. Y fue en ese periodo de desaliento, en medio de los escombros, de ruinas después del entierro, de tantas ilusiones y de todas las esperanzas, que publiqué *Religión del Amor y de la Belleza*. Es un libro lleno de contradicciones. El primer capítulo choca con el segundo. [...] *Religión del Amor y de la Belleza* me trajo, además de la exaltación de los adversarios, otros amigos y otros sueños. Entre la correspondencia de aplausos a ese libro, un día me llegó una carta admirable de A. Néblind, junto con el poema de la vida interior de Florian-Parmentier «La lumière de l’aveugle». Me encantó. Fue como un baño de luz sobre mi ser desgarrado. A. Néblind encontró en mi libro algo de armonioso, como el poema del gran francés.

Mejor que nadie, ha visto la amargura de las páginas de “Religión ...” y me envió un rayo suave de luz para calentar mi desesperación. Enseguida me ha traído el corazón inconmensurable de Han Ryner y su sabiduría profunda, y puso en mi mesa de trabajo esa magnífica obra de belleza ética, la filosofía de la sonrisa de la duda y la música del sueño. [...] Con Han Ryner me vino la solución deseada. Sólo ahora, parecía, había penetrado uno de los secretos de la Vida. Sólo ahora sentía el problema humano [...] Y yo digo con Han Ryner: “El sí dogmático y el no dogmático están muy cerca el uno del otro, sin la sonrisa de la duda y la música del sueño, ninguna liberación es completa, ni afirmar, ni negar: soñar”.

Libre de escuelas, libre de iglesias, libre de dogmas, libre de academias, libre de muletas, libre de prejuicios gubernamentales, religiosos y sociales.

Tan antisocial como sea posible. Me queda el conocerme a mí misma para lograr mi realización. [...] Mi marido: mi mayor amigo, el más dedicado, el que más sufrió y el que más se benefició, subjetivamente, con el esfuerzo de mi evolución. Una doble tragedia interior y el sentido más alto de la vida –además de los prejuicios de la familia de sangre o de la familia legal. Noble confidente, sin embargo, no aparece en mi vida intelectual. El “marido” de la escritora pierde su individualidad. Por cierto, todo “marido”

es una institución completamente desmoralizadora.

Si el marido ordinario, el esposo común, es el “perro callejero”, ¿qué suerte está reservada al marido de la escritora, al marido de la poetisa o de la pianista?

Así, –mi marido por su noble carácter– y yo –defendiendo mi dignidad de ser libre– tal vez acabemos divorciándonos de esta comedia del matrimonio legal.

Para ser amigos no necesitamos el sello del Estado. El divorcio me interesa tanto como el matrimonio: no necesito la ley en mi vida afectiva. No.

Desprecio en mi vida todas las leyes escritas. Pero nos casamos cuando no teníamos ideas. Hoy, para el heroísmo que es pensar y procurar armonizar la vida del pensamiento con la acción, para defendernos de la sociedad legal, para que la gente conserve su dignidad de ser humano, hay que ir en contra de la ley, protestando si ella nos acoge en sus redes. Es necesario aprender a desligarse cada vez más del rebaño social. Mi marido tendrá el placer y la independencia de dejar de ser sólo el “marido” para ser considerado en sí mismo, como hombre, una criatura, un ser libre. Él lo quiere y bien lo merece por su belleza interior.

Y yo me desprenderé de las leyes conyugales que me reducen a la categoría de propiedad privada de un ciudadano, que me rebajan a la categoría de cosa, de objeto, a la situación deprimente de protegida y tutelada, sujeta a la voluntad y los caprichos del “marido” y al rigor de las leyes como “esposa”.

Decididamente, tenemos que apelar al divorcio, porque somos amigos y porque uno sabe respetar la dignidad humana del otro. Marido, “cabeza de la pareja”. Es ridícula mi situación de “esposa ante la ley y la sociedad”, aceptando, con la aquiescencia del silencio o del conformismo, una posición deprimente para mi conciencia de individualista. Ni siquiera me llamo “cabeza” de nada, ni me sometería al papel de director espiritual, director de conciencia o “protector” para pensar por los demás, y ni mi conciencia acepta la idea de estar bajo la dirección de cualquier cabeza, gobernada, protegida o tutelada por otra “cabeza” que la ley me dio.

Defendía el amor libre y plural, como la plena realización de amar para mujeres y hombres, pues así, a su ver, estaríamos libres de los crímenes pasionales, de los celos, del deseo de venganza, de la prostitución y de las opresiones de género. Y añadía que ese ideal tiene implicaciones políticas, principalmente para las mujeres, pues los hombres desde siempre gozan de esa libertad.

(...)

Frente a la Iglesia, el Estado y la ciencia burguesa, María Lacerda chocó y enfrentó la moral social dictada en aquel periodo, denunció la pedagogía del miedo y la sumisión en la formación de los jóvenes, cuestionó las formas de la política institucional y la necesidad de la guerra, así como la ideología de la domesticidad, señalando cómo eran opresoras y perjudiciales para el desarrollo de las mujeres

Juliana S. A. de Vasconcelos (2018)

En María Lacerda había una feminista de altura. Un médico amigo le prestó un día un folleto del doctor alienista portugués Miguel Bombarda, titulado «La epilepsia y las supuestas epilepsias», en el que, biológicamente, trata de demostrar que la mujer es una degenerada. Con su hermosa obra – ¿La mujer una degenerada? –, rechaza la tesis de Bombarda como sospecha y anticuada. Demuestra que el sexo no tiene inteligencia y que el individuo noble, desprejuiciado y armonioso puede florecer en ambos sexos. Esta obra, que fue traducida al castellano, es sin duda, uno de los mejores estudios que se han escrito al respecto.

Vladimir Muñoz (1955)

TIERRA Y LIBERTAD: NOTAS DESDE EL FRENTE MAGONISTA

POR PEPE ROJO COM GRANT LEUNING

No entendemos por qué ustedes tienen que hacer cola para tomar un café en los lindos y queridos USA mientras nosotros sus camaradas trabajadores nos estamos dando la gran vida al tiempo en que mantenemos en alto la Bandera Roja aquí en nuestro país. Nos hemos hecho de una utopía aquí mismo. No trabajamos, y tampoco nos tratan como vagos. Pues bien compañeros, esta Baja California es un país que está muy bien para controlar. No es muy caluroso y es rico en metales y otras cosas. Compañeros, dejen de buscar un Amo; dejen de contar las corbatas, dejen de mirar las ofertas de trabajo: tomen el primer tren y vengan acá. Aquí no hay jefes y se puede ser libre. Y díganle a otros radicales que vengan; no queremos a nadie más. No habrá paz en México hasta que la Bandera Roja ondee sobre el país de los trabajadores y el capitalismo haya sido derrocado.

The Industrial Worker
(Fragmento)

8 de junio de 1911, Los Ángeles.

QUINTO COMUNICADO INFORMAL

Flagonistas, limítrofes e intervencionistas:

Este es el último comunicado que recibirán por este medio.

Basta de planear. Es hora de hacer.

Este fin de semana varios de nosotros comenzaremos un proceso crítico-creativo en público sin saber a ciencia cierta a dónde nos llevará, un experimento en penshacer. Esperamos que sea a lugares y momentos más agradables. Esperamos también encontrarlos en la calle, y agitar banderas juntos. Lo hemos probado. Se siente rico.

Y este mundo necesita desesperadamente nuevas maneras de gozar.

Tierra y Libertad ha probado ser un eslogan complejo. Por un lado, no quiere decir nada. No aquí, no ahora. Parece haberse diluido lastimosamente a Terreno y Empleo para los que no tienen mucho, y Bienes raíces e Inversiones, para los que sí tienen. Sin embargo, funciona como un imán radical, como un extraño atractor que provoca intentos de articulación y acción que estamos intentando intensificar.

Basta decir que varias lenguas indígenas no tienen una palabra para decir *Libertad*. Quizás ni siquiera la necesitaban.

Como imán radical, Tierra y Libertad, y el acto de hacer banderas y salir a la calle, ha provocado ya un sinfín de coincidencias. De ideas, de datos, de personas, de actividades, de pasados y futuros, de deseos y miedos. Quizás eso es lo que estamos haciendo.

Provoquemos coincidencias, pues.

Adelante a través de signos y máquinas.

¡Nos vemos en la calle!

Comité Magonista Tierra y Libertad

Comuna de las Californias, 2016.

En 1911, un ejército anarquista organizado desde Los Ángeles por Ricardo Flores Magón y el Partido Liberal Mexicano, tomó las ciudades fronterizas de Tijuana y Mexicali e izó por primera vez en el continente, y probablemente en el mundo, la bandera anarquista de Tierra y Libertad, palabras blancas sobre una tela roja. El experimento duró menos de seis meses, pero marcó la región fronteriza.

De manera paradójica, Tijuana es oficialmente heroica por derrotar al ejército de Flores Magón, un héroe nacional. Una disparatada campaña local de desprestigio acusa al ejército de Magón, conocido por su lucha en contra de cualquier tipo de Estado, de querer anexionar Baja California a Estados Unidos. Se dice que en ese momento nació el nacionalismo en esta porción de la frontera, donde el tercer mundo vive hombro a hombro con una de las economías más grandes del mundo: el estado de California. Al parecer, en esta esquina, ser mexicano y heroico coincide con rechazar una utopía, con apoyar una dictadura y con apostarle al capitalismo.

Desde 2016, el Comité Magonista ha llevado a cabo una serie de intervenciones mediante las que hemos intentado introducir nuevamente la bandera de Tierra y Libertad en Tijuana, recuperando un pasado perdido y trazando líneas de fuga hacia el futuro cercano. Como actividad clave, hacemos banderas en espacios públicos y las distribuimos en diversos eventos, que van desde repartir cobijas a las personas que duermen en la calle hasta alimentar a más de 200 personas, construir cometas con el lema que cruzan la frontera, hacer caminatas históricas en la ciudad o desplegar mantas en el Palacio de Bellas Artes en la Ciudad de México. Más de 100 personas han colaborado en las intervenciones, que normalmente culminan en una fiesta, celebrando la posibilidad de que este pudo haber sido el primer estado anarquista del mundo.

El proyecto intenta discutir públicamente y a través de actos varias ideas, como la relevancia de la demanda Tierra y Libertad a inicios del siglo XXI, la resurrección y reinterpretación de hechos y archivos históricos, la idea del extrañamiento cognitivo como herramienta crítica, las (est)éticas del habitar, las posibilidades de que artistas e intelectuales trabajen a nivel calle. Buscamos en estos eventos diversas líneas de fuga: respuestas públicas ante el lema, la materialidad de la bandera, la creación de Zonas Temporalmente Autónomas, el penshacer, la vida autónoma de los íconos y los materiales, además de aliarnos y producir alternativas al compromiso político en la zona fronteriza.

HOY TODOS ARDEMOS: De placer. De indignación. De futuros. De furia y de amor. De sueños. De futuros. De justicia. De posibilidades. De un sinfín de intensidades acumuladas. Aquí. Allí. Necesitamos nuevas formas de gozar. Tenemos que inventarlas. Por una nueva sextética. ¡Es hora de quemar!.

Este sábado 11 de junio nos encontraremos en la playa y escribiremos Tierra y Libertad con madera sobre la arena. Al atardecer, le prenderemos fuego y usaremos esas llamas para combatir el frío y alimentarnos. Trae madera y comida. ¡Brillemos juntos!

DECRETO MAGONISTA #23:
LIBERACIÓN DE TERRENOS
BALDÍOS (construcciones sin
habitar y recursos sin utilizar).
Porque no hay cultura sin cultivo,
porque la propiedad privada no
existe, porque no hay gobierno
sin policía, porque la vida siempre
cruza muros: se libera todo terreno
baldío sin utilizar para usarse como
huerto comunitario, todo edificio
abandonado para habitarse,
todo recurso desperdiciado
para aprovecharse ¡ya! Basta de
construir: es hora de sembrar.
Donde sea. Como sea. ¡Cultiva ya!



BORDO, KARLA CASTRO



AHUIZOTE 2017,
GRANT LEUNING

¿Quién no guarda en el alma un cementerio colmado de esperanzas marchitas y sueños muertos? — Ricardo Flores Magón

COMETA FRONTERA,
CARELI ROJO

La revolución Magonista es un punto clave en la historia de la frase Tierra y Libertad, que nace entre los anarquistas rusos en el siglo XIX y viaja a España y Estados Unidos a través de la prensa radical. Pero fue en Baja California donde se une a la historia de la lucha armada revolucionaria, y se amplifica al ser adoptada en el sur de México por el ejército de Emiliano Zapata. El lema continuó viajando en el siglo XX, y ha sido usado por los anarquistas en la Guerra Civil Española y por los zapatistas en Chiapas.

La bandera de Tierra y Libertad presupone un público alfabetizado. Los hermanos Magón, enemigos de la idea misma de un Estado, no propusieron un símbolo o un ícono, sino una idea. Esta frase, curiosamente emplazada en una frontera, tiene una peculiaridad al ser usada como bandera: solo puede ser leída por un lado. Del otro, es un completo sinsentido. La contradicción es evidente: alzar una bandera que dice “Tierra y Libertad” en una zona geográfica herida por un muro fronterizo, donde una pared construida con planchas de metal reutilizadas de la primera Guerra del Golfo impide que las personas viajen libremente. ¿Cuál Tierra? ¿Cuál Libertad?

El Comité Magonista “Tierra y Libertad” es una agrupación imaginaria, abierta, horizontal y transfronteriza de membresía variable que desde la Comuna de las Californias se dedica a la psiconogeografía pública. A partir de penshacer, busca alborotar conciencias y erotizar el cuerpo social, sin temerle ni al error ni al ridículo ni al absurdo, para provocar coincidencias, interferencias, momentos y posibilidades.



El 9 de mayo de 1911 las fuerzas del PLM (Partido Liberal Mexicano, de Ricardo Flores Magón) tomaron Tijuana con intenciones anarco-socialistas. El 22 de junio salieron de la ciudad. Durante un mes y medio, una bandera de fondo rojo, con letras que decían “Tierra y Libertad”, ondeó por esta ciudad.

¡ES HORA DE ALZAR BANDERAS!

Para conmemorar la posibilidad de que aquí pudo haber nacido una de las primeras comunas anarcocomunistas del mundo, los invitamos a volar banderas !

HAZ TU BANDERA: Con camisetas viejas, manteles usados, sábanas, fomi, plástico, cartón; con amigos, enemigos, conocidos o desconocidos, juntos o aparte, fea o bonita, lo que sea, como sea, pero hazla ya.

IZA TU BANDERA: Dónde y como estés: en casa de tu vecino, de tu tía, de tu ex-novio, en tu carro, en tu espejo en terrenos baldíos, en edificios, en muros cables ventanas en tu mochila tu oreja y la azotea.

¡ BANDERAS ARRIBA: 8 DE MAYO !

**comité
magonista**
tierra y libertad.xyz

TIERRA Y LIBERTAD

FB: Tierra & Libertad



AS IMAGENS
FOTOGRAFICAS
FORAM
EDITADAS E
TRATADAS POR
FG A PARTIR DE
SELEÇÃO DE
PEPE ROJO

Margarita Ortega Valdés nació en 1871 en Sonora. Poseía una gran fortuna que le hubiese bastado para tener una vida arreglada, pero no podía disfrutar de ese dinero mientras había miles que no tenían ni para lo indispensable. Dejó a su esposo y se fue con su hija a la revolución, al unirse al movimiento anarquista de los magonistas en 1910.

Su familia la repudió y la sociedad la estigmatizó. Su actividad militante fue diversa. Fue propagandista y agitadora de las ideas, tejió lazos de unión entre miembros magonistas en Baja California. Fue enfermera y cuidó de los heridos. Fue correo de cartas, armas y alimentos. Condujo armas, parques y dinamita en los campos revolucionarios. Fue combatiente, escribió y transmitió su rebeldía a través de sus artículos en *Regeneración*.

Al triunfar el levantamiento maderista la exiliaron junto con su hija Rosaura por la amenaza del nuevo gobierno, si volvían las fusilarían. En Arizona fue arrestada. Al salir de prisión se dirigió a Phoenix, pero con otra identidad para cuidarse de la policía: la de María Valdés.

Su hija murió a causa de una enfermedad cuando cruzaban el desierto, aún así Margarita Ortega siguió organizando los grupos armados del PLM. En 1913 fue arrestada junto con su compañera Natividad Cortes en la frontera de Sonora bajo el gobierno de Venustiano Carranza. Las torturaron para que delataran a sus compañeros, pero nunca lo consiguieron. En ese contexto, su compañera fue fusilada y a Margarita la trasladaron a Baja California, bajo las ordenes de Victoriano Huerta. Fue fusilada el 24 de noviembre de 1913.

La historia masculina no contempla el papel tan importante que tienen las mujeres. De las mujeres no se habla como sujetas o individuos, y cuando nos referimos a ellas siempre lo hacemos en colectivo, invisibilizando a personajes tan importantes como Margarita Ortega.

La vida de Ortega da muestras de cómo las mujeres revolucionarias, específicamente las magonistas, rompieron con un papel tradicionalmente impuesto y se enfrentaron a los gobiernos de la época,



MARGARITA ORTEGA VALDÉS, REVOLUCIONARIA ANARCOMAGONISTA

POR NAYELI MORQUECHO ESTRADA

no sólo a través de las armas, sino también escribiendo, publicando y difundiendo las ideas revolucionarias y anarquistas.

En México, los actuales anarquistas sufrimos una ruptura generacional con aquellos anarquistas de 1910, y desafortunadamente no se logró una continuidad de mujeres combatientes, pero en la actualidad estamos desenterrando sus memorias para aprender de sus resistencias y luchas.

Nos falta mucho para transformar las condiciones en las que nos encontramos actualmente, pero las mujeres anarquistas seguimos, como Margarita Ortega, tratando de dar todo por las ideas: escribiendo, agitando y propagando el ideal.

Nos falta unión, conocernos más entre anarquistas, pero cada una de nosotras desde nuestras trincheras y posibilidades seguimos trabajando para que la semilla de la libertad germine y resuene en los corazones de los y las indignadas y explotadas de este país. El camino es largo pero el fruto debe ser y será la libertad.

ANTE LA TUMBA DE MADERO

Has muerto ya, asesino, harto de sangre proletaria; pero con tu asquerosa vida no pagas la preciosa sangre que derramaste durante tu tiranía.

¡Maldita sea mil veces tu memoria! ¡Cuánto sufrí al ver el cuerpo de mi querida hija Rosaura, cuando quemada por los ardientes rayos de un sol tropical caía sedienta y desplomada en los arenales de un desierto sin una gota de agua que llevar a aquellos labios tan queridos para mí, que la adoraba tanto, y esos sufrimientos fueron por ti, víbora venenosa que nos perseguías porque no doblábamos la frente de libertarias ante ti, ni ante ninguno de tus cómplices, los tiranos de todo el planeta Tierra!

Aquella mártir que acabó su preciosa vida bajo los sufrimientos de tus persecuciones, exhaló el último suspiro maldiciéndote, tirano miserable. No le arredraba el sufrimiento, ni la muerte, porque era una convencida y valiente libertaria. Todavía en su dolorosa agonía animaba a sus hermanos que sufrían las consecuencias de tu desmesurada ambición, a que se quitaran el yugo que nos habías puesto a los pobres.

Aquella vida, como otras tan preciosas que por tu orden fueron tronchadas en los más hermosos años juveniles, serán para tu memoria el anatema que seguirá a ti y a los tuyos a través de los tiempos.

Y yo, la madre, tu víctima que ha sufrido tanto por la separación de aquel ángel que me servía de guía y consuelo en mis soledades, te mando mis maldiciones hasta la asquerosa fosa que cubre tus inmundos despojos.

Bien muerto seas. Todo lo que se opone a la libertad, la igualdad y la fraternidad, debe desaparecer.

¡Viva la Anarquía!

Margarita Ortega

Regeneración, núm. 139, 3 de mayo de 1913

MARGARITA ORTEGA

No es desconocido a los lectores de *Regeneración* el nombre de Margarita Ortega, la víctima del odio de Madero y sus secuaces, y la víctima, también, de los manejos de los mandatarios de este país que se han puesto resueltamente de parte del nuevo verdugo de los habitantes de México, como estuvieron de parte de Porfirio Díaz. Margarita Ortega ha estado siendo constantemente amagada por los llamados inspectores de inmigración. La compañera residía en Caléxico, California; pero a instancia de Francisco I. Madero, fue arrancada de su hogar y deportada a México, donde cayó en las garras de Rodolfo Gallegos, el más terrible enemigo de la clase trabajadora, y, que por su traición al Partido Liberal Mexicano, tiene el cargo de Subprefecto de Mexicali. Margarita estuvo a punto de ser enviada a Ensenada para ser fusilada, pues las autoridades maderistas han resultado más sanguinarias que las porfiristas; pero la entereza de la víctima hizo cambiar a los tiranos que se concretaron a desterrarla de Mexicali, sufriendo en su peregrinación, en compañía de su hija Rosaura Gortari, penalidades que solamente la energía de esas mujeres

extraordinarias pudo resistir, pues tuvieron que atravesar un extenso desierto donde no hay vida, donde sólo hay arenas más ardientes todavía que el sol, sin una gota de agua, solas, alentadas únicamente por sus grandes ideales y sus hermosos sueños de una humanidad mejor, de una humanidad más justa, más sabia, más humana. Agonizando llegaron a Yuma, Arizona, nuestras heroicas compañeras, y desde ese momento, sin darles respiro, sin atender a sus debilidad física agravada con las privaciones y las fatigas de una marcha que muy pocos hombres se arriesgan a efectuar, los llamados inspectores de inmigración comenzaron a hostilizarlas, hasta que por fin, pasando por sobre el derecho de asilo que en todo país civilizado tienen los perseguidos por la tiranía, esos inspectores han acabado por expulsar de Yuma a la infatigable compañera, por el delito de enseñar a los que no saben el derecho que asiste al trabajador de obtener producto íntegro de su trabajo. Invitamos a todos nuestros hermanos en ideales y aspiraciones a que formulen una enérgica protesta contra las arbitrariedades y las injusticias que el Gobierno de William H. Taft está cometiendo contra

personas honradas y luchadoras que no han cometi do otro crimen que desear ardientemente ver al trabajador mexicano libre de cadenas de toda especie.

(...)

Así, pues, compañeros, a protestar todos, a agitar, a remover mar y tierra, a atronar los espacios con nuestros gritos de coraje. No queremos que a los revolucionarios se nos trate como a bandidos, no queremos que a los rebeldes que luchamos contra los criminales del Gobierno y del dinero se nos trate como a criminales, mientras los verdaderos bandidos, los asesinos que quieren consolidar la paz para sentarse a comer tranquilamente el producto del sudor de los pobres, son tratados con toda clase de consideraciones y se ponen a su servicio los soldados de este país, para que hagan servicio de patrullas en la frontera, y los polizontes y máquina judicial, también de este país, para que arresten, torturen, persigan y condenen a todos los que no hemos nacido para llevar en nuestros cuellos ningún yugo.

Ricardo Flores Magón

Regeneración, núm. 69, 23 de diciembre de 1911

Arte, Crítica y Literatura

Apuntes de Nuestra Crítica

La política de unas y el espiritualismo de otras

Decía en mi artículo anterior que «la política es el arte de engañar a los pueblos» y lo demostré bien clara y concisamente.

Entiendo que la mujer al igual que el hombre debe dejar el hábito de la política para libertarse de la explotación política—es total, creando una sociedad libre donde los derechos del hombre sean idénticos a los de la mujer.

Pero he aquí que para la conquista de los inalienables derechos que le asisten a la mujer, unas esgrimen el arma de la «política» y otras hacen disquisiciones espirituales: las que esgrimen la política quieren políticamente igualarse al hombre, mientras que las que hacen espiritualismo sostienen que es una aberración, un absurdo que la mujer pueda gozar de los mismos derechos que el hombre, vale decir, su igual.

Con el respeto que merecen todas las tendencias sociales que actualmente se debaten en el mundo agitado del trabajo, entraré de lleno a analizar dos tendencias femeniles en pugna, ambas con pretensiones de redención femenina.

A llegado a mis manos una revista femenina cuyo título es: «Acción Femenina».

A través de su lectura he podido notar que campea en ella el amor, ese amor cristiano que rebaja el derecho del sexo y perpetúa el predominio del macho en la hembra.

Si se entra a analizar someramente la literatura redentora de *Acción Femenina*, se encuentra en ella una serie de flagrantes contradicciones.

Que la mujer debe ser pura, cariñosa, afable y tierna educadora y consejera de su prole en el hogar, siendo ella la encargada directa que aquel nido camine por el sendero del bien, del amor y la justicia, he ahí en lo que estamos de acuerdo con *Acción Femenina*. Pero es el caso que el amor y la fraternidad de *Acción Femenina* está fundamentado en el dogma del espiritualismo que niega el materialismo (acción y movimiento de la materia) para profetizar una ley divina y la elevación del espíritu al espacio.

El amor es uno, grande y puro: jamar a la humanidad!

Luchar y libertarla del yugo que la oprime y de los dogmas políticos, espirituales y religiosos que la ignoranzan, he ahí el problema planteado y que ha mucho tiempo se viene debatiendo. ¿Como redimir a la humanidad?

¿Con la llegada de un Mesías? ¿Con un espiritualismo de tolerancia y de paciencia? Al hablar de la humanidad, hablo de la mujer y del hombre, porque en mi vocablo considero que la mujer tiene los mismos derechos que el hombre.

Es curioso ver en la forma im placable que *Acción Femenina* fustiga la política de las «marimachos», cayendo ella en la política

del espiritualismo y del dogma del «dios eterno» con sus tangibilidades...

La mujer debe reivindicar la educación de su mentalidad, puesto que el sexo femenino está atrazado mentalmente, cinco siglos del hombre.

Niego categoricamente la omnipotencia de un ser supremo así como su existencia.

El Magnetismo es una burda mentira, un eslabón del dogma espiritual.

Muchos han sido los que por medio del magnetismo han querido demostrar que un ser magnetizado dispone y hace uso de un fluido magnético para disponer de su existencia, de su vida, para agregarla momentáneamente a la vida de otro ser: y esto está lejos de beneficiar a la inteligencia y el desenvolvimiento económico y moral de los productores.

El espiritismo y el magnetismo están muy lejos de beneficiar y defender la gran causa de la humanidad. El error de la superioridad del espíritu que domina el espacio, ese espíritu inmortal que quieren hacernos ver y creer los ilusos del sofisma espiritual ya hace mucho tiempo que lo negó la ciencia del intelecto humano.

Unas quieren redimir a la mujer con la política del sufragio y otras con la mentira «del dios eterno».

Es de imperiosa necesidad hacer ver a la mujer cual es su verdadero rol, el que le toca desempeñar en la vida, y es necesario también que la mujer abandone esa creencia religiosa de la existencia de un dios abriendo sus ojos a la realidad de la vida, llevando su capacidad en el mismo nivel que el hombre.

No compartimos con la opinión de que la mujer nunca puede igualarse al hombre, sino por el contrario, entendemos que intelectualmente puede ser igual y moralmente gozar de los mismos derechos del que ha de ser su compañero en la vida. La idea de predominio que es un sentimiento atávico en el hombre, debe desaparecer para considerarla a la mujer como tierna compañera de su vida, madre cariñosa educadora del hombre del futuro, modeladora de la mentalidad humana.

No se trata más de la criatura ridícula, necia, rebajada y humillada por una habitual servidumbre que la hemos visto y vemos aún vivir a expensas del hombre que la dispensa su protección.

Queremos hablar aquí de la mujer que por sus méritos y su talento se ha sabido colocar al lado del hombre para afrontar la vida y libertar a la especie que hasta hoy a sido víctima del engaño y de la explotación mas inhumana, creando así la diferencia de clases que somete y esclaviza a una parte de la humanidad.

La emancipación y la reivindicación verdadera de la mujer es:

que ella se dignifique para la gran obra de redención humana. La mujeres la encargada de educar y transformar la mentalidad de aquellos que hasta hoy han vivido en la esclavitud, para así formar construir una sociedad libre de dogmas y prejuicios, igualando a los seres en el bienestar común.

Ni unas ni otras: Ni Diputadas ni Senadores. Menos dogmatizantes y espiritistas del «eterno dios»

Que la mujer sea mujer y el hombre hombre...sexualmente hablando: en derechos iguales y en deberes lo mismo...

Compañeras y hermanas: educad a vuestros hijos con el cariño a ser libres. Sois vosotras las madres las que teneis que enseñar a vuestros retoños para la revolución.

Juana Rouco

Necochea

Acordes Ritmicos

A mi hermano Carlos Alberto cariñosamente

Puestos en mágicas regiones lejanas, contemplo tus ojos mientras desgranas en las cuerdas sonoras de tu sensible violín un extraño lamento que tiende las alas y vuela llenando de un eco el jardín.

Lejos, tal vez, de las cosas terrenas se extasia tu alma emotiva y buena cuando extrañas cosas dice tu violín... quizá te envuelva en sus pliegues la pena, de no ser un ave o un blanco jazmín.

A veces serena o avasalladora se extiende tu música, parece que llora penas escondidas que encierra el violín es tu alma que gime, tu alma que implora, tu alma que exhala un lamento sin fin.

Irma Penovi Lützelshwob

Esbosos

EL CRISTO DE LA LEYENDA

Cristo en la cruz yase enclavado
De manos y pies traspasado
...y vá el Nazareno resignado
Con la cruz hacia el calvario...
Al cuello lleva el relicario
Con que lo ahorca el sicario
Que sus crímenes a juzgado

JUAN PUEBLO

Con la cruz de la miseria
Paciente y resignado
Con pasos acompasados
Bajo el látigo burgués...
Contrito y temeroso,
Sin un gesto jocundo
De rotunda altivez...
Va Juan Pueblo resignado!

EL BURGUES

En la alta sociedad,
De noche como de día
Todo es lujo y alegría
Todo brillo y esplendor,
Ni penas ni sinsabor...
Pasan la vida cantando
Todo para ellos es placer...
Y en su cantinuo festín
Cual la vida del Mastín
Hace el ventrudo burgués...

EL OBRERO

La vista baja
Triste y preocupado
Va el que trabaja
Para ganarse el pan
Pensando siempre
En el nuevo mañana
En sus queridos hijos,
En su dulce compañera,
En lo duro de su vida,
En su eterno peatinar,
En su rudo trabajar
Para enriquecer al amo
He aquí la vida del burro
Que hace el flaco proletario.

Ceferina I. Sanchez

Pergamino

Del dolor y de la vida

Las manos

Eran unas manos blancas, tan blancas que parecían sin vida.

Es que nunca han plantado un árbol, ni empuñaron una herramienta de labor, ni ayudaron a levantar a un caído.

Y cuando esas manos fueron en verdad muertas, nadie las besó con amor, ni nadie las mojó con lágrimas, ni sobre ellas hubieron flores.

Porqué habían sido ociosas, inútiles.

Otras manos eran rugosas, asperas, encallecidas.

Habían empuñado muchas veces el instrumento de labor, habían cavado muchos hoyos, donde pusieron plantas y otras veces ayudaron a seres a trabajar, a levantarse.

Y cuando esas manos estuvieron muertas, hubo quienes se encargaron de cruzarlas sobre el pecho.

Otros las cubrieron de flores. Después las mojaron con lágrimas sinceras.

Tantas lágrimas, tantas flores había sobre ellas que parecían unas blancas y suaves manos en vez de rugosas y encallecidas.

Porque fueron útiles y buenas.

Hermínia C. Brumana

Nuestra palabra

De lo que se olvidó Jesús

La madre se sentía feliz al lado de sus mellizos, acariciaba a los dos, sentía igual amor hacia ambos, los dos habían nacido el mismo día, igual sufrimiento le había costado, igual porvenir les deseaba, idéntico destino preveía la madre para sus dos hijos.

Pasaban los años y a medida que estos transcurrían la madre se sentía defraudada en sus vaticinios.

El uno era fuerte, ágil, bonachón, sintiendo sumo placer en fumar un cigarrillo a escondidas, golpear la puerta a los vecinos, romper los faroles y robar la fruta verde o madura, en la huerta del vecino. En la escuela era desaplicado llevando siempre las mas malas clasificaciones y los mas duros correctivos; si alguien venia a llamar la atención de la maestra porque le habían arrebatado las bolitas, escamoteado los trompos, roto las «chocolatas» como nosotras llamabamos a la nariz, lo hacia

siempre denunciando a este, como autor único o como principal actor en la mala jugada; si no lo habían visto los maestros negaba, si por casualidad caía en la red, sorprendido «infraganti», soportaba los castigos mas duros sin el menor gesto de desagrado con un extoicismo de heroe; el nunca tenía cómplices, sentía horror a la delación y por nada del mundo hubiera acusado al que le ayudó en la obra de desagravio o en el asalto imprevisto. Por todo esto los maestros lo odiaban, a pesar de reconocer en el un entendimiento superior para su edad y una inteligencia rebelde a todos los libros de texto que se revelaba en los planes urdidos para hacerse la rabona sin que lo supieran en su casa, para hacerse soplar por el vecino la lección mal aprendida y para llevar a cabo un sinnúmero de diabluras sin que el maestro se diera cuenta de ello.

El otro era debil, enfermizo, aplicado, sensible hasta el punto de llorar por cualquier bagatela, atento a los consejos maternos, se sentía incapaz de hacerse la rabona, no por que le desagradaran las proposiciones de su hermano, siro por temor de ser descubierto, por timidez; cuando había que sacar a relucir un ejemplo de buen comportamiento, de atención, de subordinación y aseo, se le exponía ante la clase aconsejando a los demás su manera de ser y elogiando sus facultades, mientras su hermano puesto detras del pizarrón, hacia figurar encerrado en el depósito, se comía el pan y fruta depositadas en las carteras y canastos de otros niños, o dejado en el patio, rompía los vidrios lanzando pedradas a los gorriones confiados que se posaban en busca de migajas.

Así, siendo el uno una antitesis del otro, se lanzaron en la lucha por la vida; uno debido a su aplicación en la clase, tenía algunos conocimientos generales; al otro, solo le quedaba como recuerdo de su concurrencia a la escuela unas orejas alargadas por los tirones que le habían propinado en ella y una voluntad endurecida que le hacia obstinado en sus propósitos.

El primero salió del hogar expulsado por sus padres como incorregible, disipador y mal hijo; precedido de augurios funestos sobre su porvenir, cruzó el mundo con el dolor a cuestas, conoció la vida, los hombres y sus dolores, dedicando su existencia a mejorarla y hacerla mas llevadera, muriendo como todas las grandes inteligencias, en la mas lamentable pobreza, en la miseria mas aplastante.

El segundo, se quedó en su hogar, vivió muchos años, dejó numerosa prole, fué un caballero de industria como vulgamente se dice, hizo mas mal que bien a la vida y fué el preferido en el hogar, en la escuela y en la sociedad, que le rindió homenaje en la hora de su muerte elevando un mausoleo que recordará a sus hijos como grata, la vida de un miserable sin fé, sin inteligencia, sin esperanzas;

que cruzó por la vida llenandola de dolor con su enorme inutilidad y contagiandola de su aburrimiento parasitario.

Esta es compañera la parábola del hijo pródigo que se olvidó Jesús.

Bohemio

Las funciones de la mujer:

"Ma' hayan los que humillan a las mujeres y les quitan su nobleza, decisión y alma".

A nadie escapa el criterio rutinario, las concepciones vulgares, descabelladas que la mayoría de las mujeres tienen de la vida en todas sus extensas y complicadas manifestaciones.

Pero, ¿es culpable la mujer de hallarse en tan dolorosa condición mental? ¿No se las ha dejado siempre libradas al tutelaje son formulas vejatorias, denigrantes y enervadoras?

El hogar, factor capitalísimo para adquirir una educación moral e intelectual, sólida, representó en todas las épocas y civilizaciones un formidable obstáculo. Tutela maternal en los tiempos de Heródoto, cuando los griegos, según Lafargue, llamaban al Egipto "un país de reveses". "Las mujeres van al mercado—según el historiador Halicarnoso, citado por el escritor antes mencionado,—y comercian, mientras que los hombres, encerrados en sus casas, trabajan las telas. Los muchachos varones no están sujetos por la ley a mantener a sus padres; esta carga incumbe de derecho a las hijas".

Algunos siglos antes en Grecia las mujeres disfrutaban ya de derechos ciudadanos, tenían opción a la "cosa pública", prerrogativas que beneficiaron con la inundación de las campañas atenienses, pues, según los griegos, era aquello una venganza de Neptuno por el triunfo de Minerva.

Como se vé; el pretexto para negarle derechos a la mujer, desalojándola de la vida pública es pueril, risible. Instaurado el patriarcado, la mujer soporta una vida de humillación y relajamiento.

La Iglesia Cristiana, por boca de sus profetas, exige a éstas sumisión y acatamiento incondicional a la voluntad del marido. El es el dueño único del cuerpo, la Iglesia lo será de su espíritu y de ese contrato nauseabundo nació la mujer tímida, castrada, hipócrita y falaz.

¿Se quiere que la mujer perfeccione su hogar, que eduque a sus hijos, que encarne virtudes morales e intelectuales? Comiencen los hombres por despojarse de ese hábito de superioridad, muy discutible por cierto. ¿Quiénes son los culpables de que la mujer sea vanidosa, que continúe fosilizada en sus prejuicios, que realice actos innobles? Precisamente esos hombres que quierera que las mujeres se limiten a ser lo que son y nada mas. Los hombres, y hablo de la generalidad, cuando se acercan a la mujer, jamás se preocupan de contrariar sus defectos, por el contrario halagan sus estupideces, reverencian sus prejuicios; seducido por la carne, el galán acepta la iglesia y todos los formalismos predominantes del ambiente.

Casado ya, es decir, roto el en-

canto que constituyó el móvil de su acercamiento, la desatisfacer exigencias puramente orgánicas, hecho que se produce al poco tiempo del ayuntamiento, empiezan a apercibirse de los fanatismos, caprichos y vulgaridades que se albergan en la que hasta ayer significaba un dechado de perfecciones. Y como la capacidad intelectual no es cosa muy corriente en los hombres de nuestro siglo, para extirpar la idea religiosa de la mente de la compañera, comienza por pueamar los cuadros de «virgenes santas», prohíbe la ida a la iglesia, mas no educándola, esto es, substituyendo prejuicios por verdades, formando un carácter, creando lo que podríamos llamar un nuevo ser.

En la sociedad actual, la mujer dentro del hogar es una fatalidad. Como educará a sus hijos para el porvenir, si ella pertenece a un tenebroso pasado? Los hijos, confiados en su educación a ella, serán serviles, matará en ellos todo germen de rebeldía, educada como ella está, en el temor a los dioses y a los amos, reconociendo, como se le ha hecho reconocer siempre, la inviolabilidad de de la autoridad divina y terrestre, no puede ser educadora sino castradora de voluntad...

Dejad, pues, hombres, esa máxima tan poco edificante de que las mujeres se limiten a ser lo que son, "y sino no serán nada". Cambiadla por esta otra: La mujer debe rebelarse siempre, contra lo que fué y lo que es.

El sutil escritor Antonio Zozaya, contestando hace algunos años a un artículo sobre el atraso de España, decía: "La aguja, el estropajo, el ganchillo, la escoba, todos los despreciables símbolos de nuestra pedagogía nacional, son culpables del atraso de nuestras mujeres, de su ignorancia y su fanatismo. Por esa ignorancia mueren al año treinta mil niños, viven divorciados de hecho medio millón de matrimonios y se retrasan indefinidamente el progreso y el bienestar de los hombres".

En efecto, cuando el hombre procura tener una compañera y no una sirvienta en condiciones tiránicas, con voluntad propia, con ideales definidos, la mujer hasta ayer rémora, será la que fué para las multitudes masacradas por la burguesía francesa, Luisa Michel.

Luisa Michel, en momentos de paz, atendía los chiquillos en la escuela, y su anciana madre, en los de guerra social, se lanzaba, a las barricadas, se convertía en enfermera, con el fusil en la mano, atendía a los heridos. Una compañera así, sabrá combatir con entereza los infortunios y desesperanzas, el ánimo abatido del compañero será renovado con nuevas energías, con la palabra inteligente de la amada.

Así como las grandes heroínas revolucionarias tuvieron gestos de sublimes sacrificios, para abrazar al populacho en su propio fuego purificador, cada hijo que dé a la vida una mujer educada racionalmente, será, no lo dudeis, una fuerza propulsora del porvenir, una palanca formidable del presente.

Las madres de hoy no están capacitadas para educar a sus hijos, y el compañero que le oculte el panorama del porvenir, que coacciona contra el empleo de nuestras actividades, que nie-

ga nuevos y sonrientes perspectivas, desconoce su misión. En su nueva vida no necesitará la mujer luchar en la calle para romper cadenas, puesto que no las forjará, y si bien tendrá compañero, no sorpotará al tirano macho. Su hogar, encendido en el medio del mundo, plétórico de bondad o inteligencia, dará calor y amor la humanidad.

Todas las lacras curará con verdadero amor, pues sentirá en carne propia el sufrimiento de los demás.

Sin creer que la misión de la mujer sea la calle, pienso que debemos estar perfectamente oriontadas para toda clase de luchas. Cuando caiga el compañero, que la mujer lo reemplace con éxito.

Las flores, a pesar de sus espinas, son bellas, fragantes, recrean nuestro espíritu, son nuestras tiernas amigas en tristes horas, y en horas de placor nos hacen mas gratos los instantes de placer. Pero, para que haya flores, son necesarias las plantas, y para que ellas fecundicen, necesario es también el cuidado exquisito del jardinero. Pues bien, amigos míos, si queréis bella, amable, digna a la mujer y no en marimachos subidos a los hombres, educadla, poned a su alcance los medios para ello. No la humilleis, no la ridiculicéis, sed bondadosos, sinceros, porque la mujer de hoy quiere librarse, está cansada de ser "lo que es", seres autómatas.

Luisa A. Zinno.

Progresamos

Así nos parece a nosotras, por lo menos, las que nos hemos impuesto la tarea de sacar a rodar a la luz del día *Nuestra Tribuna*.

Progresamos, si. Pero ¿en qué? diran. En la presentación de nuestra hojita, en su compaginación en su material de lectura, en fin, en su corrección.

Decíamos en nuestro primer número que no eramos literatas y si propagadoras de una noble idea, pero que no obstante eso haríamos todo lo posible para presentar quincenalmente *NUESTRA TRIBUNA* lo mas esmeradamente impresa, y nuestro anhelo se cumple.

En el número primero de *NUESTRA TRIBUNA* se nos deslizaron una serie de errores en su corrección. En el segundo número pocos, muy poquitos errores.

Y ¿que decir de este número? Que está mejor que los anteriores.

Nos cuesta diez pesitos menos y su impresión mas esmeradamente presentada.

¿Verdad que os gusta mas?

Nuestro esfuerzo será un continuo progreso si todos contribuyen a sostener la labor que nos hemos impuesto.

A los suscriptores

de Gipolletti

Comunicamos a Teresa Muñoz, Miguel Garcia y José Gonzalez que el correo nos devuelve el periódico.

Averigüen si en esa oficina de nuestro *correoito nacional* hay algun garrapata de la liga.

Centro Femenino

"Sembradoras de ideales"

Comunicamos a todos los centros y agrupaciones femeninas que deseamos tener relaciones con los mismos para los efectos de la mayor intensidad de la propaganda, asi como aquellos que editen periódicos ó folletos manden para su lectura a la siguiente dirección: Fidela Cuñado, Artes 427—Necochea—F. C. S.

Centro de Estudios

Sociales 'Germinal'

Pide a todas las agrupaciones, Centros y Bibliotecas y Centros Femeninos que editen material de propaganda se nos envíen para nuestra mesa de lectura a nombre de Celestino Guerra.

Secretario

NUESTRA RIFA

Comunicamos a todos que los números premiados son: primer premio; 2525, segundo premio 8735:

Notifico a las localidades

Santa Fé, Luguna Paiva, Tandil y Gral. Pico que me es imposible acceder a sus pedidos por cuanto *NUESTRA TRIBUNA* me absorbe todo el tiempo. Otra vez será.

Juana Rouco

Necochea.

Balance General de Nuestra Tribuna

Desde los trabajos preliminares para su aparición hasta el tercer número de la misma

ENTRADAS:

Donaciones varias	\$ 143.90
Veinte y cinco folletos donados por Dario Fusco a beneficio de "Nuestra Tribuna" vendidos a \$ 0.20.	\$ 5.00
Ventas de ejemplares sueltos del número primero de "Nuestra Tribuna"	17.40
Ciento noventa y cinco suscripciones por un semestre y seis por un año importan	" 246.40
Ochocientas cincuenta y ocho rifas vendidas a \$ 0.50 importan	" 429.00
Venta de ejemplares sueltos de "Nuestra Tribuna, número segundo"	" 00.6.70
Pagos varios de paquetes	" 00.8.20
Total de entradas	858.60

SALIDAS:

Gastos de propaganda efectuados para la aparición de "Nuestra Tribuna" según recibos Carteles anunciativos, circulares, cupones de suscripción, sello y lacre, sello del periódico, sobre y papel para escribir, mil hojas papel timbrado (esquela) mil sobres timbrados, mil hojas de recibos, franqueo y certificados " 79.40

Gastos de Administración

Dos cuadernos tapa dura, capel secante, cuatro ganchos, libro de entradas y salidas, dos libros idem, una carpeta, tinta, hilo carreta y pincel	" 16.20
Impresión, franqueo y certificado de nuestra rifa	" 29.20
Una mesa para expedición	" 10.00
Gastos de la compañera Rouco en Bs Aires, relacionados con "Nuestra Tribuna"	" 13.00
Impresión del primer número de "Nuestra Tribuna"	" 90.00
Viaje a Buenos Aires para la impresión de la misma	" 55.00
Expedición y coche para el correo	" 11.00
Libros y revistas para la redacción de "Nuestra Tribuna"	" 10.00
Impresión del segundo número de "Nuestra Tribuna"	" 90.00
Espedición y franqueo	" 12.40
Encomienda	" 6.20
Impresión de este número	" 80.00
Expedición y franqueo	" 10.00
Total salidas	512.40
Entradas	858.60
Salidas	512.40
Saldo para el número siguiente	346.20

El balance que mas arriba publicamos fué aprobado y revisado por un núcleo de compañeros y compañeras, como consta en acta que obra en poder del *grupo editor*.

No lo publicamos detalladamente por no ocupar mucho espacio en nuestra hojita.

En lo sucesivo—para satisfacción de los que contribuyen a sostener nuestro *periodiquito*—publicaremos los balances, ó sea entradas y salidas, numero por numero.

ADMIMISTRATIVAS

OLAVARRIA.—Barbagallo. Recibimos \$ 15.00.
TRES ARROYOS.—C. Garcia. \$ 16.50 por intermedio de Scaliso.
BARADERO.—Ortega \$ 10.00.
BS. AIRES.—Fabeiro. \$ 12.00.
BALCARCE.—Mercedes. \$ 10.00.
M. DEL PLATA.—Matarazzo. \$ 1.80.
V. MARIA.—Abiles. \$ 6.00.
ORIENTE.—Dámaso Del Campo. \$ 9.60.

CÓRDOBA.—Leguizamón. \$ 14.50.
AMÉRICA.—Pons. \$ 7.00.
RAFAELA.—García. \$ 8.40.
BS AIRES.—Zanelli—\$ 15.50.
CASTEX.—Del Cueto. \$ 13.40.
BS. AIRES.—E. Rivarola. \$ 15.50.
RIO CUARTO.—Cobos. \$ 35.80.
GRAL. ROCA.—Marcos \$ 30.00.

A los suscriptores que Vd menciona se le manda el periódico. Que lo reclamen al correo.
BS. AIRES.—Zucarelli. Recibí los folletos. Muy de acuerdo con lo que dice.

NOPALEOFÚ.—Acosta \$ 20.00.
ARRECIFES.—Martinez. \$ 14.40.
PARANÁ.—Gamella. \$ 8.00.
BS. AIRES.—Gundin. \$ 5.00
CNEI. SUÁREZ.—Riobó. \$ 12.00

A EXPERIÊNCIA DE MARIA DE LOURDES NOGUEIRA NAS FILEIRAS ANARQUISTAS

POR ANGELA ROBERTI

Desde que me alistei nas fileiras dos combatentes pela nova ordem social assumi implicitamente a responsabilidade enormíssima de pugnar, sem tréguas, para o advento da nova era, em que há de existir mais justiça e mais harmonia entre os homens...

Os tempos são chegados e, com eles, a vitória do Bem, eliminando a desigualdade econômica, os contrastes sociais, as guerras, a prostituição, a indigência e a miserável exploração do homem pelo homem. [...].

Maria de Lourdes Nogueira

Maria de Lourdes Nogueira foi uma testemunha da experiência feminina do anarquismo no Brasil no início do século XX. Ela não deixou registros especificamente biográficos, e são escassas as referências sobre sua vida pessoal. Entretanto, pesquisando alguns periódicos operários, é possível perceber sua presença ativa no movimento operário e anarquista. Consta que era professora, inclusive do Colégio Pedro II, apreciadora das concepções do anarcocomunismo e discípula de José Oiticica, com quem tomava aulas de latim e grego.

Em maio de 1919, Nogueira e outras militantes fundaram a Liga Comunista Feminina, no Rio de Janeiro, a qual seguia os “Princípios do Socialismo Anarquista”. A Liga foi orientada e administrada por mulheres anarquistas e procurava mobilizar as energias femininas na luta pela emancipação. Apesar da breve existência, a Liga teve um importante papel no combate a um *decreto* apócrifo que corria o mundo e divulgava ideias segundo as quais o governo bolchevista estabelecera a socialização das mulheres na Rússia revolucionária. As militantes lançaram um panfleto com o objetivo de esclarecer a verdade dos fatos, destacando que bolchevistas e anarquistas, longe de pensarem em *socializar* as mulheres, desejavam que houvesse inteira liberdade e independência para ambos os sexos.

Maria de Lourdes também esteve à frente da fundação do Grupo Feminino de Estudos Sociais, em 1920, no Rio de

Janeiro. O Grupo era uma organização de cunho educacional que tinha por meta o aprimoramento da mulher, independente de raça, nacionalidade, crença ou profissão. Trabalhava para libertar a mulher do único aprendizado que a sociedade lhe permitia, o maternal e o doméstico, a fim de inseri-la num horizonte intelectual capaz de levá-la a refletir sobre as condições históricas da sua dominação.

Por ocasião da greve da Cia. Leopoldina, em 1920, Maria de Lourdes teve uma atuação marcante. Ela e outras companheiras se mobilizaram para a arrecadação de fundos de auxílio aos grevistas. E no comício que proferiu no jardim da Praça da República, apoiando a greve, a militante foi ousada, defendendo o direito de greve e atacando a burguesia, ali representada pelos patrões antigreve e a imprensa burguesa.

Na militância, participou de atos grevistas, proferiu discursos no espaço público, redigiu artigos para jornais, organizou grupos de estudos e ligas femininas, ensinou nas escolas libertárias, atuou nas associações de trabalhadoras. Manifestou-se com arrebatamento para defender os ideais libertários. Foi firme no combate à exploração do capital, determinada na contestação das ideologias que procuravam justificar a condição da mulher na sociedade. Como outras mulheres militantes, escreveu uma história de luta e resistência, revelando que as mulheres nem sempre foram passivas e submissas.

ELVIRA BONI: ITINERÁRIOS DE UMA MILITANTE ANARQUISTA

POR INGRID S. LADEIRA DE SOUZA

Elvira Boni (1899-1990) nasceu em Espírito Santo do Pinhal, interior de São Paulo, em 1899. Filha de imigrantes italianos, ainda criança foi levada pelo pai, que era socialista, a frequentar palestras na Sociedade Dante Alighieri. Foi no Rio de Janeiro, cidade para a qual se mudou, que começou a trabalhar como aprendiz de costureira aos doze anos de idade. Inicialmente, não recebia salário e só com o tempo passou a receber cerca de 10 mil réis por mês. Nos anos 1910, as jornadas de trabalho giravam em torno de 14/16 horas diárias.

Quando chegou ao Rio de Janeiro, a anarquista já conhecia a Liga Anticlerical, organização política de combate a diversas religiões. Na adolescência, consolidou seu trabalho como costureira, razão pela qual passou a manter maior contato com os meios operários, jornais e grupos revolucionários. Em maio de 1919, uniu-se a mais cinquenta companheiras de profissão e formaram a União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, cuja sede funcionava no mesmo espaço da União dos Alfaiates, sito à rua Senhor dos Passos, nº 8, sobrado.

A União era dirigida por uma comissão executiva, nos moldes das organizações anarquistas. Quando de sua fundação, nem todas as integrantes conheciam o anarquismo, e muitas reuniões e discursos foram realizados, com Boni, que era tesoureira, desempenhando papel de destaque. Ela mesma proferiu um discurso, que foi publicado no *Jornal do Brasil*, mas atribuído a outra companheira. Esse equívoco não se constituiu em problema, pois o que lhe interessava realmente era a divulgação das ideias.

Meses após a abertura da organização iniciou-se uma greve que reivindicava a jornada de oito horas de trabalho para as mulheres. A conquista desse pleito foi imediata, segundo a própria Elvira. A greve foi encabeçada pela União, que convocou outras companheiras para participarem. Em sua ativa militância, Elvira Boni também participou do III Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em 1920, no qual presidiu a mesa da sessão de encerramento, destacando-se no espaço público, notadamente reservado aos homens. Ao participar do Congresso, Boni representou as costureiras e as mulheres.

Elvira inseriu-se, ainda, no amplo circuito sociocultural implementado pelos anarquistas, como o teatro social. Aproximou-se do teatro devido à relação que mantinha com os irmãos, os quais “...começaram a fazer um teatrinho junto com outros associados que gostavam daquilo”. Como ela era irrequieta e gostava de recitar, eles a levaram, afirmou em entrevista a Angela de C. Gomes. Sua estreia no teatro social foi em setembro de 1912, na peça *O pecado de simonia*, de Neno Vasco. Elvira Boni foi uma das diversas militantes anarquistas, conhecidas ou anônimas, que souberam se apossar dos espaços próprios à esfera pública, afastando-se dos papéis tradicionalmente designados às mulheres e descortinando horizontes para que elas pudessem vir a ter lugar em toda parte.

REFERÊNCIAS

ANGELA ROBERTI MARTINS E INGRID S. LADEIRA DE SOUZA. MEMÓRIA DA LUTA FEMININA PELA ANARQUIA: JUANA ROUCO BUELA E MARIA DE LOURDES NOGUEIRA (BUENOS AIRES E RIO DE JANEIRO). A INIMIGA DA RAINHA. MALOCA LIBERTÁRIA, 2018. | EDGAR RODRIGUES. OS COMPANHEIROS. INSULAR, 1997, VOL. 4. | LIBERDADE, RIO DE JANEIRO, JUL. 1919. | VOZ DO POVO, RIO DE JANEIRO, FEV. 1920; MAR. 1920.

REFERÊNCIAS

ANGELA DE CASTRO GOMES, DORA ROCHA FLAKSMAN, EDUARDO STOTZ (COORDS.). VELHOS MILITANTES: DEPOIMENTOS DE ELVIRA BONI, JOÃO LOPES, EDUARDO XAVIER, HILCAR LEITE. JORGE ZAHAR EDITOR, 1988. | EDGARD RODRIGUES. OS COMPANHEIROS. INSULAR, 1997, VOL. 2. | VOZ DO POVO. RIO DE JANEIRO, 1º MAIO 1920.

palavras desabitadas

- DBPF** → da boca pra fora
- DBPD** → da boca pra dentro
- TDS** → temporada de silêncio
- EEP** → encruzilhada entre palavras
- FES** → fronteira entre silêncios
- DDP** → duas das palavras
- TAP** → todas as palavras
- NDA** → nenhuma das anteriores

- | | | | |
|-----|-------------------------|-----|-------------------------|
| [] | palavras despovoadas | [] | palavras desencapadas |
| [] | palavras desacreditadas | [] | palavras desencalhadas |
| [] | palavras desabonadas | [] | palavras desaprumadas |
| [] | palavras desbotadas | [] | palavras deslocadas |
| [] | palavras desmontadas | [] | palavras desocupadas |
| [] | palavras desabadas | [] | palavras decantadas |
| [] | palavras desabotoadas | [] | palavras destiladas |
| [] | palavras despedaçadas | [] | palavras devoradas |
| [] | palavras desmanteladas | [] | palavras defrontadas |
| [] | palavras descosturadas | [] | palavras desembaraçadas |
| [] | palavras destramadas | [] | palavras desilhadas |
| [] | palavras desativadas | [] | palavras desaterradas |
| [] | palavras desinformadas | [] | palavras destravancadas |
| [] | palavras desabilitadas | [] | palavras desemparedadas |
| [] | palavras destemperadas | [] | palavras desempastadas |
| [] | palavras desarranjadas | [] | palavras destrancadas |
| [] | palavras desarvoradas | [] | palavras deambuladas |
| [] | palavras demolidas | [] | palavras destroncadas |
| [] | palavras desoladas | [] | palavras desencontradas |
| [] | palavras despencadas | [] | palavras desencarnadas |
| [] | palavras desalojadas | [] | palavras desenroscadas |
| [] | palavras desengonçadas | [] | palavras despudoradas |
| [] | palavras desmoronadas | [] | palavras desentulhadas |
| [] | palavras desgravadas | [] | palavras desimpedidas |
| [] | palavras destelhadas | [] | palavras dealbadas |
| [] | palavras desfibradas | [] | palavras desenroladas |
| [] | palavras desafogadas | | |
| [] | palavras desabafadas | | |
| [] | palavras disputadas | | |
| [] | palavras decapitadas | | |
| [] | palavras dissipadas | | |
| [] | palavras dissimuladas | | |
| [] | palavras desviadas | | |
| [] | palavras desnorteadas | | |
| [] | palavras desfiguradas | | |
| [] | palavras desabrigadas | | |
| [] | palavras desvanecidas | | |
| [] | palavras desalentadas | | |
| [] | palavras desavisadas | | |
| [] | palavras desarmadas | | |
| [] | palavras despistadas | | |
| [] | palavras desapegadas | | |
| [] | palavras desovadas | | |
| [] | palavras desossadas | | |

A FRONTEIRA DO CORPO É O PRÓPRIO CORPO E/OU PRÓTESES

PERFORMANCE DE BRUNA KURY
FOTOS DE PAULX CASTELLO
2018, PORTO ALEGRE



CIRCULAR

A *Mateo Rivolta*

CAMARADAS:

SALUD

Al dirijirnos a todas las Organizaciones Obreras de la Región Mexicana, lo hacemos para hacerles presente nuestra ya insoportable situación; toda vez que la prensa burguesa hase distinguido por el cúmulo de calumniosas informaciones en contubernio con los encargados de hacernos justicia, cuya hostilidad es notoriamente palpable, obstruccionando la marcha de nuestro proceso.

Ciertos ya de que nuestros enemigos, no serán los que haciendo justicia fallen favorablemente a nosotros, y aún más no dan ningún paso a la violentación del proceso, hemos resuelto poner en manos de nuestros hermanos el hacer nuestra defensa, seguros de que sólo vosotros por los medios que podriais emplear, es decir: una campaña activa y tenaz a fin de que nuestros gritos de protesta llegan a oídos de nuestros verdugos.

Camaradas: no es por nosotros por lo que os pedimos una solidaridad moral, es, primero, para demostrar a nuestros enemigos que aunque ellos se empeñan en dividirnos en partidos y colores, nosotros, no conocemos más partidos ni más colores que los eternamente explotados y ultrajados; y el de los explotadores y verdugos;

No es por nosotros compañeros, decimos, porque hay noventa hogares sumidos en el dolor y abandono; porque ya se agota la paciencia al contemplar la burla sangrienta que nuestros enemigos nos hacen pisoteando los sagrados intereses que tanto sacrificio ha costado conquistar, que con nuestro silencio, no sólo aceptaríamos como humildes corderos al latigazo del déspota y tirano, sino que contribuiríamos a destruir lo poco que hemos conquistado.

Esperando que en los corazones generosos de nuestros hermanos de clase tengan éco los gritos de llamado que hoy les hacemos, y que sabrán responder como deben a él, quedamos vuestros por la causa de los trabajadores.

UNIDOS POR EL IDEAL

Herón Proal, rúbrica; Mateo Luna, rúbrica; Porfirio Sosa, rúbrica; Rodolfo Mercado, rúbrica; Gustavo Luna, rúbrica; Antonio Aguilar, rúbrica; Feliciano Juárez, rúbrica; Jose Aguirre, rúbrica; Luis Marin, rúbrica; Juan Solis, rúbrica; Eleuterio Ortega, rúbrica; Agapito Rodríguez, rúbrica; Ignacio Perez, rúbrica; Gumercindo Ortiz, rúbrica; Facundo Cano, rúbrica; Francisco Torralva, rúbrica; Pedro Salgado, rúbrica; Gumercindo Gutierrez, rúbrica; Juan Villa, rúbrica; Ricardo Durán, rúbrica; Basilio Velásquez, rúbrica; Ramón Vega, rúbrica; Marcial Jimenez, rúbrica; Tiburcio Marquez, rúbrica; Ramón R. Parra, rúbrica; Juan Ortiz, rúbrica; Martín Gómez T., rúbrica; Gabino Díaz, rúbrica; Manuel Hernández, rúbrica; Victor Villegas, rúbrica; Alfonso Vásquez, rúbrica; Esteban R. López, rúbrica; Amancio Zamora, rúbrica; José Tellez, rúbrica. León Ortiz, rúbrica; Luis Rodríguez, rúbrica; Juan Palacios, rúbrica; Rosendo Díaz, rúbrica; José Castro, rúbrica; José Mendez, rúbrica; Federico Moreno, rúbrica; Antonio Córdova, rúbrica; Juan Reyes, rúbrica; Juan Gutierrez, rúbrica; Gil Hernández, rúbrica; Grabiél González, rúbrica; Francisco García, rúbrica; Zeferino Aguilar, rúbrica; Pedro Hernández, rúbrica; Juan Lagos, rúbrica; Leopoldo García Q., rúbrica; Jesús Guzmán, rúbrica; Enrique Catuar, rúbrica; Angel Martínez S., rúbrica; Gonzalo Galindo, rúbrica; Maria Mejía, rúbrica; Flora Aguilar, rúbrica; Tita Mundo, rúbrica; Isabel Morales, rúbrica; José Maria Morales, rúbrica; Margarita Varela, rúbrica; Silveria Hernández, rúbrica; Rosenda Contreras, rúbrica; Asunción Escobar, rúbrica; Josefá Bermudez, rúbrica; Creencia García, rúbrica; Herlinda Galvez, rúbrica; Maucela Mora, rúbrica; Concepción V. de Suárez, rúbrica; Margarita Ortega, rúbrica; Carmen Deanda, rúbrica; Herlinda Suárez, rúbrica; Antonia Santaria, rúbrica; Maria Rivera, rubrica; Luisa Marin, rubrica; Consuelo Cevallos, rubrica; Maria Gómez, rubrica; Maria Rosas, rubrica; Julia Froilan, rubrica; Matilde López, rubrica; Candelaria Ortiz, rubrica; Concepción Perez, rubrica; Concepción Gorritez, rubrica; Isabel Martinez, rubrica; Josefa Garcia, rubrica; Petra Lira, rubrica; Agustina Moralez, rubrica; y Rosa Cisneros, rubrica.

Carcel Municipal de Allende Abril de 1923

[Signature]

Lauda - nos fraternalmente

Maria Antonia Soares

Sofia Souza

Eucarnação Nogueira

Esperanza Mestre

Conferimos a presente

Pelo Centro

A 2ª Secretária

Paula Arias

A Tesoureira

Maria Scarpetti

O Centro Feminino Jovens Idealistas, to

conhecimento da realização de um Cong

Internacional Pro-Paz, a realizar-se

cidade de Rio de Janeiro, resolveu fa

representar nele, pela companheira

Maria Antonia Soares, pro

limr lhe conferimos a pre

credencial

Centro Feminino Jovens Idealistas

S Paulo, Outubro de 1915

A Comissão Organizadora do

Congresso Internacional da Paz

Credencial

UNIDAS POR UM IDEAL
CRÉDITOS DOS DOCUMENTOS:
ACERVO HISTÓRICO DE LA
CASA DEL AHUIZOTE - CIUDAD
DE MÉXICO; ARQUIVO EDGARD
LEUENROTH (AEL/IFCH-UNICAMP),
E CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA (CEDEM-UNESP)

EL POR QUE DE UN CONGRESO ANARQUISTA FEMENINO

Estoy convencidísima que los congresos no elaborarán el proceso revolucionario. Pero estoy convencida también que ellos son útiles, periódicamente, para cambiar ideas y mancomunar esfuerzos comunes contra la reacción del capitalismo mundial cada día más sanguinario. De la misma manera que los organismos sindicales realizan sus asambleas ordinarias y extraordinarias para discutir sobre las posibles conquistas de mejoras morales y materiales, así también en el orden nacional e internacional son necesarios los congresos cuando se trata de orientar una acción determinada o cambiar ideas sobre problemas de emergencia que afectan directamente a las masas proletarias. ¿Y qué acción debe orientar el mundo femenino en estos momentos de desequilibrio general, lo mismo en la clase obrera que en la clase capitalista? No es necesaria la respuesta para quienes siguen de cerca la labor reaccionaria y guerrista de los gobiernos de la vieja Europa y sobre todo los del continente americano. Repeto innecesarias las actitudes alarmistas, como considero también una falta de inquietud y una anestesia revolucionaria a toda prueba la actitud que está observando el proletariado americano frente a los acontecimientos de orden militarista que diariamente se están sucediendo. Sin hacer largas disquisiciones, para demostrar el peligro de una inminente y próxima guerra americana, no hay más que señalar el interesado laudo arbitral que termina de dar a la publicidad el gobierno de los EE. UU. relacionado con el sonado asunto de Tacna y Arica pendiente entre los gobiernos de Chile y el Perú. Si otros acontecimientos ulteriores no empañan el horizonte de la paz americana, el famoso plebiscito de Tacna y Arica será la chispa de una guerra inevitable. ¡Tacna y Arica! He ahí la chispa de la guerra que se viene, de la guerra criminal e infamante que están inflando los perros sibaritas de la diplomacia secreta de los gobiernos americanos. Colombia, Bolivia y el Ecuador, también tienen asuntos pendientes con el Perú por demarcaciones de fronteras. Si el Perú sale vencido en el plebiscito — que así será, no hay duda — querrá usurpar a las tres últimas republiquetas el valor de las dos fecundas provincias que Chile le arrebató con la ayuda interesada del Tío Sam. Y este es otro peligro de guerra que se une a Tacna y Arica. Otro peligro no menos evidente, quizás el más positivo, es el afán sin límites que tienen los gobiernos de América de pertrecharse de material bélico de guerra y modernizar los buques de guerra, de acuerdo a los adelantos "científicos" realizados en esta materia.

Necesario es, pues, prevenirse a posteriores acontecimientos que los primeros en lamentar serían quienes hoy permanecen inac-

tivos teniendo el sagrado deber de agitar al pueblo indicándole el peligro.

Como prevención de emergencia y para orientar una acción antimilitarista en todas las repúblicas de América, creo que sería eficaz la realización de un congreso femenino de carácter antimilitarista, pudiendo participar activamente, no obstante, todas las agrupaciones y organismos revolucionarios del continente americano.

Es necesario conquistar el sentimiento y la energía de la mujer proletaria para la causa antimilitarista, y a esta labor inmediata y necesaria deben prestar su valiosa contribución todas las mujeres medianamente ilustradas del continente americano. Tenemos, además, que combatir persistentemente esa tendencia propagada en distintos congresos realizados por las damas de la burguesía americana, que quiere hacer de la mujer obrera un estro-pajo de comité.

La pronta organización de un Congreso Antimilitarista Panamericano se hace imprescindible si es que se desea hacer algo práctico por la paz de los pueblos, amenazada por el parasitismo burgués.

Lo que no debe repetirse en momentos de una posible guerra, son esas declaraciones altisonantes de terrorismo para después quedarse pasivos defendiendo el honor ultrajado de la patria. Esto debe servir al pueblo de experiencia aleccionadora. Que no suceda como en la última hecatombe europea que se realizaron infinidad de congresos antiguerreros donde se proclamaba la huelga general y revolucionaria contra la guerra para después quedar todo en agua de borrajas...

Nada de ampulósidades y de declaraciones ficticias. Orientar y mancomunar esfuerzos contra el peligro militarista. Allí debe residir la importancia del Congreso Antimilitarista Panamericano. Bajo esta égida debe agitarse al pueblo todo de América para que sepa, sobre una misma declaración de guerra gubernativa, encender la tea de la última guerra reivindicativa: ¡la guerra del derecho, la guerra de la paz, la guerra del amor!

Como NUESTRA TRIBUNA no aparecerá más, queda librada la iniciativa de este Congreso a las publicaciones que creen útil y necesaria su realización.

Vaya, pues, mi cordial y anarquista saludo a todos los que hagan efectiva esta iniciativa y a los que han contribuido también a la difusión y sostenimiento de esta hojita que hoy desaparece del escenario de la propaganda.

Juana Rouco.

PRECOCIDADE...

Um canto do jardim da residência do SR. BARRETO, ao entardecer. SERGIO, seu filho, 9 annos sadios e inenueos, brinca com sua prima LILI, de 7 annos, e o seu amiguinho Julio, de 12.

Sergio (deixando os brinquedos aborrecido) — Vamos brincar de outra coisa?

Lili (erguendo-se) — Vamos... De esconde-esconde!...

Julio (superior) — Disso, não... Vocês jogam football?

Sergio — Eu, jogo, mas... a Lili não pode jogar...

Julio — Por que?

Sergio (muito convicto) — Porque é menina. As meninas não devem jogar. Mamãe diz que é feio.

Lili — E, sim... Football, não... Então, vou buscar a minha boneca...

Julio (a Lili, desdenhoso) — Você ainda brinca com bonecas?

Lili — E você não brinca?

Julio — Eu lá sou creança!

Sergio — Então o que é?

Julio — Sou quasi um homem... Ando na escola, jogo football...

Sergio — Eu também vou ao collegio!

Julio — Mas ainda está no Primario Livro...

Sergio — Também, sou "mais pequeno".

Julio — Afinal, de que é que vamos brincar?

Lili — De "tempo-será"?

Sergio — Não... Mamãe não quer que eu corra...

Lili (mysteriosa) — Eu sei um brinquedo muito engraçado (a um olhar curioso dos dois). E' o de marido e mulher.

Julio — Ora!

Sergio — Como é?

Lili (explicando) — Você é meu marido. A nossa casa é... (depois de olhar em redor, indicando um banco, junto a uma arvore, perto) ali. Você vai trabalhar, eu fico arrumando a casa; depois, são também, vou a Avenida... Depois, você chega do trabalho, jantamos, vamos dormir...

Sergio — Mas... E o Julio?

Lili — O Julio... pode ser nosso filho.

Julio (muito depressa) — Não, filhinho, não... Eu sou o amigo... Venho jantar com vocês...

Sergio — E'... pode ser...

Lili (extranhando) — Amigo?

Julio — Sim... Eu sou muito grande para ser filho de vocês...

Lili (muito séria) — E' de brinquedo...

Sergio — Não faz mal...

Sergio — Mas, então, a gente é obrigada a ter filhos para poder brincar?

Lili — Não, mas... fica mais engraçado.

Julio (decidido) — Não. Filho não quero ser. Sou o amigo de vocês, Sergio. Amigo intimo...

Sergio — Pois sim.

Julio — De vez em quando, venho jantar em sua casa, são com Lili...

Sergio (espantado) — Sae com Lili? Mas o marido sou eu!

Julio — Ué, que tem isso?

Sergio (muito cheio de razão) — Não, senhor... Lili só sae commigo.

Julio — Você é bôbo! Então, lá em casa, o "seu" Pedro não sae com mamãe? E não é marido della...

Sergio (abalado) — Mas, então, você só sae com ella quando eu estiver em casa!

Julio — Não, senhor... Ha de ser a qualquer hora, como "seu" Pedro faz com mamãe!

Lili — Pois sim... Que é que tem, Sergio? E' do brinquedo...

Sergio — Bom, então vamos começar.

Julio — Eu moro, ali, perto da cascata (afasta-se. Sergio e Lili, perto do banco, fingem arrumar uma casa imaginaria. Uma pausa).

Lili — São horas de você ir para a repartição, Sergio.

Sergio (admirado) — Para que?

Lili — Para a repartição.

Sergio — Onde?

Lili — Perto da escada. Você vai trabalhar...

Sergio — Mas, para trabalhar, é preciso chapéu?

Lili — Não.

Sergio — Bom, até logo (vae afastar-se. Lili o detem).

Lili (a rir) — Não é assim... Vem cá. "Me dá" um beijo...

Sergio — Um beijo?

Lili — Sim... Papae quando vae para a repartição, beija sempre mamãe.

Sergio — Sempre?

Lili — Sempre, não... (numa idéa subita) Ah, é mesmo! Hoje, você não me beija... Estamos brigados.

Sergio — Brigados? Por que?

Lili — Não... E' do brinquedo... Como papae e mamãe... Você sae de depressa, zangado, sem falar commigo...

Sergio (como quem percebe) — Ah!

Lili — Anda, vae...

Sergio — Bom, até logo.

Lili (impaciente) — Você não fala commigo. Oh. Estamos zangados!

Sergio (afasta-se, depressa. Lili finge compor o cabelo e collocar um chapéu ante um espelho).

Lili — Vou até a Avenida (desaparece entre as arvores. Pausa).

Sergio (de longe) — Posso voltar?

Lili (reapparecendo) — Pode...

(noutro tom) Já voltei. Tinha muita gente hoje, no Alvear!

Sergio (aproximando-se) — Agora falo com você?

Lili — Fala, sim... Diz: — Boa tarde, minha querida...

Sergio (imitando-a) — Boa tarde, minha querida...

Lili (subitamente séria, de mãos na cintura) — Onde esteve o senhor até agora?

Sergio (sem comprehender, recuando) — Eu? Na... na repartição.

Lili (no mesmo tom) — Pois sim! Com certeza foi a um cinema "seu" velhinha!

Sergio — "Seu" que?

Lili (baixo) — Espere... Isso é do

brinquedo. Estou fazendo como mamãe faz com papae!

(O sr. Barreto e d. Ruth, sua esposa, apparecem ao fundo, e detêm-se a ouvir).

Julio (a pequena distancia, batendo palmas) — Dão licença?

Lili (voltando-se — E' o Julio... Que cacete!

Julio (aproximando-se, formalizado) — Cacete, eu?

Lili — Você não ouviu... Quando o "seu" Antonio vae lá em casa, mamãe diz sempre a papae: "Que cacete!"

Julio — Ah, bom... (a Sergio, amavel) Como passa, querido amigo?

Julio (muito sério) — Você não viu nada... Estava lá dentro. E' assim que "seu" Pedro faz, quando vae lá em casa.

Sergio — Como é que você sabe?

Julio — Porque já vi, ora esta!

Lili — Depois, você sae, Sergio. Eu fico com o Julio. Você diz que tem um negocio urgente, sae, e vae para a pandega...

Sergio (espantado) — Para a pandega? Onde?

Lili — Não sei... E' onde mamãe diz que papae vae, quando sae á noite...

O sr. Barreto (aproximando-se, seguido de d. Ruth) — Crianças, vamos jantar... Já é tarde!

D. Ruth — De que é que vocês estavam brincando?

Lili — De marido e mulher... (a Julio e Sergio) Então, depois do jantar continuaremos... (afastam-se em tropeço).

D. Ruth (num sorriso triste, ao marido) — Viste como elles brincam? Estas crianças!...

O sr. Barreto (sorrindo também) — Minha querida, a culpa não é delles... A culpa é dos paes...

Rio, outubro de 1922.

L. LAMEGO.

Um conselho às Mães

Não cabe a menor duvida que nós, mães, poderíamos exercer uma poderosa influencia no ensino dos nossos ternos filhos. O Estado por meio do ensino official, modela suas mentes inespicientes, e, quando chegam a homens, delle só tem a figura.

Inclinados a todas as obediencias, e presos ao pesado lastro de deveres impostos, sua existencia se converte em uma penosa "via crucis" onde só ha abundancia de dor e se carece de felicidade.

Qual é a mãe que, pensando em seu pequeno filho, não anhele constantemente que elle chegue a ser um homem bom? De que servem nosso desvelo e anhele, se quando nosso filho chega a homem, carece das mais alimentares noções de affecto e solidariedade para com seus semelhantes?

Como nacionalista, será belicoso ante homens de outra potencia ou raça; como patriota, se mostrará predisposto ao sacrificio da guerra e do extremismo; como desherdado, generará baixo sob o jugo da escravidão, e como homem, será sempre um atormentado joguete deste inico regimen.

Bestificado nosso cerebro por uma falsa educação, nós contribuiremos, inconscientemente para o cultivo da ignorancia dos nossos filhos, ora cedendo dinheiro para jogos, ora permitindo sua presenca nos desfiles militares e mais actos patrióticos e finalmente tolerando as doutrinas, confissões e communhões, praticadas pela igreja (templo de devassidão e ignorancia).

Alli nossas filhas são surpreendidas com perguntas maliciosas, pelos mal denominados "ministros de Deus".

Quantas virgens innocentes enlaçadas nas redes do templo! O lodo salpicalhes o que de mais sagrado tem sua existencia — a honra!

Que fazemos, nós, as mães, para apartar nossos filhos desses erros e quedas? — E' que, longe de evital-os, nós mesmas os empurramos até á queda, moldando-os aos seculares erros da sociedade presente. Nada que os illumine, nem um conselho que evite o declive ou a queda, nem uma só predisposição para fazer de nossos filhos, homens intelligentes e mulheres sãs! E dizer que cooperamos para a desdita de nossos filhos, não obstante amal-os tanto!

Quizemos fazer de nossos filhos homens bons, e só conseguimos prendel-os ao erro, impellido-os para o caminho do mal!

SALVÉ! 1º DE MAIO



O DIA DO TRABALHO VOZ INTIMA

A's vezes, no silencio, um rir me alegre e assombra Assim como o cantar mavioso de uma prece... Pois tudo a refflorir, ás vezes, me parece, Envolto em perennal e redolente alfombra.

Mas é um clarão de luar, que surge, brilha e cresce E apaga-se de novo ao peso de uma sombra... Eis porque o mundo ao meu cançado peito ensombra! Eis porque tudo, emfim, me afasta e me entristece!

Comparado somente ao sonhar de um proscripto, Eu conservo em minha alma um anelo infinito De luz e liberdade e apoio fraternal...

Um como que saudade, intermina, agridoce, De alguém que me entendesse, embora estranho fosse, Que ouvisse a minha voz e amasse o meu ideal.

CLARA SANTOS.

Da Educação Feminina

Observai a educação que ellas recebem no lar e pensai si, com ella, a mulher poderá ser util e livre algum dia. Ella educa a sua filha no mesmo molde que foi educada sem ficar a dever coisa alguma. Quanto afan, quanto trabalho se toma para augmentar o desenvolvimento, a belleza corporal de sua filha, com quanto abandono esquece o cultivo dos seus sentimentos, a belleza da sua alma! Inconscientes, mãe e filha, no presente, não pensam no futuro. Observai essas jovens futeis e coquettes, que nas ruas passeiam suas carnes exuberante. Essas são as mães de amanhã! Esses labrios frivolos, essas cabeças ocas, esses seres inconscientes, são os que darão aos futuros filhos, as primeiras noções da vida. Pobre humanidade! De mães como essas, que filhos sahirão!

Maria Alvarez.

Quanto mais se elevar a mulher, mais se completa e se aperfeicão o poder da familia. Libertar a mulher é, portanto, consolidar a familia.

E. Legouvé.

Investigar sobre a capacidade feminina, capacidade intellectual, em relação com a do homem, é achar um signal de egualdade a limitar essa investigação.

Os maridos que não pensam em tornar agradável a vida de suas esposas e que lhes recusam o direito de compartilhar dos seus divertimentos, ensinam-

TRISTE DESPEDIDA

Tinha dezesete annos. Era Galhardo, forte, intelligente rebelde, cheio de idealidade e amor. Inquieto, cansado de respirar o ambiente hypocrita e corruptor da grande cidade, fez-se aguilão, condor, para voar sem arrastar-se aos pés de cousa alguma nem no charco das miserias humanas.

Espirito rebelde, saturado d. aventuras e bellas illusões, decidiu-se a abandonar o lar paterno para conhecer a vida através extranhas perigrinações, de região em região como as obscuras andorinhas.

Assim fez. Uma noite communicou o seu intento á sua mãe. No outro dia já eram também sabedores dessa decisão seus irmãosinhos que tanto o queriam. E desde então não cessaram de murmurar ao ouvido da mãe tão docemente como um rogo de noiva ou uma prece mística:

— Mamãe! Diga ao Tito que não se vá para o campo! Diga ao papae que não seja tão mau, assim elle não irá...

— Não filhinhos, Tito não se vae. Quem vos disse que Tito vai para o campo?

Os pequenos quedaram-se pensativos e desorientados ante a interogação da mãe.

O dia seguinte era o da despedida. As lagrimas e os rogos da querida mãesinha, redobram desesperadamente ante a ferrea decisão do Tito que já não podia suportar mais a tyrannia e a imposição de seu pae, e cravaram-se como um dardo em seu juvenil coração de dezesete annos, educado para o amor e o altruismo. E, ao resvalar uma lagrima pelas suas palpebras, sufocando um soluço na garganta disse á mãe:

— Minha mãesinha! Tu sabes que eu tenho uma ideia que tu mesma desde do berço me ensinaste.

Que tenho uma consciencia. Que sou homem e tenho dignidade. Papae, tu sabes, quer fazer de mim um instrumento incondicional para a politica do seu partido. Prohibe-me a leitura de livros que me agradam e me instruem, dizendo que são livros anarchistas, maus, que a sua leitura é pernicioso para mim.

Eu, minha mãe, amo a liberdade e não quero ser escravo. Quero conquistar-a, ganhando o deserto, convivendo com os indios! Não temas por mim. Não te preocupes. Escrever-te-ei uma cartinha por semana, sim?

— Bem, disse a mãe, sufocando um soluço e enxugando o pranto. E num prolongado abraço, despediu-se Tito daquella que o havia educado e acariciado desde criança, com estas palavras e um forte beijo na fronte:

— Mãe fecunda! Fonte da minha vida! Saudade!!! Depois de dois mezes de ausencia a mãe de Tito que anhelante esperava noticias suas, recebe esta carta que foi para ella um formidavel golpe de desespero e interminavel dor: "Mãesinha querida":

Por meio destas laconicas linha dir-te-ei que estou preso.

Tu, mãe querida, logo imaginará porque. Bem conheces. Estou preso por ser justo e por dizer a verdade. Não te preocupes commigo. Depressa estarei em liberdade. Espero tua resposta como um beijo que, quando pequeno, recebia em teu regaço. Teu filho. — Tito".

Por dizer a verdade e incitar seus companheiros ultrajados, que ganhavam um salario miseravel, a pedir mais liberdade e mais retribuição ao seu trabalho, levaram-no preso. Preso por dizer a verdade! Enquanto a mãe, soluçando, relia a carta, o maior dos filhinhos interrompe-a dizendo:

— Recordas-te mamãe? Elle o dizia: Na democratica república se combate a verdade com o carcere e a carabina humida.

Recordas-te, mãesinha, quando Tito o dizia.

JOANA ROUCO

lhes o caminho para ir buscar fóra do lar o prazer e a ventura que não encontram nelle.

Plutarco.

Quando o capital se perde, nada se perdeu. Quando se perde a saude, alguma coisa se perdeu. Quando se perde o caracter, perdeu-se tudo.

Anon

Os homens constroem casas, mas as mulheres fazem lares.

.Selected.

Não ha cousa que demonstre de uma forma mais decisiva o caracter de um homem ou de uma nação do que a maneira por que são tratadas as mulehres.

Heror.

DIVAGANDO...

Depois da grande conflagração os povos moveram-se numa ancia doida. Enquanto que para uns era preciso garantir o que estava ganho, para outros era recuperar o perdido. Entraram em moda então as conferencias e os congressos. Houve-os de todas as cores, sobre todos os assumptos, em horas diversas e simultaneamente. Aqui, ali, acolá, em todos os cantos se reunia gente doutros cantos para discutir o problema que era um monstro colossal de milhões de cabeças. Generalissimos, estadistas, industriaes, commerciantes, clérigos, pastores, trabalhadores, macacos e crocodilos... perdão... reuniam-se para estudar as possibilidades de melhorar a situação particular da fracção a que pertenciam e de remediar o desmantelo geral, consequências da grande guerra.

No fim de cada celuma, digo, conferencia, compulsada a eloquencia espedaçada, cada qual se retirava tendo comprehendido apenas que não fora comprehendido e que tão pouco comprehendera os demais.

Alguns, com certo esforço lograram lançar fogos de vistas; poucos, porém, muito poucos tiveram a dita de acertar com a cataplasma a ser applicada no momento.

A Sociedade gemia de dores estirada no leito internacional enquanto enfermeiros e medicos iam e vinham, ás aranhas, sem saber o que fazer.

Appareceram cirurgiões, mas foram os pobres diabos desde logo aliçados. — Pois que? Amputar a pulchridade de D. Sancha, misericórdia!...

Os dias se foram passando, e, não sei si apesar da desintelligencia geral ou graças a ella, D. Sancha levantou-se não obstante uma semi-paralyisia facil que a obriga a olhar de esguelha mettendo medo a meio mundo.

Não ficaram atrás as mulheres no que diz respeito a fama congressista, e a prova disto está em que se reflectiu até no Brasil, onde as évas estão ainda mui preocupadas com a primeira phase da vida...

Em varios paizes os movimentos femininos tem conquistado alguma coisa (?) e pena é que tenham um caracter puramente "feminista" quando a crise é humana e não feminina.

De que nos serve, a nós, mulheres, a igualdade dos nossos direitos com os do homem, subsistindo a divisão da sociedade em classes!

Tem um operario os mesmos direitos, garantias e facilidades que um burguez?

A cousa permanece na mesma. A mulher proletaria fica sendo mulher proletaria como a mulher burgueza fica sendo mulher burgueza.

Os resultados reaes dessa "conquista" beneficiam somente as burguezas e semi-burguezas que se servem das outras para galgar postos condignos. As proletarias só têm a perder na dança, porque para garantir o seu movimento feminista tem de garantir os postos de suas "leaders".

A manutenção da pipineira feminina sobrecarrega a Despeza do Estado e para contrabalançar a só o sinapismo e efficaz: augmento dos impostos. Quem vem a soffrir com isso é justamente a classe pobre.

No Brasil estamos bem distantes do feminismo suffragista, pois não ha aqui operariado feminino sufficiente para servir de escada as Berthas...

Nos paizes onde as industrias empolgam os braços femininos, a mulher vai ganhando consciencia do seu valor social. Mas na medida que essa consciencia se avoluma e se torna força vão apparecendo tambem as "proveitadores" canalizando o esforço geral para o sacco dos interesses da elite.

Entre nós a mulher, circumscripita aos deveres do lar, deve ir procurando sentir a questão como questão humana. No seu lar tem a mulher mui o a fazer antes de se preoccupar com a eleição de deputados... O desenvolvimento de sua mentalidade, a educação dos filhos e o auxilio a seu companheiro nas lutas de classe devem constituir a essencia dos movimentos de sua alma. A sua esphera de acção, porém, não é limitada e a mulher deve procurar dilatal-a agremiando-se a nucleos femininos.

No Brasil, as mulheres proletarias sem terem passado pelo crivo das grandes industrias, têm este meio, o mais efficaz, o mais rapido, para desenvolver a sua mentalidade num sen-

tido util ao sexo e benéfico para a humanidade.

Formada a consciencia de seu valor social as proletarias, por si mesmas, devem aproveitar essa nova energia applicando-a na destruição do regime capitalista e na reconstrução duma Sociedade onde os direitos sejam realmente eguaes para ambos os sexos, mas sem distincção de classes.

"Renascença"

A Sra. Maria Lacerda de Moura appareceu, ha pouco, em S. Paulo, á frente de uma bem cuidada revista que ostenta no frontispicio o nome que encina estas linhas.

Não dispomos de espaço para transcrever na integra o artigo de sua brilhante directora, nem para commentar a sua posição no movimento Social.

Vamos, entretanto, dar, como padro da sua mentalidade renovadora o seguinte trecho:

"Em todos os seculos surgiram espiritos combativos e foi com esse combatividade que se erigiram novas formas sociaes — sempre em vista de futuro mais amplo. Em meio dessas hostes renovadoras, dentre a alma collectiva da "élite" (sob os diversos aspectos da vida evolutiva), ninguém se esqueceu de que as renovações se fazem primeiro nos espiritos. Preparam-se antes as "élites" e ellas se iniciam no apostolado renovador para alevantar as massas e lançar então a semente fecunda do Evangelho Novo.

Assim foi na "Renascença", assim será em todos os tempos.

E' verdade natural, scientifica: aquillo que não passa para o inconsciente colectivo, transformando-se numa segunda natureza, pelo habito ancestral, — não firma raizes na sociedade.

Todos são accordes affirmando que as unicas renovações estaveis são aquellas baseadas nas reformas educativas.

São esses os renascimentos capazes de atirar raizes e frondes por sobre o espaço e o tempo, sem deixar margens ao parasitismo para abafar o canto da sua seiva...

E' preciso operar no inconsciente das massas e não se extirpam dos habitos e das idéias ancestraes, num golpe de Estado ou de dictadura, os vinculos do passado.

Modificam-se, substituem-se, transformam-se idéias: não matam idéias. A natureza não dá saltos.

A evolução é lei sob todos os aspectos — quer seja encarada na vida organica ou social, na materia no pensamento.

Querer affirmar "a força" que a renovação social, por si só, espalhará a felicidade sobre a terra, é dogma de fé, inadmissivel pelo raciocinio.

Querer que a educação sómente, a evolução dentro das escolas racionais prepare a transformação social — é impossivel porque o regimen capitalista e mediocre e nacionalista e militarista abafa as iniciativas reformadoras e põe em tudo um freio, na rotina official.

"Evolução" e "Renovação". E tudo é preparado nos dominios do pensamento.

E' preciso propagar, desejar, crear no advento de sociedade mais pura.

E' necessario diffundir principios de justiça, amor e equidade, fazer horrores a hypocrisia social.

Todas as Renovações foram idealizadas nos sonhos dos precursores.

Sem o preparo consciente da "élite" intellectual: rebeldia e convicções proprias defendidas a custa de um caracter energico, incorruptivel; sem fazer nascer e vicejar o ideal de equidade para todos os seres; sem fazer comprehender á engrenagem evolutiva dentro de cada nacionalidade e a harmonia que deve presidir a esse accordo internacional — analysada a nota predominante do factor historico, do temperamento social do meio ambiente no seio de cada povo — inutil qualquer tentativa de transformação radical de uma civilização.

A golpe de força, de audacia muda-se uma forma de governo.

Mas, a historia nos registra experiencias amargas demonstrando que não basta alterar as formas de governos: mudam-se os donos apenas... E o povo continúa a sua triste peregrinação, sempre ludibriado.

E o fito unico é trazer o bem estar economico para dentro de todos os lares e a alegria de viver para o amargo de todos os corações: alimentar e fazer livres todos os homens — dentro das contingencias da propria liberdade social.

Criar individualismos altruistas, cultivar rebeldias para o advento de sociedade melhor — eis as bases de uma organização social mais alevantada.

Cabe aos intellectuaes acompanhar a corrente de idéias novas para a transformação das mentalidades, de accordo com o seculo, de accordo com o alvorecer de uma estupenda madrugada social.

Não nos esqueçamos, todavia, das sabias palavras de Aristoteles:

"O meio de chegar á tyrannia é ganhar a confiança da multidão: o tyranno começa sempre por ser um demagogo.

E o povo?

Deve estar de sentinella para reagir contra certos apostolos... exemplo: Mussolini".

Março — 1923.

Maria Lacerda de Moura

Considerações

Nas condições actuaes em que vive a mulher, podemos dizer que ella é escrava da burguezia, isto é, dessa minoria de exploradores que vive á custa dos nossos esforços dando-nos em paga um salario miseravel.

Direis, companheiras, que a escravidão já acabou, porém, enganam-se. Não ha, é verdade, como houve até 1888, a escravidão do preto a quem os brancos, por um instinto de desmedida ambição obrigavam a trabalhar para enriquecer com o producto desse trabalho. Mas continua ainda outra mais vergonhosa porque é a do proprio homem pelo homem. Trabalhar em troca de salarios que não dão o sufficiente para viver, ser obrigado a aceitar a sociedade tal como ella se nos apresenta, cheia de vicios e falsidades sem protestar, porque se protestarmos temos, em paga, a escravidão?

E nós, companheiras? Poderemos talvez considerar-nos felizes com a nossa actual situação? Quantas trabalham ainda o minimo de 9 horas por dia! Muitas companheiras, trabalhando todo esse tempo, não ganham entretanto mais que uns minguados 60 ou 70\$000 mensaes que mal chegam para pagar as passagens e restar alguma coisa para o seu sustento.

Quem sabe quantas necessidades passaes, companheiras, ganhando tão pouco, mas não deixando de vos vestirdes á melindrosa, gastando vestidos e meias de seda como as vossas patrões?! Sofreis com isto muitas necessidades porque o vosso exiguo ordenado não dá para tanto luxo. Contudo, persistis em querer parecer ricas. Andais sempre com as faces carminadas, os labios pintados, como todas essas que passeiam pela Avenida. Mas não julgais que vos tomam por ellas, não. Quem não lerá nas vossas faces maceradas pelas necessidades, cuja pallidez o carmin esconde a vossa triste condição de escravas do trabalho? Quem vos poderá tomar por burguezas se, á hora em que vos encontrais na rua, é precisamente a hora em que ellas descansam dos prazeres enquanto que vós vos encaminhai para os ateliers e officinas a envenenar a vossa saúde?

Companheiras! procedendo assim, vós vos enganais a vós mesmas. Não procureis mascarar a vossa situação de mulheres operarias, porque é muito mais digno ser-se operaria, isto é, produzir em bem da collectividade do que viver do producto desse trabalho. Não continueis a tolerar este estado de coisas, occasionado tão sómente pela falta de consciencia, pelo orgulho, pela vaidade! Procurai a vossa emancipação, economica e moral. A primeira exigindo tudo quanto é necessario para o vosso sustento. A segunda, abandonando todos esses modos de pensar e agir que tendes entre as vossas companheiras, habituando-vos a praticar sómente o que achardes justo. Não julgais que

As mulheres REFLEXÕES

A hora de Justiça soou. Todo aquele que deseja reivindicar os seus direitos conspurcados deve levantar a voz para defender-se com seus proprios meios.

Acreditam as mulheres que a sua situação na sociedade não está inimicada com os mais elementares principios de justiça? Não. nenhuma mulher pode pensar assim. Todas ellas anhelam um porvir melhor de mais justiça e liberdade. A ideia da sua libertação as subjuga e atrae. Que fazem ellas, porém, para conquistá-la? Nada, ou quasi nada. Permanecem inactas, indifferentes. Que esperam? Que outros façam hoje o que ellas deveriam fazer com seus esforços entusiastas e perseverantes na luta.

Muito poucas são as mulheres que se atrevem a reclamar em voz alta um porvir melhor para si e para sua familia. E porque é que, sendo tão geral esse ancio de liberdade, são tão poucas as vozes que se elevam para defendel-o? Que será melhor mais forte do que esse desejo de liberdade? A rotina, o preconceito, a conveniencia social, eternos tyranos.

Nenhum ser como a mulher é tão escravo da sancção publica.

A ella sacrifica as suas mais cras aspirações, seus sonhos mais encantadores. Logo, a liberdade da mulher encontra o seu primeiro obstaculo para converter-se em realidade na carga de preconceitos que ella arrasta, na força perniciosos dos costumes.

Nenhuma se atreve a romper o circulo infamante das resignadas. Todas esperam, vacillam, se detêm indecisas, estremeendo ante a ideia do que pensará o povo das suas acções.

Seremos algum dia as mulheres desapalxonadas de nós mesmas, sem esperar o juizo dos demais?

Deixaremos de uma vez para sempre de medir as nossas acções pelo modo de ver dos demais? Sim, esse dia chegará si nós o quizermos e empregarmos todos os nossos esforços para conquistá-lo.

Devemos ter sempre presente que a base primordial da nossa liberdade, o de onde nascerá toda a felicidade e belleza que ella traz, está na acquisição da nossa liberdade interior, da nossa liberdade moral.

Todos os nossos esforços devem dirigir-se á annullação desse poderoso tyranno que se chama rotina, preconceito.

Dirijamos nossas mais preciosas energias para a conquista dessa liberdade de espirito que tem a virtude de embellezar a vida, tornando-a querida e grata.

Essa felicidade e essa liberdade que justamente ambicionamos, não a conquistamos accitando resignadamente os decretos de um despota qualquer; não a conseguiremos em quanto não bebamos das fontes da espiritualidade e da cultura e enquanto continuarmos accitando todas as ideias e costumes sem mais razões do que aquellas que a maioría acata, sem as termos feito passar em antes pela nossa reflexão.

Não continuemos a ser por mais tempo as eternas conservadoras e as mais entusiastas defensoras da tyrannia e da superstição!

Nós, se quizermos ser livres, o seremos se nos dispuzermos á luta, desprezando a opinião dos pobres de espirito que tremem ante tudo que tende a crear, a renovar, a embellezar a vida.

Sacudamos esse profundo marasmo que nos impede de viver! Arrojemos para longe, com o alento poderoso da idealidade, os miasmas venenosos que gravitam no ambiente e que ameaçam asphixiarnos! Não suffoquemos o grito que nos chegar aos labios! Não desviemos os olhos das misérias da vida para nos embrenharmos na incerteza do sonho, porque a triste realidade nos arrancará do exthase celestial, e o despertar será mais amargo. Lutemos para que desapareça da face da terra a mulher escrava para dar lugar á mulher livre, adornada pelos attributos que presta á belleza feminina, a cultura e a justiça.

MARIA ALVAREZ.

isto será deshonroso para vós, mas unicamente honroso porque vos dará a consciencia de mulheres livres. Não esperéis que outros façam por vós o que vos cabe fazer porque a nossa emancipação só poderá ser obra de nossos esforços.

Olga Castro

No curso da nossa existencia, vemos e observamos coisas que, francamente, é de admirar que haja seres tão cegos mentalmente, para negarem á mulher o direito de pensar e ter ideis proprias.

Alegando que lhe basta lavar, varrer e coser e nada mais. Enquanto a preocupar-se com os problemas sociaes, isto nem se pensa.

Todo o seu raio de acção se limita a cuidar de seus filhos e manter a sua casa o mais correcta possivel, como si o pensar racionalmente e preocupar-se com a classe operaria impedisse que a mulher cuidasse do seu lar e do fructo do seu amor.

No meu entender, uma mulher de cerebro cultivado sempre será mais apta para o lar, principalmente tendo-se em conta a missão de que, como mãe, está encarregada.

Ella, a mulher, a principal educadora das crianças de hoje e dos homens de amanhã, é a encarregada de guiar seus primeiros passos pelo caminho da vida.

Como hade despertar a intelligencia da criança e ensinar-lhe a criar uma consciencia? Se em seu cerebro não penetrou a luz de uma ideia, que coisa ha de inculcar-lhes se não velhos prejuizos e antiquados costumes?

Nestas condições, que beneficio proporcionam á humanidade e a ellas mesmas?

Nenhum, seguramente. Mas, os que assim pensam, "os debeis de espirito", os que não conhecem senão caminhos já trilhados, não admiram o beneficio e o progresso que tal perfeição moral proporcionar á causa operaria, por ser ella a mais prejudicada por esse atraso. Só vêm uma coisa, isto é, que a mulher, ao elevar-se á altura de seres pensantes, deixaria de ser a escrava incondicional do homem e isto não lhes agrada.

Porque, bem pensando, quem com mais motivos do que nós, mulheres, para protestar contra o actual estado de coisas?

Não somos tão exploradas nas fabricas e officinas? Porque pois, enquanto elles procuram livrar-se por todos os meios ao seu alcance, da exploração de que são objecto, a nós querem negar o direito de tomar parte activa nas luctas sociaes? Que argumentos apresentam os que vêm com maus olhos a emancipação moral e economica da mulher?

Vejamos. "Somos inferiores mentalmente, ao homem" e portanto devemos permanecer submissas e obedientes a quem o ordenar.

Lancem sua vista os que assim pensam, pelo amplo scenario da vida e verão mulheres que em épocas diferentes, souberam collocar-se, por seus dotes intellectuaes, á altura do homem, quer seja em literatura, medicina ou nos diferentes ramos da sciencia. E' um numero reduzido? Bem.

Mas é preciso ter em conta que a educação que até o presente a mulher tem recebido é efficiente, deixa muito a desejar. Isto sommado aos obstaculos que em seus passos devido a falsas crenças e costumes antigos, torna mais meritória e bella sua obra. Quer dizer que si se educasse a mulher igualmente como o homem, seria como elle, intelligente e valorosa.

Porém, deixemos os negadores do valor intellectual e moral da mulher. Sigamos nós, as que lutamos por uma humanidade mais livre, mais avançada e que não concebemos uma sociedade onde o homem seja como actualmente, o amo senhor da mulher, mas sim, onde tudo seja harmonia, amor e liberdade, quer dizer, iguaes direitos e iguaes deveres. Por enquanto estejamos firmes na luta para demonstrar á face do mundo que não somos seres frivolos, de cabeça oca, incapazes de uma ideia ou acção propria, mas sim, pelo contrario, que não tememos pensar altivamente.

Fidela Cuñado

GILKA MACHADO

POR ADRIANA CALÓ

Gilka da Costa Melo Machado nasceu em 12 de março de 1893, no Rio de Janeiro, e faleceu na mesma cidade em 1980. Desde criança tinha inclinação artística, que herdou de seu ambiente familiar. Seu pai era poeta, a mãe e tias atrizes de teatro e radioteatro, e o avô materno poeta, apelidado de Bocage brasileiro. Em 1910 Gilka se casou com o poeta e crítico de arte Rodolfo Machado, com quem teve dois filhos, Hélios e Heros. Conhecida como Eros Volúsia (1914-2004), sua filha, dançarina e atriz, projetou-se internacionalmente ao desenvolver coreografias próprias unindo balé clássico e ritmos brasileiros. Eros é mais um nome expressivo, porém pouco conhecido, de uma mulher ofuscada pela historiografia brasileira. Em 1910 Gilka Machado participou da fundação do Partido Republicano Feminino, que tinha o objetivo de representar e integrar as mulheres na sociedade política.

Crístais partidos (1915), seu primeiro livro, não foi bem aceito pela crítica. Seus versos foram considerados escandalosos para o período, afinal a mulher carregava o fardo de manter a “moral e os bons costumes” da família. Como ela escreveu para a *Gazeta de Notícias* em 1924: “Houve dentre os meus juízes opiniões inteiramente contraditórias: dos que, desconhecendo por completo minha pessoa, acusavam-me de andar pelo club dos Diários, ostentando a minha nudez, e a daqueles que, informados de minha pobreza, atribuíram a suposta brutalidade das expressões da minha arte à minha vida plebeia”. Mesmo com sua liberdade poética vigiada e mal compreendida, Gilka não desistiu e rompeu com as barreiras do decoro público, chocou a sociedade ao continuar publicando sobre as paixões e desejos proibidos à mulher.

Em 1923, com a morte do marido, Gilka passou dificuldades financeiras, criou sozinha os filhos e abriu uma pensão, frequentada por intelectuais e artistas. Em 1933 foi considerada a maior poeta do século XX em concurso promovido pela revista *O Malho*. Quando de sua morte, em 1980, Drummond escreveu para o Jornal do Brasil: “Seria falso dizer que a poesia de Gilka era puro sensualismo. Com elementos simbolistas em sua formação, tinha também algo de misticismo, e às vezes acusava preocupações de ordem social, chegando a uma espécie de anarquismo romântico”.

Gilka Machado não era da elite, não foi criada em salões literários, como outras escritoras da época, mas sim no meio artístico. Sua condição social - de classe, raça e gênero - era desigual em relação a nossa elite literária, branca e masculina, e seguramente isso influenciou para ser mal recebida e malvista pela crítica de então, sendo seus versos julgados pornográficos e pouco eruditos. Uma grande poeta que enfrentou o machismo, o conservadorismo e o racismo e fortaleceu-se mesmo com a censura e merece ser mais lida e valorizada em nossa poesia brasileira!

REFERÊNCIAS GILKA MACHADO. CRYSTAES PARTIDOS. REVISTA DOS TRIBUNAES, 1915. | GILKA MACHADO. POESIAS COMPLETAS. CÂTEDRA; INL, 1978.

O POEMA DE GILKA MACHADO EM ESPANHOL FOI UM EXERCÍCIO-HOMENAGEM DE TRADUÇÃO DE FERNANDA GRIGOLIN E VALÉRIA MATA

::PÁGINA ESQUECIDA::PÁGINA OLVIDADA
Gilka Machado (1922, Mulher nua)

Traço estas linhas preguiçosamente;
Trazo estas líneas perezosamente;
os olhos cerro, de quando em vez,
cierro los ojos, de cuando en vez,
para não ver, para te ver, talvez.
para no ver, para verte, tal vez.
sinto que vive, por esta hora humente,
siento que vive, en esta hora humente,
*qualquer cousa animal na minha tez.
cualquier cosa animal en mi tez.
tenho flexões de gata e de serpente.
tengo flexiones de gata y de serpiente.

Estás dentro da minha conjectura,
Estás dentro de mi conjetura,
e se há tão longo tempo me não vês,
y si hace tanto tiempo no me ves,
vejo-te bem, por esta noute escura;
te veo bien, en la oscuridad;
vejo-te sim! dirás: “Uma ilusão!”
¡te veo! dirás: “¡Una ilusión!”

vejo-te sempre! e os olhos cerro, e, então,
¡te veo siempre! y cierro los ojos, y, entonces,
minhas pálpebras têm toda a ternura
mis párpados tienen toda la ternura
de dous lábios que um beijo reunisse:
de dos labios que un beso reuniera:
meus olhos beijam-te a visão.
mis ojos te besan la visión.

No vestido que trago
En el vestido que traigo
há um macio debrum, debrum de arminho;
hay un suave reborde, reborde de armiño;
este vestido, em qualquer parte,
este vestido, en cualquier parte,
faz-me sentir-te, faz-me gozar-te
me hace sentirte, me hace gozarte
roçando-me a garganta, de mansinho,
rozandome la garganta, de mansedumbre,
de um modo quase etéreo, muito vago.
de un modo casi etéreo, vagamente.

Acham-me todos diversa, estranha,
Me encuentran todos diversa, extraña,
sempre que este vestido me acompanha.
siempre que este vestido me acompaña.
Assim feito, enfeitado numa boa,
Así hecho, amarrado frescamente,
este vestido (devo t’o dizer)
este vestido (debo decirlo)
me enlanguece, me acarinha, me atordoa
me desarma, me acaricia, me atormenta
e me sufoca de prazer.
y me sufoca de placer.

Traço estas letras serpentinamente,
Trazo estas letras serpentinamente,
as suas curvas te descreverão
sus curvas te describirán
as indolências que meu corpo sente.
las indolencias que mi cuerpo siente.
Além, no vácuo do ar, na amplitude da noute,
Además, en el vacío del aire, en la amplitud de la noche,
arrepiando a mudez dormideira do ambiente,
arrepentido de la mudez dormida del ambiente
o inverno passa, tremulamente,
el invierno pasa, temblamente,
procurando o calor de uma alma onde se acoute.
buscando el calor de un alma donde se abrigue.
se eu lhe pudesse abrir meu coração!
¡si yo pudiera abrir mi corazón!

Escrevo-te e quisera te esquecer;
Te escribo y quisiera olvidarte;
escrevo-te consciente da loucura
te escribo consciente de la locura
de te querer
de quererte
Vem do solo, vem do ar, vem de todos os lados,
Viene del suelo, viene del aire, viene de todos lados,
um frio que me cerca, me procura,
un frío que me rodea, me busca,
emprestando ao calor da anciã que me tortura
prestando calor de la anciana para que me torture
arrepios elétricos, gelados.
escalofríos electricos, helados.

Escrevo-te emaciada de meiguice,
Te escribo suavizada de docilidad,
na funda excitação de uma enorme saudade,
en la honda excitación de una enorme nostalgia,
sentindo toda a lírica velhice
sintiendo que toda la lyrica vejez
do inverno se espasmar na minha mocidade.
del Invierno a espasmarse en mi juventud.



CHICANA-NA::TEJANA-NA::DE CLASE TRABA-

JADORA::POETA::TORTILLERA::FEMINISTA::ESCRITORA::TEÓRICA::ENTRE MUNDOS::

POR BIA VARANIS

Gloria Anzaldúa politizou e teorizou sua presença na fronteira dos Estados Unidos com o México. Pensadora ativa, publicou poesia, ficção, livros infantis e ensaios abordando temas que transpassam a fronteira, o queer, as identidades e as possibilidades. É sobre isto que Gloria fala: transbordar tudo o que está dado por certo e normatizado. Nasceu no dia 26 de setembro de 1942, em Raymondville (Texas/Estados Unidos). Passou parte da sua vida na cidade de Jesús Maria, também fronteira, onde trabalhou como professora de educação pré-escolar. Mudou-se para Austin, onde estudou Inglês e Educação na Universidade do Texas, e seguiu a carreira docente na Califórnia. Sua obra teórica mais conhecida, *Borderlands/La Frontera*, é uma mescla de inglês e espanhol, de poesia, autobiografia e análises históricas. Anzaldúa praticou em sua obra a denúncia à colonização das línguas, das identidades e dos pensamentos. Em 1980, ela escreveu na “Carta para mulheres do terceiro mundo” estas palavras: “A mulher do terceiro mundo se revolta:

Nós anulamos, nós apagamos suas impressões de homem branco. Quando você vier bater em nossas portas e carimbar nossas faces com ESTÚPIDA, HISTÉRICA, PUTA PASSIVA, PERVERTIDA, quando você chegar com seus ferretes e marcar

PROPRIEDADE PRIVADA em nossas nádegas, nós vomitaremos de volta na sua boca a culpa, a autorrecusa e o ódio racial que você nos fez engolir à força. Não seremos mais suporte para seus medos projetados. Estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificiais e bodes expiatórios”. A carta foi traduzida ao português pela *Revista Estudos Feministas* em 2000.

CRÉDITO IMAGEM INVASORIX, ERMITAÑIX (GLORIA ANZALDÚA) DEL TAROT FEMINISTA CUIR, 2015

REFERÊNCIAS GLORIA ANZALDÚA. BORDERLANDS/LA FRONTERA: THE NEW MESTIZA. 4TH EDITION. AUNT LUTE BOOKS, 2012. | GLORIA ANZALDÚA. COMO DOMAR UMA LÍNGUA SELVAGEM. CADERNOS DE LETRAS DA UFF – DOSSIÊ: DIFUSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA, N. 39, 2009. TRADUZIDO POR: JOANA PLAZA PINTO, KARLA CRISTINA DOS SANTOS. REVISÃO DA TRADUÇÃO: VIVIANE VERAS. | GLORIA ANZALDÚA. FALANDO EM LÍNGUAS: UMA CARTA PARA AS MULHERES ESCRITORAS DO TERCEIRO MUNDO. REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS, FLORIANÓPOLIS, VOL. 8, N. 1, PP. 229-236, 1º SEM. 2000.

I am a border woman. I grew up between two cultures, the Mexican (with a heavy Indian influence) and the Anglo (as a member of a colonized people in our own territory). I have been straddling that tejas – Mexican border, and others all my life. Hatred, anger and exploitation are the prominent features of this landscape.

Gloria Anzaldúa (2012)

A primeira vez que ouvi duas mulheres, uma porto-riquenha e uma cubana, dizerem a palavra “nosotras”, fiquei chocada. Eu nem sabia que essa palavra existia. Chicanas usam “nosotros” sejamos machos ou fêmeas. Somos privadas do nosso feminino pelo plural masculino. A linguagem é um discurso masculino.

Gloria Anzaldúa (2009), traduzido por: Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos; revisão da tradução: Viviane Veras.

QUANTAS LETRAS SÃO NECESSÁRIAS PARA A DESCOLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO? AEANFDC: UM COLETIVO DE ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS NEGROS, LGBTQI+ E DIASPÓRICOS

POR NATHANAEL ARAÚJO

Em 2016, a parceria entre a Tenda de Livros, a Edições Aurora / Publication Studio SP e Zerocentos Publicações / coletivo OcupaCidade deu origem ao Projeto Publicadores, uma tentativa de mapeamento do cenário contemporâneo de “arte impressa independente” na América Latina. O projeto propôs a elaboração de uma pesquisa voltada para a construção do perfil dos publicadores (editores, pesquisadores e artistas); um encontro com parte desses profissionais de arte para debaterem esses aspectos; e a publicação em livro com o registro de todo o material daí decorrente.

Foram aplicados 310 questionários, agrupados e apresentados em encontro, ocorrido em setembro do mesmo ano, na Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo. Destaco o fato de três perguntas do questionário terem gerado questionamentos, tanto *on-line* quanto presencialmente, a saber: quais eram as identidades de gênero, orientação sexual e raça/etnia dos respondentes. Se a indagação por escrito não possibilitou entrever densidades, para além de “qual a relevância disso?” ou respostas do tipo “dependem do meu humor”, as falas de alguns publicadores presentes permitiram vislumbrar a lógica por meio da qual a legitimidade sobre a aferição das informações solicitadas era feita.

O debate gerado pelos questionamentos expostos durou e atravessou todas as mesas de discussão. O incômodo expresso pelos que alegavam não se sentirem bem por terem de informar suas identidades de gênero, orientação sexual e raça/etnia explicitava, sobretudo, uma incompreensão. Esta dizia respeito à impossibilidade de pensar artistas e obras como oriundos de um “dom natural”, mas fruto de experiências concretas de indivíduos, em dada sociedade, atravessadas por marcas sociais de diferenciação que, frequentemente, são tomadas como modo de produção de desigualdades.

Foi precisamente esta mesma incompreensão que senti ter ficado evidente quando, durante a 7ª edição da Plana Festival Internacional de Publicações de São Paulo, ocorrida em março de 2018, na Cinemateca, um grupo de jovens negros munidos de cartazes emergiu com gritos de indagação enquanto circulavam pelo

público e mesas dos expositores: “Onde estão os negros aqui?”, “Cadê os editores negros?”, “Onde estão as nossas histórias?”. Tais indagações consolidavam a emergência do coletivo Ambiente de Empretecimento da Arte Nacional a Favor da Descolonização Cultural (AEANFDC), atualmente composto por trinta artistas negros/negras/negres, LGBTQI+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais, e mais) e diaspóricos distribuídos nas mais diversas frentes de expressão artística.

À impossibilidade de escapar da ideologia do “dom natural” somava-se, então, a incompreensão de que os questionamentos eram feitos à revelia da presença de um ou dois negros/negras/negres, LGBTQI+ e diaspóricos entre os mais de duzentos participantes da feira (entre editoras, coletivos de artistas, palestrantes e artistas individuais). Os chamados “assaltos à cultura”, modo como os componentes do AEANFDC se referem a esse fato, não são inteligíveis se compreendidos como um ataque pessoal a uma ou outra atividade, a uma ou outra instituição, a um ou outro curador/organizador/coordenador/diretor. Essa movimentação reivindica ser, antes de tudo, uma ação coletiva de combate às estruturas artísticas e culturais impregnadas pelo racismo, elemento estrutural da sociedade brasileira. Além da raça, gênero, sexualidade, classe e região operam como filtros de seleção que acabam decidindo sobre quem pode ou não usufruir determinados pontos de criação e fruição, de espaços e circuitos legitimados.

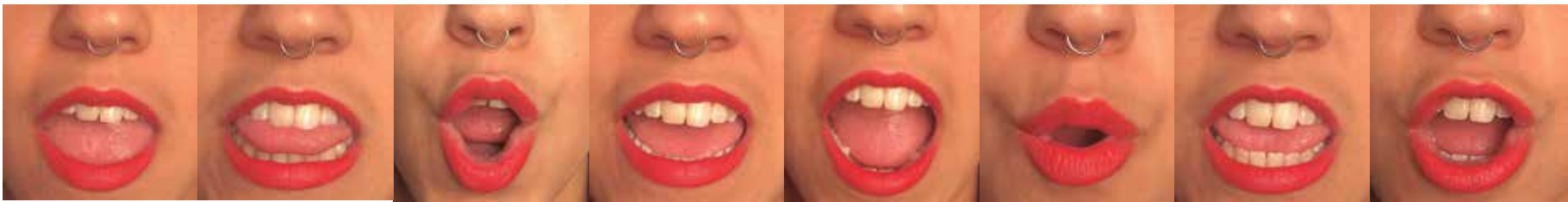
E por isso a importância da realização do ato Enegrecídio, ocorrido no setor Performance da 14ª edição da SP-Arte, em abril de 2018, no Pavilhão da Bienal. Sob a curadoria de Paula Garcia e em parceria com o também coletivo Brechó Replay, o AEANFDC realizou uma performance em que corpos negros em movimento produziam uma narrativa em meio à presença de 132 galerias nacionais e internacionais de arte e 33 expositores de design, além do público. Era uma resposta parcial do coletivo às perguntas que haviam feito na Plana: os assassinatos de pessoas no Brasil têm cor, gênero, sexo, idade, classe e ocorrem maciçamente em determinadas

regiões da cidade; e a presença de nossos corpos em espaços como este desestabiliza silenciamentos e apagamentos produzidos por aqueles cujas vidas parecem valer mais do que as nossas.

Na 20ª edição da Tijuana, ocorrida na Casa do Povo em agosto de 2018, um passo a mais foi dado frente aos questionamentos e à presença por via do “assalto”. Iniciativa da Galeria Vermelho, desde 2009 a feira tem sido responsável por reunir editoras e coletivos nacionais e internacionais em torno do livro de artistas e demais tipos de “arte impressa”. Enquanto uma parte da curadoria continuou com as organizadoras do evento, outra parte coube ao coletivo AEANFDC e conformou o ato Arquivo Negro.

Iniciado meses antes, o ato envolveu um processo de chamada de artistas, avaliação de trabalhos já concluídos, seleção de ideias a serem materializadas e formação na Escola Efêmera de Artes Visuais e Publicação. Destinada esta à imersão em processos artísticos, doze profissionais atuantes no mercado nacional das artes conduziram cursos de processo criativo, curadoria, direção de arte, texto, narrativa visual, técnicas de impressão e encadernação ocorridas no espaço da Oswald de Andrade.

Atuações como as do AEANFDC confluem para um processo contínuo de complexificação dos “territórios das artes”, seja no que se refere ao embate com instituições de reconhecido prestígio, seja no que concerne à lógica espacial, em que a dicotomia centro/periferia opera como limites segregacionistas. As contribuições dos movimentos feministas (sobretudo do feminismo negro) e LGBTQI+ se revelam pungentes e urgentes para apreensões estéticas, sociais, históricas e políticas com as quais e contra as quais o campo das artes e da cultura encontra-se atravessado e constituído. Trata-se de colisões, deslocamentos, desaprendizagens que tornem as impossibilidades e incompreensões apresentadas no começo deste texto apreendidas e incorporadas como agenda de luta de todos. Uma aposta de que, na imbricação da arte com a vida, seja possível fazer da vida uma obra de arte.



REBELDÍA Y SOLIDARIEDAD

VETE ORTEGA-MURILLO,
PERFORMANCE DE
PAULA MONTERREY,
REGISTRO DE
BÁRBARA CHAMBON

POR PAULA MONTERREY CON MARLEN CHOW CRUZ

A Associação de Mulheres Nicaraguenses Pico Rojo (Boca Vermelha) irrompe em outubro do ano passado na subversiva resposta da socióloga e ativista feminista Marlen Chow Cruz aos carcereiros que a interrogaram após ser detida quando estava a caminho de uma manifestação em Manágua, Nicarágua.

As reações contra o regime do casal Daniel Ortega (presidente) e Rosário Murillo (vice-presidente) tomam as ruas do país e são reprimidas por forte violência de estado. Movimentos feministas e as mulheres nicaraguenses são grandes críticas dos abusos do regime, como o Movimento Autônomo de Mulheres da Nicarágua, do qual Marlen faz parte e que há mais de dez anos vem denunciando as violações e truculências do atual governante, como conferido em pronunciamento do movimento em 2018.

As mulheres da Nicarágua tiveram importante participação na derrubada da ditadura de Somoza,

nas décadas de 1970 e 80, alinhadas com as Forças Sandinistas de Liberação Nacional. Porém a partir dos anos 1990, período de transição política, surge o movimento autônomo contra a subordinação das pautas das mulheres à agenda política do estado e para a criação de uma identidade própria do movimento, como compartilham Elvira Cuadra Lira e Juana Jiménez Martínez sobre o histórico do movimento de mulheres e as lutas por direitos na Nicarágua. Desde então não demonstraram medo em opor-se aos antigos aliados, ditos socialistas, na defesa de uma vida livre e digna, sem violência para todos os nicaraguenses. Uma marca da constante atenção dos movimentos feministas, principalmente latino-americanos, a toda e qualquer contradição e violência que reproduzam relações de poder patriarcais e que violem os direitos da população, mesmo entre governantes ditos progressistas e socialistas. A rebeldia e a

solidariedade são nossas armas contra os que se opõem aos direitos e à liberdade.

PM: Me gustaría saber más sobre el contexto actual de Nicaragua, ¿qué te parece lo más importante de este momento político?

MC: Después de nueve meses del recrudecimiento de una crisis política, en la cual una resistencia pacífica en defensa de la naturaleza y de los jubilados, que inició con una protesta estudiantil reprimida militarmente por el régimen, tiene un saldo de una ola de asesinatos que al iniciar el 2019 supera más de quinientas personas, más de setecientas en prisión y más de mil desaparecidas. El cierre de medios independientes, el exilio de miles de nicaragüenses –incluidos periodistas–, el desempleo galopante y el cercenamiento de todas las libertades públicas refleja la realidad del país en franco deterioro en todos los aspectos. La rebelión ciudadana es producto del rechazo de la población a

las mentiras del régimen de Ortega-Murillo que, asumiendo un discurso revolucionario, ha cometido delitos graves que van desde los fraudes electorales hasta la corrupción más descarada propia de una mafia peligrosísima que ha convertido a Nicaragua en un Estado fallido. La comunidad internacional tiene cero tolerancia a los abusos cometidos por el régimen Ortega-Murillo, y aunque estamos totalmente seguros que se caerán por decisión de este pueblo sublevado, reconocemos la comprensión, la justa apreciación de los delitos de lesa humanidad de esta dictadura criminal en el exterior. Gobiernos que se autoproclaman socialistas, sobre todo de América Latina, les han mantenido el apoyo o por ser socios en negocios de naturaleza dudosa o porque quieren aparecer como neutrales ignorando los crímenes cometidos en nombre del socialismo. Es un clamor general el adelanto de las elecciones

para lograr un ambiente democrático que nos permita salir del desbarajuste político y económico en que está sumida Nicaragua con esta dictadura que ya tiene 10 años. Y en esta lucha hay un aspecto muy importante como es el fortalecimiento de una cultura de paz que ha logrado mantener la resistencia cívica hasta el día de hoy.

PM: Desde el 14 de octubre, cuando te secuestraron por parte del gobierno junto con otras personas a camino de una marcha, has usado el sarcasmo para intimidar al poder desde la cárcel en El Chipotle. ¿Podrías compartir qué pasó?

MC: Cuando me capturaron yo portaba una pequeña mochilita de tela que no lograron quitarme porque se notaba poco a mis espaldas. Al recostarme a la pared yo sentí algo y pronto pensé: “me echaron un cartucho de escopeta estos malditos...” para imputarme cargos como usualmente lo hacen con las personas

capturadas. Palpé y sentí un pintalabios rojo que me había regalado una amiga y que tenía días de andar en la mochila. “Ahhh, me dije, con esto tengo que quitarle la paciencia a estos guardias,” y disimuladamente lo saqué y me pinté los labios, luego se lo pasé a las otras mujeres y de pronto todas estábamos con los labios pintados en rojo. En los interrogatorios estaba la pregunta “¿a qué organización pertenece?”, a la que contesté en voz alta: a la organización de mujeres Pico Rojo. Todas comenzamos a decir lo mismo ante el desconcierto de los interrogadores. Esta fue solo una manifestación de protesta de las mujeres, ya que hacíamos un gran ruido cuando pasaba un soplón (sapo) vestido de civil y tomándonos fotos; gritábamos clamando por agua, cantábamos los salmos de Ernesto Cardenal y otras canciones.

PM: La situación del Pico Rojo en El Chipotle como un gesto de rebeldía ha tomado horizontalmente

diferentes perfiles en redes sociales comprometidos y en solidaridad con el pueblo de Nicaragua y con los presos políticos. ¿Qué papel crees que tiene la Rebeldía y la Solidaridad en la resistencia a las represiones y en la lucha por la libertad?

MC: Cuando salí de la cárcel, conté la anécdota rebelde a los medios y sorprendentemente la Asociación Pico Rojo comenzó a crecer en todo el mundo. - Los hombres se afiliaron, las fotos de picos rojos con bigotes y barbas, artistas, académicos, gente de todas las edades y sectores sociales. Surgieron canciones de Pico Rojo con ritmos variados. Las universidades de diversos países enviaban fotos en las aulas de clases, todas con pico rojo. Definitivamente, Pico Rojo estaba contribuyendo a dar a conocer la lucha del pueblo nicaragüense, la gente quería saber más de lo que pasaba en Nicaragua. Prohibieron que las trabajadoras de las oficinas gubernamentales

se pintaran de rojo. A más de alguna señora que fue a hacer sus gestiones a esas oficinas le negaron la atención. Grupos de mujeres caminan a paso rápido por los centros de compras con sus picos rojos y ante la admiración de la gente.

PM: ¿Por qué temen a nuestros picos rojos?

MC: Porque simbolizan rebeldía. En Nicaragua las niñas “educadas” no se pintan los labios de rojo porque “parecen putas”. Somos pues transgresoras y transgresores que estamos al lado de la gente que sufre prisión, de sus madres y familiares, de las que perdieron a sus hijas e hijos, de las que aún buscan a los desaparecidos, de los exiliados y de los que estamos aquí hasta la caída de la dictadura Ortega-Murillo. Los plantones de mujeres pico rojo son perseguidos por grupos de guardias armados, somos testimonios de la ineludible lucha de las mujeres por la justicia y la libertad.

(a) **Hendu** - (vb.) (v. asp.) ouvir,
escuchar.

• **Hendu**ha. Ouvinte.

• **Ahendu** heta mba’e. **Escucho**
muchas cosas.
• **Ahendu** nde sapukái. **Escuto**
o teu grito.

Relato

Admirável,
surpreendente.
• **Hendupyre**. Escuchado.

• Iképerõ guáicha o**hendu**
peteĩ ñe’ẽ. Como si fuera um
sonho **escuto** una voz.
• Na che **rendúi** piko? Não
me **ouves**?
• **Ouve** porã.

• Pe kirirĩ apytépe a**hendu**
ysyry ñe’ẽ. No meio do silêncio
escuto a voz do córrego.

• Sapy’ante tekotevẽ
ñakirirĩnte ña’ña **hendu** haguã.
Às vezes, é necessário ficar
em silêncio para ser **ouvido**.

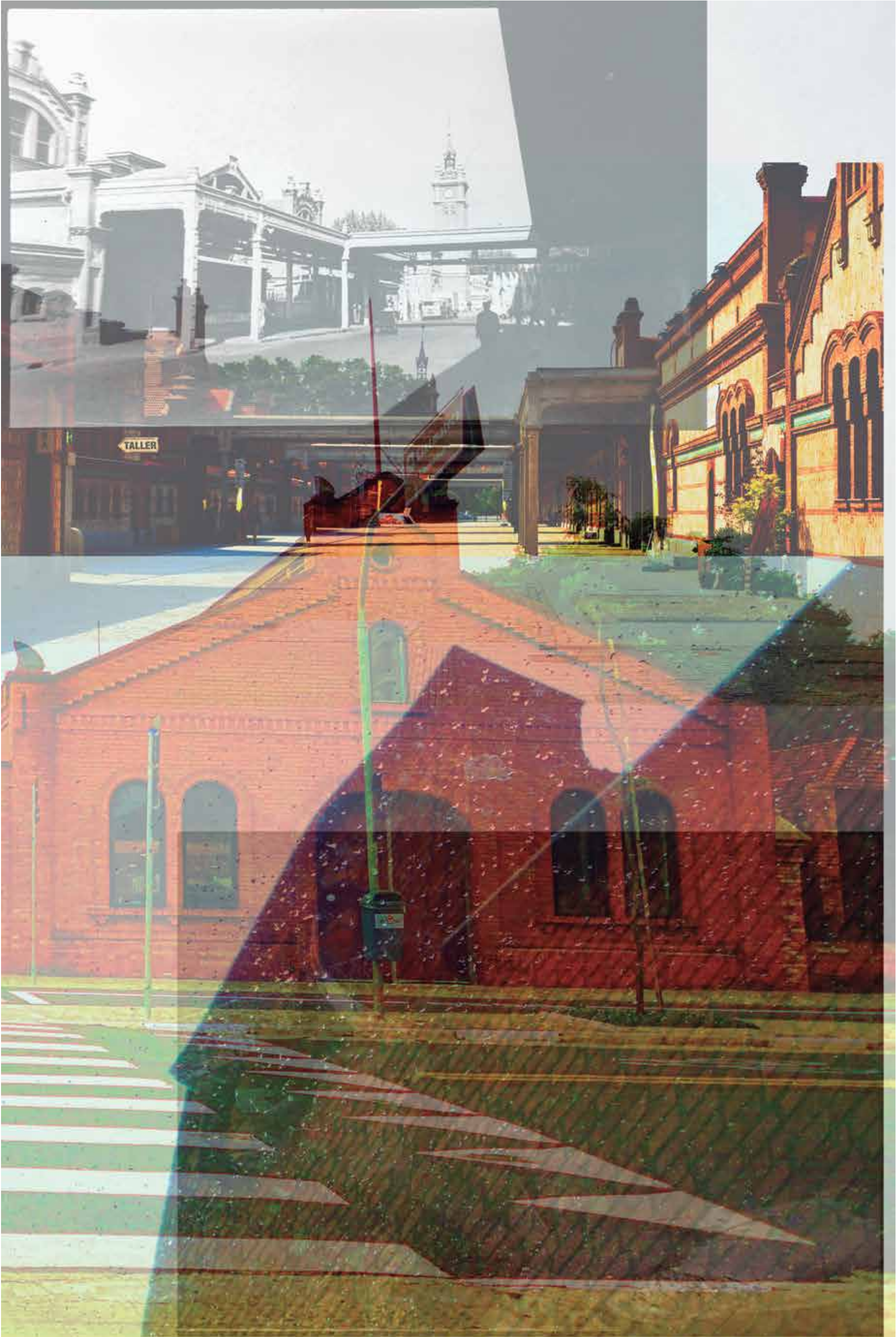
Ñe’ẽ - (1) (subst.) língua, idioma, palavra, verbo,
vocábulo, conversação, linguagem, idioma,
canto dos pássaros e voz de alguns animais.
(2) (vb) falar, expressar-se, conversar,
empregar um idioma ou língua.

- **Ñe’ẽ** kyhyje. Palavra dita com medo.
- **Ñe’ẽ** kyra. Palavra gorda, a mentira.
- **Ñe’ẽ** sa’i. Palavra alegre, dita com os
olhos apequenados.
- **Ñe’ẽ** syry. Palavra que sai com
facilidade.
- **Ñe’ẽ** rovaícha. Palavra dita de frente,
palavra que responde.
- **Ñe’ẽ** ndo’y. Gaguejo.
- **Ñe’ẽ** monde. Vestir a palavra.
- **Ñe’ẽ** ã’ã. Imitar a palavra.
- **Ñe’ẽngu**. Comer as palavras.
- **Ñe’ẽ mokõiha**. A segunda língua.
- **Ñe’ẽjopara**. Misturar um ou mais
idiomas, castelhanizar ou aportuguesar
o Guarani.

Mbohasa - (vb.) fazer alguém passar,
fazer atravessar. Traduzir.

- **Mbohasaha**. Passagem.
- **Mbohasahára**. Tradutorx, quem
traduz.
- Ñe’ẽ**mbohasa**. Tradução.
- **Hasaha**. Quem passa, caminhante.





Vivir es pasar de un espacio a otro haciendo
lo posible para no golpearse.
(Georges Perec)

el corpo es rio largo entre orillas.
llevo rajadas de una deslengua
camino com mi útero abierto
atravesso mujeres
me regalan su admapu
Es mío es tayu

cáscaras de otras que hecha soy yo
mi cuerpo es casa en travessia.
con mi útero abierto
llevo punto en la vagina

migrante pari hija
salió de pichin a pichin
sangre de otras sangres
hecha de hielo y copihue
cocida en fogueira mapuche
habla mapudungun

en la orilla
me gritaron extranjera
acento temblando entre dientes me fui
hecha de sudor y cahuín

me gritaron negra
negra me gritaram en la calle
me disseram cochina
cochina me disseram em la universidad

ni tu tesis
ni la mía
de ti no aceitaram la chillca
la mía nunca se pudo publicar
un cuerpo en el cruce.
narrar a si misma
decirte prieta sem dudar

cochina y negra al telar
de negro estamos todas
alrededor hay más de una
más de lo que puedo contar

me creía gente del sur
no era yo la huiliche
tampoco me deixaram entrar
al llegar me deram uma lupi
me pedíram para cantar
mostrarme una gran Mache
y me puse a gritar

me disseram
eres de tiye e de faw
piensas que tienes el karma del sur
pero no
ya no eres sureña
eres algo que no nombramos acá
tampoco puedes voltar

extirpo os genitales
enterro aos piés de Lautaro
mi cuerpo otredad.
soy la unión de los contrarios
escorro fissuras al desaguar

me acuerdo de ti
de tu muerte al borde
cuerpo deslenguado.
el lado inconcluso
te invito a jugar

Pongamos arañas em las manos de las guaguas. Que los hilos cresçam por entre as marcas dos dedos. Pongamos arañas en las muñecas. Que los hilos tapen todo. Seamos buenas hilanderas. Las arañas con sus hilos cuidan a las guaguas. Las guaguas mueren. Ya no te invito a jugar. Las guaguas mueren al cruzar el borde. Mis guaguas se quedaron al cruce de los cumbres huecos.

Te doy un cuerpo para jugar.
la pluralidad del inche
puedes meter lo que sea
sacar tus ganas
me acuerdo de ti
útero expuesto al sol
no soy la otra
ni lá que está
en el cruce quiero mantenerme sin dudar

me hago entre lenguas
cuerpo tayu.
pele que tapa una pena
cáscara de una otra
este borde
es nuestro hogar
te doy un cuerpo para jugar.
en el cruce
hagamos um cahuín
dejas en el buraleo las penas
en esta revolución podemos bailar.

ANA GAGLIARDO

Glossário Mapudungun

Admapu: el conjunto de las tradiciones

Buraleo: río con numerosas corrientes

Cahuin: fiesta e borrachera

Chillca: escritura, carta o libro

Copihue: flor de los bosques andinos

Faw: aquí

Huiliche: gente del sur

Inche: yo

Lupi: pluma

Machi: curandera, intermediaria entre

la gente y el mundo de los espíritus

Pichin: poco

Tayu: nuestro

Tiye: allá

Laaróyè Èsù!
Egba rà bó ago mojuba rà
Egba Kose
Egba rà bó ago mojuba rà
E mó dé ko e ko
Egba rà bó ago mojuba rà
Lè gbálè èsù loná

Egba rà um be be
Tiriri Lona
Esú Tiriri
Egba rà um be be
Elegbara
Èsù Ajo
A ma ma
Ke o Elegbara

Orisa pa ta
Ago nilé
Ago nilé mó forí gbále
Gbà-là ló jù gbà-là
Ló jù gbà-là
Ará legbé
Ògó Rum Gò
Rum gò
Laaròyé

Ba pàdé olà na e
Mojúbà ójisè
Àwa se àwo
Mojúbá ójisè

Èsù Ajo
A ma ma
Ke o laaròyè
Èsù Soroke
O dara o dara
Ba bá ebó
Esú O
Esú Olona
Mó forí Gbále
Esú O
Gba rá Lò jí ki
Esú Lò bi wa
So so Obé
Odara kolobi ebó
Laaròyé
Àgiri Esú ma na
Le lè àgiri
Àjé ma na
Le lè àgiri
Fí rò ófè
Fé na jò
Àgiri

Elégbára Rewá
Àwa se àwo

A ji ki rè mi èsù
Èsù ka bi, ka bí

Elégbára Èsù
Osá rere rere
O ké Sá bára èsù
O Sá rere rere

Elégbára, elégbára
èsù ará ye
Elégbára, elégbára
èsù ará ye
O wá lè se ilàjà ba
àwo
Lè só ri am-nó
ilèkùn